UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SÉRGIO MIGUEL JOSÉ

ARTES MARCIAIS EM CURITIBA: REFLEXÕES ETNOGRAFICAS SOBRE O HAPKIDO

CURITIBA

2023

SÉRGIO MIGUEL JOSÉ

ARTES MARCIAIS EM CURITIBA: REFLEXÕES ETNOGRÁFICAS SOBRE O HAPKIDO

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação Departamento em Antropologia Social, Departamento de Antropologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Lorenzo Gustavo Macagno

CURITIBA
2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

José, Sérgio Miguel
Artes marciais em curitiba: reflexões etnográficas sobre o hapkido. / Sérgio Miguel José. – Curitiba, 2023.
1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia.
Orientador: Prof. Dr. Lorenzo Gustavo Macagno.

1. Hapkido – Curitiba (PR). 2. Artes marciais coreanas. 3. Antropologia física. I. Macagno, Lorenzo, 1965-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA - 40001016027P9

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **SÉRGIO MIGUEL JOSÉ** intitulada: **ARTES MARCIAIS EM CURITIBA: reflexões etnográficas sobre o Hapkido**, sob orientação do Prof. Dr. LORENZO GUSTAVO MACAGNO, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 02 de Dezembro de 2024.

Assinatura Eletrônica
03/12/2024 14:47:14.0
LORENZO GUSTAVO MACAGNO
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
03/12/2024 17:43:28.0
CELSO DE BRITO
Avaliador Externo (FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ)

Assinatura Eletrônica
05/12/2024 12:14:38.0
MARCOS SILVA DA SILVEIRA
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.
Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 415980
Para autenticar este documento/assinatura, acesse https://siga.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp e insira o codigo 415980

합 기 도

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os professores, instrutores, kiosanins, sabonins, mestres, senseis, praticantes e amantes das artes marciais, sejam elas artes marciais praticadas no Oriente, na Ásia, na África, nas Américas, na Europa ou na Oceania. A todos os pioneiros que não mediram esforços, para que as mais variadas formas de manifestações culturais, em especial através das artes marciais, chegassem até nós, cada uma delas buscando preservar e manter de certa maneira e na medida do possível, suas peculiaridades, importância e beleza. Dedico a todos aqueles (as) que ensinam artes marciais no Brasil, e que assim como eu, a duras penas, na maioria das vezes sem retorno financeiro ou apoio institucional algum por parte do Estado brasileiro, mesmo assim ensinam por amor às suas artes e a cultura. Apesar das inúmeras dificuldades enfrentadas, os professores e mestres têm conseguido contribuir com o país, não só na formação de cidadãos e atletas de alto rendimento, as vezes dedicam-se até mesmo aos treinamentos de artistas marciais de alta perfomance, os quais acabam por representar, suas cidades, seus estados e seu país, nas mais variadas competições, nos mais diversos níveis, inclusive a nível mundial. Por tais contribuições da mais alta relevância, na formação social de seres humanos melhores e transformadores, através da utilização do corpo e da política por intermédio da prática marcial, deixo aqui os meus mais sinceros agradecimentos, e gratidão eterna. Hapki, Oss, Tai.

AGRADECIMENTOS

Eu não poderia apresentar esta obra, sem prestar os devidos e justos agradecimentos, aos meus principais incentivadores, que felizmente não são poucos.

Primeiramente agradeço aos meus pais, mas, sobretudo à minha mãe, que cedeu em seu pequeno apartamento, um quarto para que eu morasse durante os dois anos do curso, aos cuidados dignos de uma mãe amorosa, nos cuidados com as minhas acomodações, com as minhas roupas e minha alimentação diária.

Agradeço a minha esposa, que durante os dois anos do curso de Mestrado, foi privada da companhia e convivência diária, minha e de nossa filha Ana, nas horas mais difíceis, devido a minha mudança e de nossa filha, para a realização de nossos estudos em Curitiba, e que culminou na realização deste trabalho de pesquisa.

Agradeço a todos os meus ex-professores (as) do departamento de Letras francês da Universidade Federal do Paraná, de onde sou egresso, os quais me proporcionaram não só conhecimentos importantes e suficientes da língua francesa, para a minha trajetória exitosa dentro da academia brasileira, e em especial no curso de Antropologia e Arqueologia, mas também pelo apoio constante no transcorrer deste curso, seja durante as nossas conversas, ou nos momentos mais difíceis, no transcorrer das pesquisas e dos estudos antropológicos, referentes ao tema artes marciais.

Agradeço a Coordeção de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento integral da minha pesquisa, através da Bolsa de Estudos, durante os dois anos do curso, sem a qual este trabalho não teria sido possível.

Agradeço a todos os integrantes da Equipe de **Hapkido Hunter Tiger** de Curitiba, na pessoa do meu Sabonin James Soares, meu mestre, companheiro de treino e conselheiro nas horas mais difíceis, durante os nossos treze anos juntos nessa caminhada, aos amigos e colegas de treinos, dos menos graduados até aos mais graduados, aos faixas-pretas, aos mestres e alunos entrevistados durante a pesquisa, e pelas colaborações que recebi em todos os sentidos, para que esta pesquisa chegasse a bom termo.

Meus sinceros agradecimentos aos integrantes da banca de Qualificação, professora Dra. Laura Pérez Gil e ao professor Dr. Marcos Silva da Silveira, pelas dicas e pontuamentos providenciais que se faziam necessários, durante a banca de Qualificação, para o êxito acadêmico desta pesquisa etnográfica antropológica.

Agradeço aos amigos e colegas de turma do curso de Mestrado em Antropologia/Arqueologia turma de 2022 da Universidade Federal do Paraná, aos mestrandos e

doutorandos, a todos os professores (as) do departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Paraná sem execões, com os quais estudei, ou tive algum tipo de contado direto ou indireto, e que me proporcionaram direta ou indiretamente, aceso a este arcabouço teórico, para a realização e conclusão desta pesquisa, a todos, a minha gratidão.

Por fim, agradeço imensamente ao meu orientador, professor Lorenzo Macagno, por ter aceitado o desafio em orientar-me neste projeto desafiador, pela paciência na condução da orientação da pesquisa, dando-me condições para que eu chegasse até aqui.

Gratidão e fidelidade a Deus sempre.

항상 감사하고 충성합니다. 합키

Gratidão e fidelidade sempre

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma etnografia baseada numa persperctiva teórica da corporalidade, partindo dos estudos sobre a arte marcial coreana Hapkido no Brasil, onde apresentarei realidades exprienciadas por mim no ambiente de academia no bairro Cidade Industrial de Curitiba CIC. Foi com ênfase nos estudos do poder trasformador operado por esta arte marcial, no que tange a trasformação de corpos, mentes e pessoas, que nos propomos a escrever sobre tais temas, tendo o modelo etnográfico de Loïc Wacquant como mote. Abordaremos o tema Hapkido a partir da realidade social vivida na cidade de Curitiba, capital econômica do Estado do Paraná e localiza na região Sul do Brasil, mais especificamente partindo da realidade social do bairro da Cidade Industrial de Curitiba. A capital parananese é conhecida atualmente como uma das capitais dos esportes marciais, devido a sua grande influência no universo do MMA mundial, e contribuição na formação de grandes atletas de alta performace, inclusive com alguns campões mundiais como Anderson Silva, Maurício Shogun, Wanderlei Silva e tantos outros. Curitiba é previlegiada quando o assunto são academias de artes marciais para formação, tal realidade concedeu à cidade o título de celeiro das artes marciais mistas no mundo. Sendo assim, diante de tal realidade abordaremos o tema Hapkido coreano em Curitiba, dentro de um bairro periférico, a CIC. Ótima leitura a todos. Hapki[1]

Palavras-chaves: Hapkido. Antropologia do corpo. Arte marcial coreana.

[1] Hapki: é uma forma de saudação entre os praticantes de Hapkido, quando se comprimentam durante os treinos, fora ou dentro do tatame, ao se encontrem ou ao se despedirem.

ABSTRACT

This dissertation presents an ethnography based on a theoretical perspective of corporeality, starting from studies on the Korean martial art Hapkido in Brazil, where I will present realities experienced by me in the gym environment in the Cidade Industrial neighborhood of Curitiba CIC. It was with an emphasis on studying the transformative power of this martial art, in terms of transforming bodies, minds and people, that we set out to write about these issues, using Loïc Wacquant's ethnographic model as our motto. We will approach the subject of Hapkido from the social reality experienced in the city of Curitiba, the economic capital of the state of Paraná and located in the southern region of Brazil, more specifically from the social reality of the neighborhood of Cidade Industrial de Curitiba. The capital of Paraná is currently known as one of the capitals of martial sports, due to its great influence in the world of MMA, and its contribution to the formation of great high-performance athletes, including some world champions such as Anderson Silva, Maurício Shogun, Wanderlei Silva and many others. Curitiba is privileged when it comes to martial arts academies for training, and this reality has given the city the title of the world's mixed martial arts barn. So, given this reality, we're going to tackle the subject of Korean Hapkido in Curitiba, in a peripheral neighborhood, the CIC. Enjoy your reading. Hapki[1]

Keywords: Hapkido. Anthropology of the body. Korean Martial Art.

RESUMÉ

Cette thèse présente une ethnographie basée sur une perspective théorique de la corporalité, à partir d'études sur l'art martial coréen Hapkido au Brésil, où je présenterai des réalités vécues dans l'environnement du gymnase dans le quartier Cidade Industrial de Curitiba CIC. C'est en mettant l'accent sur l'étude du pouvoir de transformation de cet art martial, en termes de transformation des corps, des esprits et des personnes, que nous avons entrepris d'écrire sur ces questions, en utilisant le modèle ethnographique de Loïc Wacquant comme devise. Nous aborderons le sujet du Hapkido à partir de la réalité sociale vécue dans la ville de Curitiba, capitale économique de l'État du Paraná et située dans la région sud du Brésil, et plus précisément à partir de la réalité sociale du quartier de la Cidade Industrial de Curitiba. La capitale du Paraná est actuellement connue comme l'une des capitales des sports martiaux, en raison de sa grande influence dans le monde du MMA et de sa contribution à la formation de grands athlètes de haut niveau, dont certains champions du monde tels qu'Anderson Silva, Maurício Shogun, Wanderlei Silva et bien d'autres. Curitiba est privilégiée en matière d'académies d'arts martiaux pour l'entraînement, ce qui a valu à la ville le titre de centre mondial des arts martiaux mixtes. C'est pourquoi nous allons aborder le sujet de l'hapkido coréen à Curitiba, dans un quartier de la périphérie de la ville, le CIC. Bonne lecture à tous. Hapki[1]

Mots-clés : Hapkido. Anthropologie du corps. Art martial coréen.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 13
O Hapkido dentro da Antropologia 16
Pressupostos teóricos 24
Minha descoberta do Hapkido: ou uma etnografia pessoal? 27
CAPÍTULO 1 - HAPKIDO: O GLOBAL E O LOCAL 35
Histórias globais: os pioneiros 36
Histórias locais: a chegada ao Brasil e a Curitiba 44
Hapkido e sua relevância dentro dos projetos sociais no Estado brasileiro 47
Uma vida transformada através do Hapkido 57
Código de Ética e disciplina 61
CAPÍTULO 2 – TÉCNICAS DO CORPO 65
As 7 chaves base do Hapkido 65
As funções das duas mãos na perspectiva de Hertz 73
Ainda sobre as técnicas do corpo de Marcel Mauss 77
A arma como corpo e o corpo como arma 83
CAPÍTULO 3 – SIMBOLOS E EMOCIONALIDADES 91
Faixas, cores e significados 91
Alguns juramentos do hapkdoísta 95
O três princípios filosóficos essenciais 97
Reflexões sobre a “articulação do medo” 103
Simbolos de poder: águias e tigres 118
CONCLUSÃO 125
ENTREVISTAS 128
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS 129
APÊNDICE: BIOGRAFIA DOS PRINCIPAIS MESTRES DO HAPKIDO COREANO ... 133

INTRODUÇÃO

> Não é preciso ter olhos abertos para ver o sol, nem é preciso ter ouvidos afiados para ouvir o trovão. Para ser vitorioso, você precisa ver o que não está visível.
>
> Sun Tzu

Esta dissertação é fruto de uma pesquisa bibliográfica e de campo – sobre o universo das artes marciais e, mais especificamente, o Hapkido – que começa a tomar forma ainda no início da elaboração do projeto de Mestrado, com a minha intenção de pleitear uma vaga no Programa de Pós-graduação em Antropologia/Arqueologia do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná no ano de 2022. Vale resaltar que, mesmo com a convivência e familiaridade com o tema escolhido para a pesquisa, tal realidade foi um desafio para meu trabalho pois, como afirma Loïc Wacquant, o relacionamento com o tema gerealmente dificulta ainda mais a pesquisa, devido às barreiras do pesquisador em detectar um estranhamento. Com um olhar mais antropológico neste momento, quiça possa sentir um estranhento que venha enriquecer esta etnografia de maneira imparcial, ao não permitir que a minha relação com os praticantes de Hapkido, e a minha convivência diária durante os treinamentos com professores e mestres de Hapkido e outras artes marciais, que me foram de grande valia para decidir por este tema. Creio que, graças ao aprendizado teórico em sala de aula, em campo, consegui me livrar de alguns preconceitos já cristalizados em nossa sociedade, que muitas vezes infelizmente fazem ideias equivocadas das artes marciais. Descobri, recentemente, não serem poucos os artigos sobre Hapkido, porém pouca pesquisa acadêmica como dissertações e teses, tais estudos podem contribuir para desmistificar tudo aquilo que a televisão nos vende como arte marcial, mas que na verdade não passam de formas e produtos de entretenimento. A pesquisa de campo veio em momento oportuno, porque eu me encontrava em preparação há mais de sete meses para o exame de graduação faixa-preta de Hapkido, após mais de doze anos de prática dessa arte, como integrante da Equipe Hunter Tiger de Hapkido de Curitiba. A equipe Hunter Tiger de Hapkido há alguns anos atrás participava de várias competições além do Hapkido, tais como boxe chinês e Jiu-jitsu submission. Atualmente, a equipe não participa mais de competições, somente ministra aulas e realiza eventos de promoção do Hapkido coreano.

O Hapkido, além de ser uma arte marcial de combate e defesa pessoal, trabalha também outras áreas do conhecimento do corpo humano, tais como **respiração**, **massoterapia** e a terapia **Koryo Sooji Chin**, que nada mais é que uma terapia reflexa de microssistemas, onde as mãos representam o corpo humano, essa terapia é conhecida no Brasil como **Quiroacupuntura**. Trata-

se de uma ciência muito estudada atualmente dentro das universidades coreanas, e difundida no Brasil por alguns mestres praticantes de Hapkido tradicional, tendo como um dos seus maiores expoentes, divulgadores e professor, o engenheiro e Grão-Mestre de Hapkido, Song Un Kim[2]. Os conhecimentos nas áreas de Acupuntura, respiração e Quiroacupuntura são algumas exigências de alguns mestres, dentro dos vários estilos existentes no Hapkido tradicional. Alguns mestres praticantes do Hapkido tradiconal, exigem para a graduação de seus alunos para kiosanin faixa-preta[3] 1º dan [4] algum conhecimento das três áreas que fazem parte da ciência oriental citadas acima, geralmente mais conhecidas no Ocidente como medicina alternativa. Tal exigência não é regra, portanto varia muito conforme a tradição de cada *Dojang* [5]e da escola marcial da qual vêm o mestre.

Tradução da palavra Quiroacupuntura em coreano para o português brasileiro:

Koryo; Coréia

Sooji: Mão e dedo

Chin: Agulha/ Acupuntura

A intenção com esta pesquisa é problematizar a produção etnográfica existente, a partir de um estudo sobre o corpo e as técnicas do Hapkido, praticado no Brasil a partir de um bairro da cidade de Curtiba. No Brasil, o estudo do Hapkido e seus benefícios, sua cosmovisão, a compreensão do corpo e a até mesmo a visão ritualística e espiritual, tem se mostrado praticamente inexistente nos estudos universitários e dentro das academias onde ele é praticado, porque o Hapkido não pode estar associado somente à luta, ao combate ou à defesa pessoal apenas. A partir

[2] 9º dan de Hapkido, 7º dan de Hoi Jeon Moo Sool pela World Hoi Jeon Moo Sool Federation, e 4º dan de Hankido pela Han Kuk Hapki-Hwe (IHF). Mestre Kim também foi bicampeão mundial e medalha de ouro de Hapkido na Coréia do Sul no ano de 1990, medalha de ouro e prata no México em 1993. Kim é fundador da Associação Jinju Kim de Hapkido (FPH), vice-presidente da Global Hapkido Association (GHA), além de ministrar cursos de Acupuntura e Terapia Corporal.

[3] O mestre Jigoro Kano, fundador do judo no fim do século XIX, foi responsável pela criação das fiaxas coloridas. Logo a ideia se difindiu entre os mestres de outras artes marciais e foi adotada por várias modalidades. A princípio ele dividia as turmas em alunos não-graduados, com faixas brancas, e graduados, com faixas pretas.

[4] As faixas pretas são divididas em nove graduações, chamadas de Dan. A primeira graduação é o 1º Dan, e a nona e mais alta graduação é o 9º Dan. No Hapkido a faixa preta de 3º dan para cima é considerado mestre.

[5] Dojang ou dojã, é o local de treino das artes marciais coreanas, como o taekwondo, o boxe coreano e o Hapkido.

do diálogo desenvolvido através dos estudos de uma Antropologia do corpo, com outras bibliografias e áreas afins, apresentaremos o Hapkido de uma forma mais aprofundada.

Segundo Gama (2021), é preciso haver uma interação social entre os vários campos das ciências humanas, das ciências em geral e dos estudos técnicos sobre o corpo. Vejamos o que ele diz sobre o Hapkido:

> "O Hapkido tem demonstrado sua grande relevância no crescimento de grandes nações, na formação de treinadores e na preparação de lutadores e combatentes das forças armadas, ao promover a disciplina, a ordem e a interação social. Conclui -se então, que há a necessidade de uma evolução técnico cientifica, também vinculando diretamente a esta arte marcial, com outras áreas da ciência, tais como a filosofia, a psicologia, a educação física e a medicina esportiva, com aplicações práticas para a sociedade e para as comunidades especializadas em todo os continentes, em especial para os profissionais da área da educação física. Educação esta que poderá utilizar este conjunto de técnicas, como modelo de formação para seus alunos. (GAMA, 2021, p.153-167, tradução nossa).

Nossa pesquisa buscou embasamento em escritos teóricos que falassem sobre a arte marcial Hapkido, e sobre o estudo das técnicas do corpo. Dentre outros, encontrei textos do educador físico, psicólogo, teólogo, psicanalista e professor, Dr. Gama. Talvez Gama (2001) seja um dos poucos da academia que menciona o Hapkido em seus textos e trabalhos, por esse motivo citarei alguns de seus textos nesta pesquisa, bem como os escritos do sociólogo e antropólogo francês Loïc Wacquant (2002), autor de um texto marcante sobre o boxe inglês, sob o título "Corpo e Alma" (2002). Além destes trabalhos, também trabalhamos com os textos do antropólogo Rojo (2019), e alguns outros autores menos conhecidos como Gagnon (2019) mas igualmente importantes para a nossa proposta de pesquisa etnografia.

O meu trabalho de pesquisa, visa enriquecer e contribuir com o debate já existente dentro dos estudos da Antropologia dos Esportes, no sentido de buscarmos uma vez mais, o diálogo com pesquisadores (as) e teóricos de outros campos, que também estudam, debatem, e buscam comprreender o tema em tela, a partir de outros vieses. Acreditamos que a Antropologia precisa ocupar um espaço de maior protagonismo nos estudos sobre as artes marciais, não só no fomento do debate, mas também, na produção de mais pesquisas propriamente ditas. Durante as pesquisas e revisões bibliográficas realizadas foi possível perceber que os estudos voltados para o tema arte marcial, em grande parte foram desenvolvidos por pesquisadores (as) praticantes da arte marcial pesquisada, ou seja, como "pesquisadores nativos" dado interessante. Durante as pesquisas

descobrimos uma certa carência no desenvolvimento de mais trabalhos, a partir de um olhar antropológico plural, desse universo específico da marcialidade.

A proposta que permeia esta pesquisa é a observação, o ouvir, o interagir, mas, sobretudo, o vivenciar a realização do trabalho etnográfico dentro do universo marcial, a partir de uma Antropologia "Com" e não a produção de uma Antropologia "Do". Com isso, esperamos produzir uma teoria interessante a partir dos estudos bibliográficos, e através de análises de pesquisas de textos, ainda desconhecidos do grande público brasileiro, mas, sobretudo a partir de um trabalho com observação de campo, apresentação de estudos multidisciplinares já publicados, onde apresentaremos a arte marcial coreana Hapkido sob uma perspectiva antropológica. Durante os trabalhos de pesquisa, foi possível constatarmos que academicamente não existem produções etnográficas voltadas para o Hapkido coreano, diferentemente de outras artes marciais como: Karatê, Judo, Taekwondo, Capoeira, Kendo, Kung Fu, MMA, Aikido, Boxe inglês etc. Mesmo sendo uma arte marcial com fortes influências japonesa e chinesa, o Hapkido também possui características permeadas de valores filosóficos budistas, sobretudo confucionistas.

A partir de um fragmento que acessamos de um artigo de Antropologia intitulado "Ido Movimento para Cultura", produzido pelo Departamento de Taekwondo da Faculdade de Educação Física de Daegu, Coréia do Sul, e traduzido do coreano para o inglês, é possível entender o que dizem os autores do texto, sobre o interesse científico acadêmico pelo estudo específico dessa arte marcial coreana hoje. Vejamos;

> "A pesquisa acadêmica sobre artes marciais asiáticas era muito escassa há apenas algumas décadas [DeMarco 2012], mas agora existe um número crescente de organizações de pesquisa acadêmica, periódicos e conferências em todo o mundo. O interesse em esportes de combate, como judô, taekwondo, MMA e karatê, pode ter ajudado a estimular a pesquisa inicialmente, mas agora os estudos estão sendo publicados por especialistas em campos acadêmicos muito conceituados (JOHNSON & KANG, 2018, p. 42, tradução nossa). A infinidade de artes marciais a serem pesquisadas, entretanto, permite vários estudos interdisciplinares.

O Hapkido dentro da Antropologia

Durante as pesquisas descobrimos que os estudos antropológicos sobre as artes marciais no Brasil são, ainda, um tanto incipientes. Tal realidade mudou muito com o passar dos anos, sendo possível atualmente encontarmos excelentes produções, tais como artigos, dissertações e teses, todas disponíveis no repositório da CAPES, tais como: o artigo: "Sintese histórica do

Hapkido coreano e suas contribuições", Gama (2021), as dissertações desenvolvidas pelo Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná 'Ganha bonito, Perde bonito' "Honra e Corparalidade no Kendo Paulistano", Oliveira (2013), e "A Constituição de um Subcampo do Esporte, : O caso do Taekwondo", Pimenta (2007) e outros trabalhos, todos ótimos. Tais estudos ganharam força e passaram a serem produzidas com mais frequência, a partir dos anos 90. Durante as nossas buscas por etnografias sobre artes marciais decidimos visitar os repositórios de Catálogos de teses e dissertações da CAPES. Num primeiro momento, ao buscarmos por artes marciais de forma genérica, encontramos duzentos e vinte dois (222) textos no geral. Ao fazer uma seleção do texto por linha de pesquisa e a arte marcial que desejávamos, os números caíram ainda mais, somando um total de vinte e dois textos, sendo dezessete escritos em língua inglesa, dois em espanhol, um escrtito em alemão, um texto em língua coreana, e um em francês, vale frizar que tal resultado foi obtido no dia e ano da consulta, já que os números de textos anexados ao repositório da CAPES mudam frequentemente. Mas o que me chamou a atenção é que sobre Hapkido coreano foi encontrado um único texto em língua brasileira, trata-se do ótimo artigo de Gama, o qual será mencionado em nossa pesquisa, mas nas buscas por etnografias sobre Hapkido, infelizmente não encontrei nada do gênero.
Aos textos selecionados no site da Capes juntamos outros trabalhos já publicados, que havíamos estudado anteriormente para a construção do arcabouço teórico que passamos a apresentar. Todas as consultas renderam ótimos resultados, os quais passarei a apresentá-los a partir de agora.

Vejamos o que diz a pioneira, e uma das poucas mulheres a abordarem o tema esporte, visto até então como um subcampo da Antropologia social no Brasil, Simoni Lahud Guedes:

> "A legitimação dos estudos sobre lazer e esportes na antropologia brasileira, concomitante ao crescimento extraordinário das pós-graduações nas duas últimas décadas, ocasionou notável crescimento da produção de livros, teses, dissertações e monografias, nas mais diversas instituições brasileiras, cobrindo vários dos aspectos das práticas esportivas. Nesse período, dois deslocamentos importantes começaram a ocorrer. No caso específico do futebol (sobre o qual existe um corpus etnográfico considerável) ... se autonomissam, paulatinamente, em relação aos estudos sobre o lazer, e amplia-se o escopo empírico, introduzindo novas questões, deixando de ser uma Antropologia do futebol, para transformar-se em uma Antropologia das práticas esportivas" (GUEDES, 2010, p. 442).

Os poucos trabalhos existentes, não são sobre a arte marcial coreana Hapkido, mesmo tratando-se de ótimos trabalhos científicos, diga-se de passagem. Por acaso, durante o curso de Mestrado fiquei sabendo de algumas pesquisas de Mestrado sobre Capoeira brasileira, como o belo trabalho de Brito intitulado "A roda do Mundo: Os fundamentos da Capoeira Angola Glocalizada (BRITO, 2010), a dissertação sobre Kendo japonês de Oliveira, sob o título "Ganha bonito, perde bonito": Honra e Corporalidade do Kendo Paulistano (OLIVEIRA, 2013), e uma dissertação sobre Boxe inglês com o titulo " Boxe é compromisso" Políticas do Corpo,territórios e historias de vida de boxeadores na cidade de São Paulo (SOARES, 2018) . Esta última, sobre Boxe, trata-se de uma pesquisa de Dissertação desenvolvida no departamento de Antroplogia da USP. Não encontramos textos etnográficos que especificamente fossem voltados para a arte marcial coreana, ou produzida a partir de uma visão antropológica, por isso a nossa preocupação com tal pesquisa e temática. Nosso intuito aqui é trazer para os públicos acadêmicos e externos um estudo que possa contribuir de alguma forma, na apropriação de conhecimentos, a partir da temática marcial.

Nossa intenção é a produção de um trabalho que fomente não só os debates entre os artistas marciais, mas também uma discussão acadêmica ainda maior dentro da Antropologia dos esportes, no Brasil, que obordem especialmente as várias formas de se praticar esportes no Brasil. Segundo uma advertência de GUEDES (2010);

> ...precisamos deixar de ser uma Antropologia do futebol, para transformar-se em uma Antropologia das práticas esportivas.

Como observado até aqui, mais e mais trabalhos de pesquisas acadêmicas estão sendo realizados em especial na República da Coréia, país onde o Hapkido se originou, Johnson & Kang (2018) são exemplos reais e figuram dentro desta produção acadêmica mundial de alta relevância, segue um texto dos autores, onde os mesmos deixam claro as suas reais intenções com o trabalho por eles desenvolvido:

> "Realizamos uma revisão sistemática e uma meta-análise de toda a literatura existente sobre o Hapkido com três objetivos: 1) determinar quais os tipos de pesquisas existem sobre o Hapkido, 2) identificar as tendências atuais na pesquisa do Hapkido e 3) fornecer sugestões para futuros projetos de pesquisa. Como em qualquer revisão dessa natureza, a variedade de artigos examinados para este estudo, era muito grande para fornecer uma análise abrangente. Além disso, o baixo número de estudos em cada subdisciplina, nos impediu de fazer uma verdadeira síntese da pesquisa. Sendo assim, nossas descobertas têm a intenção de orientar estudos futuros e informar as organizações e os instrutores de Hapkido, sobre as pesquisas mais pertinentes para a sua compreensão e prática do Hapkido. (JOHNSON & KANG, 2018, p. 42, tradução nossa).

Durante as buscas por dissertações, teses, livros e artigos que abordassem o tema Hapkido de maneira mais criteriosa como disseram acima Johnson e Kang, mesmo sendo um campo, segundo eles, com muitas produções, mas na prática são enormes as dificuldades, em especial quando pesquisamos por uma bibliografia acadêmica e antropológica sobre Hapkido, em língua brasileira. Sendo assim, muitas buscas por bibliografias tiveram que ser realizadas em outras línguas, tais como: inglês, francês, espanhol e até mesmo em coreano traduzido para o inglês, para que chegássemos a este resultado. Apesar de muitos desafios, acreditamos que os resultados obtidos nesta dissertação durante a pesquisa, podem beneficiar futuramente outros pesquisadores que resolverem se aventurarem nos estudos das artes marciais, uma seara, muito apaixonante, misteriosa e rica culturalmente, devido a existência de pluralidade e de informações com poder transformador.

Encontramos dois ótimos artigos em inglês, que nos trouxeram valiosas informações, tais como: plataformas de buscas que foram utilizadas para chegarem a tais conclusões, dados domonstrativos em gráficos, números precisos de produções existentes atualmente, países onde esse tipo de pesquisa foi desenvolvida, dados sobre o nível de produção em diferentes línguas estrangeiras, e a seleção criteriosa dos textos, quanto a atenderem ou não as exigências dos critérios de pesquisa para serem considerados acadêmicos ou não, inclusive consta nas pesquisas a citação de um único trabalho acadêmico realizado e publicado em língua brasileira, por um brasileiro. O artigo que trata do tema Hapkido, tem o seguinte título, “Hapkido Research Trends: a Review”, e é de origem polonesa. A entidade responsável pelas publicações é uma plataforma do Movimento IDO pela Cultura, plataforma está que publica obras de outros países em inglês, através da Revista polonesa de Antropologia, com ênfase em trabalhos sobre artes marciais.

Vejamos o que diziam Johnson & Kang (2017) há cinco anos, sobre o assunto, produções acadêmicas realizadas sobre Hapkido pelo mundo, no tópico Métodos do artigo;

> “A pesquisa na Internet produziu um total de 1.288 artigos em quatro bancos de dados: o sistema de serviço de informações de estudos coreanos (Kiss, n=79), o sistema de serviço de informações de pesquisa (Riss; n= 157), o Google Acadêmico (n= 933) e o WorldCat (n=119), conforme mostrado na tabela 1” (JOHNSON & KANG, 2017, p. 43, tradução nossa).

Eles continuam as informações, afirmando algo muito importante, que são as exigências acadêmicas que legitimam essas produções, o que realmente é legal ou não perante a lei, e academicamente falando, para evitar fraudes com os textos produzidos sobre o tema Hapkido, e que muitas vezes não corresponde com a realidade do objeto estudado.

> “Apenas 108 desses artigos atenderam aos critérios de pesquisa (KISS; n=58, RISS; 33 google scholar; n= 14, WorldCat; n= 3. Por ser uma arte marcial coreana, a maioria dos artigos sobre Hapkido foi publicada no idioma coreano. No entanto, a pesquisa identificou artigos de Hapkido escritos em outros idiomas: Coreano (n=93), inglês (n=12), polonês (n=1), espanhol (n=1) e português (n=1) (Tabela 2).
>
> Como o Kiss produziu o maior número de artigos que atenderam aos critérios de pesquisa (n= 58) (Tabela 1), ele foi considerado a principal fonte de artigos de periódicos sobre Hapkido, pois seu objetivo é indexar artigos acadêmicos em coreano.
>
> O Riss, outro mecanismo de pesquisa acadêmica coreano, produziu muitos artigos que atendem aos métodos de pesquisa. Na função de pesquisa de "artigos acadêmicos internacionais", localizamos 157 artigos. No entanto, a maioria dos resultados eram teses de mestrado, dissertações de doutorado e/ou artigos duplicados, encontrados no banco de dados Kiss (tabela 3) (JOHNSON & KANG, 2017, p. 43, tradução nossa).

É sempre importante frisar que as ferramentas utilizadas durante as pesquisas, não são as mesmas, e muito menos as formas de apresentação de dados utilizadas por Johnson e Kang (2017), quanto às buscas por produções acadêmicas que aqui apresento. Utilizamos múltiplas formas de pesquisas, tais como dissertações, teses, livros e textos produzidos em formato de apostilas, escritos por mestres da arte marcial coreana espalhados pelo mundo, e por fim a pesquisa de campo, através do convívio durante nove (10) meses treinando dentro da Life Energy, e um mês participando de aulas como Kiosanin auxilar também, especificamente em aulas de Hapkido. Preocupados com influência e os efeitos exercidos pelas artes marciais orientais no ocidente, nos apropriamos de alguns conceitos que estão presentes neste trabalho, para entendermos algumas formas como as artes marciais foram adaptadas no Ocidente para maior e melhor aceitação, de forma a torná-la atrativa e palatável a nossa cultura, como objeto de consumo e entretenimento, o que segundo textos estudados afirmam, acabou por mutilar muito da tradição que as artes marciais carregam na sua essência.

As indagações colocadas por Mcnamara clamam por reflexões, e não somente reflexões dos artistas marciais, mas de todos aqueles (as) que amam, estudam e militam nesse campo. Vejamos o que ele diz sobre os problemas presentes hoje em quase todas as formas de lutas;

> “Como o marketing moderno afetou a percepção dos artistas marciais, entre os não praticantes?

> O marketing redefiniu o termo “artes marciais? ”.
>
> O marketing aumentou ou diminuiu o padrão de qualidade dos profissionais, e das escolas?
>
> Que efeito que o marketing comercial, tem sobre a cultura tradicional das artes marciais? ” (MCNAMARA, 2008, p. 2, tradução nossa).

Segundo McNamara (2008), as artes marciais tradicionais encontram-se sob forte ataque e influência do *marketing* comercial na exploração de certas artes marciais, o que segundo ele é promissor. Na visão do chefe do Departamento de polícia de San José Califórnia, esse bombardeio do *marketing* sob as artes marciais vem acontecendo desde o século passado nos Estados Unidos. O artigo de McNamara traz no seu início, uma análise histórica da evolução do *marketing* segundo ele para a conquista de clientes, tamanho foi o sucesso da exploração comercial que acabou tomando conta do universo das lutas ao ponto de transformar as artes marciais, um negócio muito rentável e em forte expansão no mundo, mas em especial nos E.U.A, vide o MMA.

Um dado interessante presente no texto de McNamara (2008) é o breve relato histórico que ele faz sobre as artes marciais, afirmando com base nos textos de Shengli e Yun (2006). Segundo McNamara a popularidade das artes marciais aumentou após a Segunda Guerra mundial, Friman (1998), mas já existia forte popularidade das práticas marciais muito antes da Segunda Guerra mundial, onde a divulgação e o ensino aconteciam a partir da tradição familiar. Vejamos o que dizem Kennedy e Guo sobre como era até então a promoção e o ensino das artes marciais na China por exemplo:

> “Em muitas sociedades antigas, as artes marciais se desenvolveram durante um longo período de séculos, como um componente integral da cultura. Na China, por exemplo, as escolas de artes marciais não eram empeendimentos comerciais, mas empreendimentos familiares de seus ancestrais” (KENNEDY and GUO, 2005, p. 15, tradução nossa).

Na visão de Friman, são as forças armadas dos Estados Unidos que tiveram grande influência na promoção das artes marciais no mundo, sobretudo no final dos anos 1940:

> “No final da década de 1940, as artes marciais se tornaram uma atividade recreativa popular entre os membros das forças armadas, estacionadas na Àsia. Em uma década importantes oficiais militares dos E.U.A, incluindo o general Thomas E. Pawer, do Comando Áereo estratégico, estava incentivando o treinamento de seu pessoal,

> convidando instrutores japoneses, para aulas em bases militares no Japão e nos Estados Unidos" (FRIMAN, 1998, p. 19, tradução nossa).

Por fim, segundo McNamara (2008), durante a década de 1960 esses mesmos militares que tiveram um forte envolvimento com as artes marciais orientais, agora formalmente treinados, juntamente com os instrutores estrangeiros tradicionais presentes no país, aumentaram então não só o interesse pelas artes marciais nos Estados Unidos, mas também a sua divulgação e promoção pelo mundo.

O interesse pelas artes marciais não se limitou apenas às formas de lutas japonesas. O contato dos militares estadounidenses com o Vietnã e República da Coréia durante a Segunda Guerra mundial, acabou estimulando o interesse pelas muitas formas de se praticar artes marciais nestes dois países. Nos anos 70 com o sucesso da estrela de Hollywood Bruce Lee, o interesse aumentou ainda mais, foi nesse momento que o setor cinematográfico começou a capitalizar com as produções muitas vezes estereotipadas das artes e dos artistas marciais devido ao interesse do público que consumia esse tipo de "produto", isso fez com que Hollywood passasse então a oferecer cada vez mais uma variedade maior de filmes baseados nas artes marciais, com grande destaque para o Kung fu (McNamara, 2008, p. 4). Porém desde que as artes marciais chegaram a Hollywood, ela vem sendo apresentada de maneira estereotipada, seja em filmes ou em desenhos animados.

Abaixo seguem duas fotos, exemplo de construções de estereotipos de lutadores de Kung fu chinês, no cinema dos anos 70 e anos 2000.

Imagem1-Pai Mei-figura mítica do Kung fu-Prod. (1974), Imagem 2- Kung fu Panda: Prod (2008)

A primeira imagem de cinema nos apresenta um ancião de sobrancelhas longas, cabelos grisalhos cumpridos e barba longa, lutando de costas contra um jovem, algo impensado numa situação real de combate, tais apresentações mesmo que simples acabam passando uma imagem equivocada do que realmente é a arte marcial, quais são as suas peculiaridades, sua essência e os seus valores? É assim que as pessoas acabam por perpetuar cada vez mais o preconceito e desconhecimento sobre o tema arte marcial.

Pai Mei é uma figiura mítica e suas origens estão ligadas diretamente a figura histórica do monge Shaolin, Bak Mei (1644-1912) ele é um sobrevivente do massacre do templo Shaolin, trata-se de um personagem de Quentin Tarantino trazido para o cinema. A história de Bak Mei foi traduzida do cantonês e significa: Sobrancelhas brancas, isso explica essa aparência deste ancião, com as suas longas e alvas sobrancelhas.

Na segunda imagem também uma produção de Hollywood, porém mais atual, nos apresenta vários animais lutadores de Kung fu, onde o principal artista marcial é um urso panda enorme, super ágil e habilidoso na prática do Kung fu, algo mais uma vez impensado na vida real, no Kung fu praticado no dia-dia dentro ou fora de uma academia, até porque animais não podem praticar artes marciais.

Para além da licença poética, o que os filmes apresentados nas telas de televisão, ou no cinema, geralmente não retratam a verdade, a realidade do que está por traz e realmente envolve uma arte marcial oriental ou asiática, ou ser uma artista marcial e sua formação, como por exemplo: suas tradições e ritos ancestrais, treinos, habitus, dedicação, etc. Segundo Sunadomari, as artes marciais focam muito no indivíduo, como um todo. Eis o que nos diz Sunadomari nesse sentido ao falar sobre o Aikido, uma arte marcial japonesa;

> “As artes marciais devem ser um caminho, que leva nossos corações a união, com o espírito do céu e da terra. O Aikido não é a arte de lutar com força bruta, com armas mortais, com o uso da força física, ou com armas mortais para destruir os inimigos, mas uma forma de harmonizar o mundo e unificar [todas as pessoas] (Sunadomari, 2004, p. 1, 29) ”.

O foco no indivíduo como um todo, também está presente em muitas outras artes marciais e não somente nas japonesas, mas também nas chinesas, coreanas, tailandesas, etc. Na década de 1950 Morihei Ueshiba, o fundador da popular arte macial japonesa “Aikido” afirmava o mesmo que Sunadomari.

> “A prática do Aikido encontra em seus praticantes, indivíduos que buscam exclusivamente o desenvolvimento corporal e o

> desenvolvimento espiritual, como expressou o agente específico deste subcampo das artes marciais" (PIMENTA, 2007, p. 123).

Pressupostos teóricos

Segundo Soares (2018), foi a partir de Marcel Mauss (1935) com o seu ensaio intitulado "Técnicas do Corpo" que as Ciências Sociais e mais tarde a Antropologia moderna, se despertaram para o desenvolvimento mais efetivo de pesquisas voltadas para os estudos do corpo, aprofundando assim nesse vasto campo que apresenta grande potencial para a produção intelectual deste tema, que tem se mostrado a cada ano provocador e promissor. A lista interdisciplinar de intelectuais dos campos da Antropologia, Sociologia, Filosofia, e da Educação Física, que contribuíram para os seus respectivos campos de pesquisa atualmente é considerável.

As academias nos parecem ser um tipo de termômetro, que mostram a tendência nacional da atualidade, o que acaba de alguma maneira respingando na prática de diversas outras formas de atividades físicas, que trabalham diretamente com o corpo, a mente e o espírito, e que também são utilizadas frequentemente como ferramentas auxiliares, na promoção de uma vida em harmonia com o ambiente o qual estamos inseridos, a partir de uma nova visão de sociedade. É nesse momento que as artes marciais entram em cena, como parte integramente no auxílio como ferramenta tanto de promoção, quanto das transformações social e individual afirmada por Sunadomari e Morihei Ueshiba, seja do grupo ou do indivíduo praticante.

Vejamos a declaração de Wacquant sobre a sua relação com o Boxe inglês, segundo o seu envolvimento durante a sua pesquisa, onde o mesmo chegou ao ponto de cogitar o abandono da carreira acadêmica, em detrimento do seu amor pela arte pugilística. A pergunta a ser feita a partir de um estranhamento do Antropologo seria: será que Wacquant não estaria em um processo de construção de um novo *habitus?* Devido ao seu total envolvimento e amor pelo seu objeto de pesquisa?

> "Durante três anos, participei dos treinamentos, ao lado dos boxeadores locais, amadores e profissionais, com cerca de três a seis sessões por semana, submetendo-me com aplicação a todas as fases de sua rigorosa preparação, o shadow boxing [sombra] diante do espelho, com o sparring, no ringue. Para a minha própria surpresa, e das pessoas que me eram próximas, pouco a pouco fui gostando do jogo, a ponto de passar todas as minhas tardes na academia do Woodlawn e de "calçar as

> luvas" do clube com regularidade, junto com profissionais, antes de passar para o lado de dentro das cordas, para disputar a minha primeira luta oficial, durante as Golden Gloves de Chicago – na embriaguez do mergulho, durante algum tempo, cheguei a pensar em interromper minha carreira universitária para "passar para o lado" dos profissionais e, assim permanecer junto a meus amigos do gym e ao técnico, Dee Dee Armour, que se tornou para mim um segundo pai. (WACQUANT, 2002, p. 19-20) ".

O que disse Testot, sobre as artes marciais no Japão e a sua influência na construção do imaginário social japonês?

> "Toda a prática que visa a demonstração de capacidades combativas, com armas ou de mãos limpas, se refere a uma tradição, sendo transmitida através da aprendizagem mestres/alunos. A imensa maioria dessas artes vem da Ásia, e nós estamos prontos a descobrir a sua história. O Japão não foi o único país a considerar as artes marciais a partir de uma perspectiva nacionalista. Stéphane Rennesson chama a atenção para o exemplo do muay thai ou boxe tailandês: vozes nacionalistas vão afirmar que um único corpo de thai pode manifestar em sua essência a beleza dessa arte, indignando-se com os estrangeiros (particularmente holandeses e franceses) que puderam importar boxeadores nativos. Na China, os boxeadores cheios de mística, chegaram a pensar que o boxe chinês os tornara protegidos dos tiros ocidentais em 1905. (TESTOT, 2008, p. 1, tradução nossa).

Segundo Rennesson, as artes marciais são mais que simples atividades físicas ou pugilísticas, a arte marcial independente de qual for, com certeza é um marcador social e cultural muito importante, com histórias singulares, que contribuem tanto na construção cultural de um povo, seja na sua origem, no povo ou comunidade receptora, ou mesmo em um único indivíduo diaspórico.

Não foi somente o Hapkido, o Taekwondo e o Aikido que contribuiram na construção de uma identidade nacional, do corpo como aconteceu nos casos coreano e japonês. No Japão, por exemplo, aconteceram praticamente os mesmos fenômenos com as artes marciais japonesas, tais como com o Karatê e o Judo, o Japão como sabemos é uma cultura muito rica no campo das artes marciais. Em menor ou maior grau, os japoneses também desenvolveram assim como os coreanos, conceitos de um *habitus* social um tanto similar e sólido, a partir de uma ideia do conceito de Estado nação moderno atual, que permeia a vida dos cidadadãos japonêses e coreanos.

Cada cultura possui as suas peculiaridades e pluralidades únicas, onde a disciplina, a dedicação e o respeito pelos mais velhos, pelas tradicões continuam fazendo parte do ideal de nação desses povos, como marca social e cultural, isso para citarmos apenas algumas características.

OLIVEIRA (2013) nos apresenta uma ótima dissertação sobre o Kendo no Brasil, quando cita uma fala de Tomoo Handa, quanto aos princípios do Shindô Renmei. Para Handa é responsabilidade de cada cidadão japonês da diáspora japonesa, as responsabilidades e deveres pessoais e individual no que tange o respeito, tanto à uma ótima representatividade do Império e do Imperador do Japão.

Segundo Honda:

> "Os princípios da Shindô Renmei foram publicados no jornal Diário da Noite de 16 de abril de 1946. A edição trazia uma nota dizendo que sua publicação fora decidida, mesmo sabendo-se que a redação continha "erros gramaticais", mas aqui não transcreveremos essa tradução, e sim, o resumo em japonês, publicado em "A história da colônia nos dez anos do pós-guerra". "É preciso que se compenetre no espírito do hakkô-ichiu — a unificação do mundo em uma só família — que tem por aspiração última, trazer paz eterna ao mundo e prosperidade para toda a humanidade". Para tanto, é preciso que a Liga aja com franqueza e dignidade, e sempre com esse elevado espírito presente em sua mente, não importa onde e quando. Para isso, é preciso ainda que seus membros acumulem cultura e saber, não se esquecendo, em hipótese alguma, de sempre se apoiar no espírito japonês. "É preciso que se colabore na construção do grande Japão. Para isso, não é necessário que se regresse para lá. Pode-se fazer isso, sem nenhuma dificuldade, daqui mesmo, do Brasil. Não se deve esquecer, que colaborará na construção do grande Japão se, se obedecer às leis brasileiras e se, se dedicar ao seu desenvolvimento e prosperidade". (OLIVEIRA, 2013, p. 86).

No caso específico do Kendo, o autor fala a partir da experiência de honra, de orgulho Imperial e mais a frente do orgulho Nacional, e o status que gozam os individuos dentro da arte marcial japonesa, mas tais características e construções de marcas sociais, não diferem muito desta e de outras marcas fortes e presentes no construto do conceito de nacionalidade, de honra, de pertencimento étnico etc., também muito presentes dentro das artes marciais coreanas ou chinesas por exemplo.

No texto da dissertação Oliveira (2013) "Ganha bonito, perde bonito" Honra e Corporalidade no Kendo Paulistano ele afirma:

> "John Donohue denominou iemoto, estas associações vinculadas a práticas, o autor menciona, além das práticas marciais, o aprendizado de

> ikebana (arranjo de flores) e de shodo (caligrafia) como atividades, que também utilizam esta instituição como forma de estruturar suas respectivas práticas. Peter Cave, em "Bukatsudō": "The Educational Role of Japanese School Clubs", aborda diretamente as atividades extracurriculares nas escolas no Japão, conhecidas como bukatsudo. No Japão, essas práticas são atividades extracurriculares organizadas sob a forma de clubes esportivos ou culturais nas escolas. Cave aponta que os diversos bukatsudo tem o intuito de "educar o espírito" ou "aprimorar o caráter", e fazem parte de um conjunto de ideias que, segundo o autor, teria vindo do período Meiji, ou anterior. Entretanto, nas escolas japonesas não são apenas as práticas reconhecidas como tradições nacionais que podem ser bukatsudo, hugby, tênis, futebol, basquete, basebol, teatro, literatura, etc. também fazem parte do rol de atividades praticadas. Todos os bukatsudo têm o poder de aprimorar o caráter ou o espírito, as atividades não japonesas são neste contexto resignificadas, de acordo com as suas respectivas empreitadas" (OLIVEIRA, 2013, p. 89).

Os ideais das artes marciais teriam influenciado a recepção que os esportes ocidentais tiveram no Japão, ideais de treinamento espiritual através do fortalecimento do corpo. Mesmo os clubes de atividades culturais envolvem a prática regular de exercícios físicos. Segundo Cave, no Japão;

> "(...) as escolas são responsáveis não apenas pelo desenvolvimento intelectual-cognitivo dos alunos, mas também pelo seu desenvolvimento social e moral, ensinando as qualidades e hábitos básicos, que a sociedade espera de seus membros na vida cotidiana". (CAVE, 2004, Vol.30, No.2, p.397, tradução nossa).

> Portanto, os bukatsudos disseminam hábitos, modos de pensar, identidades, regras de sociabilidade, modos de aprender e práticas corporais, práticas artísticas e línguas. Desta forma, o que chamamos de associação, é uma instituição oriunda de um modelo amplamente utilizado no Japão, que visa à educação dos sujeitos. (OLIVEIRA, 2013, p. 90).

Minha descoberta do Hapkido: ou uma etnografia pessoal?

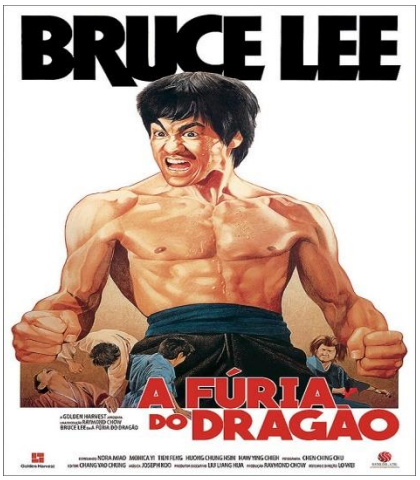
Gostaria de descrever, brevemente, a minha própria trajetória pessoal dentro das artes marciais. Inicialmente era um universo totalmente desconhecido para mim em termos práticos,

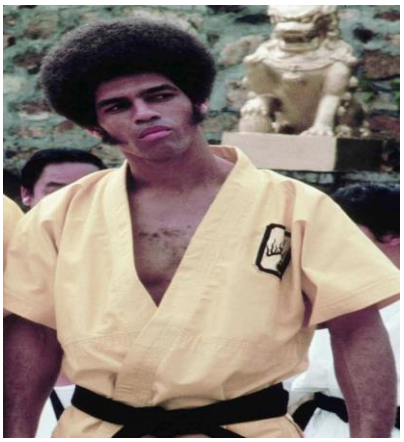
mas muito familiar a partir das telas de televisão, quando ainda muito jovem, creio que por volta dos meus 10 ou 12 anos de idade, quando assistia escondido de meus pais, filmes de lutas.

A minha história e relação com o Hapkido, aconteceu de forma acidental e devido ao meu gosto por lutas, só mais tarde acabei conhecendo outros atores do cinema, que contribuíram ainda mais para o meu interesse pelo assunto e a busca por conhecer outros personagens como o também ator norte americano Steven Seagal, um praticante e mestre de Aikido.

Sem a mínima noção de que se tratava de duas formas de expressões marciais muito diferentes, a arte marcial de Bruce Lee era diferente, com o seu estilo único, o Jeet kune-do, um estilo criado pelo próprio Lee a partir do Kung fu chinês, em comparação a arte marcial de Steven Seagal, o Aikido japonês. Com o passar dos anos fui gostando mais e mais de tais filmes, e despertando não só o interesse, mas muita admiração pelos atores que protagonizavam os papéis. Um dos diversos filmes que marcaram a minha infância, foram os filmes estrelados por Lee Jun-fan, o sino-americano mais conhecido da China e do mundo no meio artístico e das artes marciais, Bruce Lee "O Dragão chinês" de (1971). Segue abaixo uma imagem do banner promocional do filme.

Outro filme de Bruce que me impactou bastante, foi o filme em que vi pela primeira vez um negro lutando artes marciais no cinema, nesse caso falo do ator norte-americano, jogador de tênis e artista marcial já falecido, Jim Kelly em "A fúria do Dragão" (1973). Abaixo cartaz do filme com a participação de Kelly.





Por fim, apresento um último filme que me marcou muito quando ainda jovem, trata-se do filme “Operação Dragão Gordo” de (1978) estrelado pelo ator Sammo Kam-Bo Hung de Hong Kong, uma região da China na época colonizada pelos britânicos. Sendo assim, é possível afirmar que de algum modo, foram as artes marciais chinesas que me despertaram para esse universo tão vasto e complexo das artes marciais orientais, no qual me encontro envolvido até o momento da produção desta pesquisa. Porém se trata de um filme de comédia, tendo as artes marciais como tema, o filme tem um humor ingênuo, portanto mais cômico que os demais, e que poderíamos hoje caracterizar como uma produção cinematográfica estereotipada, não só da arte marcial chinesa Kung fu, mas também do artista marcial, o ator Sammo, o personagem central dessa produção.

Abaixo cartaz do filme:

Foto estereotipada do Kung fu no filme de Sammo

Para um jovem negro da periferia de Curitiba, que não tinha a mínima noção do que era racismo e as várias formas e facetas do preconceito racial, que apanhava o tempo todo de outros piás maiores, todos estes filmes apresentando a arte marcial como uma forma de defesa, não passavam para mim de um sonho de consumo, mas com a intenção é claro, de aprender um dia para defender-me das agressões físicas e morais sofridas o tempo todo. O meu sonho de praticar uma arte marcial só veio a se tornar uma realidade, quando eu já havia atingido a idade adulta, mais precisamente aos 39 anos de idade, um ano antes de ser aprovado no vestibular da Universidade Federal do Paraná (UFPR) para cursar Letras francês, ou seja, no ano de 2011. Após muitos anos assistindo tais filmes, mas sem as mínimas condições financeiras de entrar em uma academia e pagar pelas aulas de artes marciais, no ano de 2011 quando consegui um emprego e pude pagar pelas aulas resolvi de uma vez por todas, sacrificar financeiramente algumas coisas e procurar uma academia que ensinasse a arte marcial do Steven Seagal. Certo dia passei em uma academia de artes marciais, localizada no bairro da Cidade Industrial de Curitiba (CIC), um bairro muito conhecido devido os seus autos índices de violência, e vizinho do bairro onde moro, Pinheirinho.

Sem saber que estava praticando uma arte marcial diferente da arte marcial praticada por Steven Seagal, dei início às minhas primeiras aulas de Hapkido como faixa branca, sob orientação na época do kiosanin [6]James Soares, e seus professores auxiliares, que mais tarde também vieram a serem graduados faixas pretas e meus futuros professores e amigos mais próximos. Durante uma conversa informal sobre o Hapkido, com o kiosanin James, lhe perguntei se o Hapkido era a mesma arte marcial praticada pela estrela de cinema e mestre Steven Seagal, fiquei surpreso com a resposta que o kiosanin com toda a calma me deu: “Não Sérgio!!! A arte marcial do Steven, é o Aikido, é uma arte marcial excelente também, porém diferente em vários aspectos, no entanto ao mesmo tempo muito semelhante em outros, até porque o Hapkido é uma arte marcial coreana”. Como eu já estava fazendo aulas de Hapkido há alguns meses, gostando do ambiente, dos colegas e do kiosanin James, uma pessoa muito dedicada, centrada, com domínio e muito conhecimento do que ensinava, didática ótima etc, resolvi permanecer com a Equipe Hunter Tiger de Hapkido.

Por algum tempo realizando as aulas semanais dessa arte marcial coreana, porém sempre com aquela intenção de um dia também vir a se tornar um kiosanin como meu mestre e meus amigos de tatame, no entato um sonho um tanto distante, mas que não seria impossível realizar, sobretudo se eu me esforçasse muito, me dedicasse e não parace a sequência dos treinos. Foram

[6] Kiosanin no Hapkido coreano, corresponde ao mesmo grau de instrução de um Sensei primeiro Dan, do Judo ou do Karatê japonês.

longos anos com duras rotinas de treinos, e muito respeito às regras de disciplina que o Hapkido exige. No início as aulas aconteciam à noite entre as 19:00 e 21:00 horas, três vezes por semana, às segundas, quartas e às sextas-feiras na academia. Após alguns anos como aluno de Hapkido, de Boxe chinês e Jiu-jitsu com a Equipe Hunter Tiger, meu kiosanin foi convidado a participar do projeto social "Comunidade Escola" do governo municipal da cidade de Curitiba, esse convite calhou com um sonho antigo do meu kiosanin, que tinha o desejo de desenvolver um trabalho social de ensino das artes marciais, no caso, o Hapkido.

Meu kiosanin acredita no uso do Hapkido como ferramenta de auxílio na educação, e formação cidadã das crianças. Para a aplicação das aulas e viabilidade do projeto, alguns alunos da academia onde treinávamos foram convidados pelo kiosanin James para participarem do projeto, durante as aulas que eram ministradas todos os sábados, das 13:00 horas da tarde às 14:00 para todas as crianças que participavam desse projeto social, haviam cerca de umas 30 crianças praticando Hapkido. Com a parceria do projeto social formalizada, passamos a ter aulas três vezes por semana na academia Life Energy, mais as aulas aos sábados a tarde, as aulas do Comunidade Escola aconteciam na Escola Municipal Dario Veloso, localizado à Rua: Desembargador Cid Campelo, número 4.630 bairros Cidade Industrial de Curitiba, totalizando um número de quatro aulas de Hapkido para os alunos da academia por semana. A parceria com a escola foi firmada através da secretaria de esportes da prefeitura de Curitiba e durou por cinco anos.

Durante todos esses anos, estive junto ao kiosanin James não só treinando na academia, mas também participando dos treinos dentro do projeto, inclusive muitas vezes auxiliando os alunos menos graduados, pois dentro do Hapkido a prática e o hábito de auxiliar os menos graduados é um dever dos demais praticantes mais graduados, após exames de graduação é costume da Equipe Hunter Tiger, sair com a equipe e família dos atletas para comer pizza, atividades além-academia, participação em vários campeonatos lutando ou auxiliando os amigos e a Equipe de artes marciais, pois tais participações dos alunos mais antigos, é observada com muita atenção e valorizada pela comunidade de praticantes e pelo mestre.

Aquelas sociabilidades me obrigaram a pensar na experiência de Loïc Wacquant, e sua etnografia sobre boxe em Chicago. O bairro de Woodlawn na cidade de Chicago, onde Wacquant desenvolveu sua etnografia, depois publicada no livro "Corpo e Alma", apresenta algumas analogias com o bairro da CIC na cidade de Curitiba, especialmente em aspectos sociais como a prosperidade no início da sua fundação, porém em seguida uma decadência do bairro, índices de violência urbana, falta de perspectiva de futuro dos moradores locais, sobretudo entre os jovens, abandono do bairro americano e brasileiro por parte do poder público em certos momentos. Tais informações serão apresentadas na breve discrição que farei da CIC. Falemos então um pouco

mais desse que é hoje considerado um dos bairros mais importantes da capital do Paraná, e visto como a principal força motriz da economia industrial da capital e do Estado do Paraná.

A CIC obedece a uma Lei de zoneamento específico devido ao seu tamanho, tipo de uso, e importância não só para o município de Curitiba bem como para o Estado, destinando assim a maior parte de sua área para o uso industrial. Entre as muitas regras, uma delas é que: nas áreas das indústrias apenas metade do terreno pode receber edificações, a outra metade deve ser preservada como área verde, assim como os fundos de vales, as cabeceiras dos rios e os terrenos com declive superior a 20%. Creio que é possível afirmar após a análise do texto da dissertação "CIC em Dados" de Chiapetti (1994), que a CIC por possuir um planejamento muito bem elaborado e seguir todas as normas legais e leis do município quanto ao uso e zoneamento urbano da cidade, e que tive a satisfação de passar mais de uma década da minha vida, assim como Wacquant em Woodlawn, praticando a arte marcial coreana Hapkido oferecida nas únicas academias dentro dos limites desse bairro, e convivendo com moradores desse bairro. A CIC parece ser um sucesso em vários aspectos, mas assim como outros bairros de Curitiba e de outros municípios brasileiros, tem os seus problemas e desafios a serem enfrentados por todos nós.

Por volta de 1893, Woodlawn enfrentou dificuldades econômicas. Para combater essa depressão, dois centros comerciais foram introduzidos no bairro residencial: o Washington Park Subdivision e o desenvolvimento do 63º (que, devido à sua proximidade com o L, atraiu muitas pessoas de Chicago). A pista de corrida associada à subdivisão do Washington Park foi substituída por prédios de apartamentos no início do século XX. Além disso, Woodlawn começou a atrair famílias negras de classe média que podiam comprar propriedades fora do Black Belt (o "Black Belt" era um termo usado para descrever uma série de bairros do South Side onde a maioria dos residentes eram negros e pardos). Com tão poucas atrações comerciais, as condições econômicas em Woodlawn só pioraram com a gravidade do declínio aumentando durante a Depressão. Além disso, as mudanças demográficas raciais promoveram uma fuga dos brancos, apesar dos esforços dos empresários proprietários, e funcionários da Universidade de Chicago de Woodlawn, para impedir o influxo de residentes negros. Nas décadas de 1920 e 30 os proprietários locais que trabalhavam com a Universidade de Chicago exploraram acordos restritivos, mantendo Woodlawn predominantemente branca e insular até depois da Segunda Guerra Mundial. Nessa altura os ativistas lutaram contra os acordos restritivos, que acabaram por ser considerados ilegais. As famílias negras começaram a se mudar para Woodlawn para valer na década de 1950, muitos eram migrantes negros do Sul ou residentes negros de Chicago que tentavam evitar os esforços de redesenvolvimento. Os proprietários oportunistas capitalizaram a habitação limitada disponível para as famílias negras, dividindo ilegalmente os apartamentos em unidades apertadas, conhecidas

como "*kitchenettes*[7]". Além de ficarem apertados em apartamentos subdivididos, as moradias limitadas disponíveis para os residentes negros, permitiam que os proprietários cobrassem aluguéis mais altos. Em meados do século XX aproximadamente 89% da população de Woodlawn era negra. Os efeitos do deslocamento em massa que resultou da Grande Migração criaram um ambiente social que exigiu a presença de ativistas locais. Em 1959, os residentes locais conectaram-se à Fundação de Áreas Industriais de Saul Alinsky para começar a se organizar contra as crescentes injustiças. Esse esforço deu origem à Organização Temporária Woodlawn, que mais tarde foi renomeada como The Woodlawn Organization (TWO). Desde a sua criação e até hoje, a TWO tem uma presença forte e influente no bairro.

O declínio econômico combinado com a opressão racial e sistêmica dos residentes moldou as condições sociais de Woodlawn. Embora a superlotação geral (em edifícios e escolas), o desinvestimento e o excesso de policiamento perpetuassem e exacerbassem as más circunstâncias sociais e econômicas, Woodlawn tornou-se - e continua a ser até hoje - um reduto para organizações ativistas que promoveram mudanças significativas e duradouras no bairro. Embora Woodlawn tenha experimentado períodos de declínio desde o século XX, os desenvolvimentos recentes - incluindo a restauração do Jackson Park e a abertura do vizinho Centro Presidencial Obama - abriram as portas para o crescimento e a transformação. Independentemente destes desenvolvimentos, já abriga uma riqueza substancial de parques históricos, empresas de propriedade local, instituições culturais e organizações que merecem uma análise minuciosa.

Este breve resumo sobre Woodlawn, além da discrição do bairro feita por Wacquant, nos mostra o contraste existente entre as duas cidades com realidades bem antagônicas, mas nem por isso às vezes as suas histórias em alguns momentos não se confundem ou se cruzam, ao ponto de quando estarmos falando de Woodlawn , parece que estamos falando da CIC , e vice-versa, como por exemplo quando os temas são violência urbana, falta de perspectivas de vida por parte da população local, desemprego, estruturas educacionais deficientes ou inexistente, déficit de estruturas sanitárias, tais como esgoto e água encanada, luz e ruas pavimentadas.

Entretanto, durante os anos de prática do Hapkido, fui construindo a minha própria trajetória dentro da Equipe e da arte marcial coreana, assim como Wacquant afirma ter construido a sua experiência e história dentro do boxe, vejamos:

---

[7] Uma kitchenette é um tipo de apartamento ou espaço residencial que possui uma área de cozinha compacta integrada à sala de estar e ao quarto.

> Depois disso, assisti a uns trinta torneios e "reuniões" de boxe realizados em diversos bares, cinemas e praças de esporte da cidade e do subúrbio, na qualidade de colega de academia e assistente, o parceiro sparringe confidente, "segundo" e fotógrafo, o que me valeu ter livre acesso a todas as encenações e a todos os bastidores do mundo da luta (WACQUANT, 2002, p. 21).

Ao longo de toda esta dissertação, busco inspiração na noção de Wacquant de uma "etnografia carnal", ou seja, de uma descrição do Hapkido a partir da minha própria experiência e envolvimento com esta modalidade de arte marcial. No primeiro capítulo, articulo a dimensão histórica e global do Hapkido com as escalas locais, e sua especificidade e chegada a Curitiba. O segundo capítulo se baseia, sobretudo, nas inspirações teóricas oriundas das minhas leituras de Marcel Mauss, Robert Hertz, Pierre Bourdieu e Loïc Wacquant, tanto no que diz respeito a uma antropologia das técnicas do corpo quanto às dimensões heurísticas em torno do conceito de *habitus.* No capítulo 3 retomo há algumas dimensões representacionais e cosmológicas em torno do Hapkido, tais como (aspectos simbólicos, emocionalidades, espiritualidade e honra).

CAPÍTULO 1 HAPKIDO: O GLOBAL E O LOCAL

> *Em relação à vinda dessa arte marcial para o Brasil, vou falar da minha experiência aqui em Curitiba. O mestre Kang ajudou muito o Hapkido. Ele fez boas alianças com mestres de Taekwondo e Sipalki-Do, foram nessas alianças que houve a migração de muitos faixas-pretas de Taekwondo, se tornando faixas-pretas de Hapkido. Desde que eles aprendessem as técnicas do Hapkido. Isso se deu devido o Taekwondo ter se tornado um esporte Olímpico, e eles precisavam de algo que fosse mais, vamos dizer assim arte marcial. Foi feito muita divulgação através de campeonatos. Antigamente os campeonatos eram todos realizados na praça Rui Barbosa aqui no centro de Curitiba. Isso unia muito, divulgava muito o Hapkido, pessoas que talvez nunca tivessem ouvido falar do Hapkido, começaram a conhecer o Hapkido...*
>
> Entrevista com mestre James Soares (3º dan de Hapkido, e fundador da Equipe Hunter Tiger de Hapkido da cidade de Curitiba), 28 de outubro de 2023.

Alguns dos principais valores que norteiam a prática do Hapkido, e que contribuem na sustentação teórica, quanto à existência de um forte viés antropológico que desenvolvemos durante a pesquisa, é que o Hapkido se encontra intimamente associado de alguma maneira à fortes influências vividas pelos povos orientais vizinhos, é possível citarmos como participantes nesses contextos, a Índia e a China. Durante a leitura os leitores terão contato com uma visão antropológica e ao mesmo tempo, multidisciplinar sobre as artes marciais, seus fundadores e seu poder transformador, social, político, corporal e religioso. Para tal, os objetivos específicos consistem basicamente em ressaltar a importância, seja das técnicas marciais na contemporaneidade, quanto da sua importante contribuição no desenvolvimento do potencial humano e social, nos mais váriados sentidos. Os resultados nos mostraram que foi, basicamente, devido às opressões sofridas pelo povo coreano ao longo de sua história, que o interesse e as acões mobilizantes, contribuiram nos principais motivos pelos quais a arte marcial coreana foi estruturada e desenvolvida, de uma forma muito bem-organizada e completa.

O Hapkido já provou a sua relevância social, militar, política e na construção de corpos, seja no crescimento de grandes nações, como no caso dos três reinos coreanos, quanto na formação de treinadores, na preparação de lutadores, mas, sobretudo de combatentes das Forças Armadas espalhadas pelo mundo, ao promover de forma imperativa o desenvolvimento da disciplina, da ordem, mas também das interações sociais. Concluiu-se então, que é urgente e visceral um estudo

técnico-científico, vinculando a arte marcial coreana diretamente à filosofia, à psicologia, à educação física, à medicina do esporte, e por que não dizermos? À Antropologia dos esportes.

Histórias globais: os pioneiros

Segundo Lim, o ensino da arte marcial coreana *Hapkido*, tem se mostrado bastante eficaz na transmissão de um espírito cooperativista, de consciência, de corporeidade e de motricidade, com princípios éticos e de companheirismo tendo como meta, atingir a plena cidadania (LIM, 2017, p. 2).

Em tradução livre, a palavra *Hapkido* significa "Caminho - Harmônico da Energia". É uma arte que pode ser praticada por todas as pessoas, de todas as faixas etárias, desde o indivíduo mais jovem, até o mais idoso (GAMA, 2019, p.3).

Os pressupostos de sustentação teórica da arte marcial denominada *Hapkido* encontram-se intimamente ligados às influências dos povos orientais vizinhos especialmente Índia e China. Entretanto, pouco se sabe destas influências, e de como o *Hapkido* pôde contribuir para o desenvolvimento do potencial humano e cultural do povo coreano. Diante de tal contexto, esta dissertação pretende realizar também, uma breve apresentação histórica sobre a importância social da arte marcial coreana e seus fundadores.

Segundo Amaral (2020), o *Hapkido* tem *know-how* para desenvolver o processo de recuperação de crianças e jovens, que revelam distúrbios de comportamento social, tanto na convivência familiar como na unidade escolar, eliminando a violência e a hostilidade, e estimulando a fraternização, o bem-estar social e o respeito entre todas as pessoas (GAMA, 2021, p.3).

Entretanto Pimenta (2007) nos apresenta um rigoroso código de honra dos guerreiros *Hwarang*, código este responsável não só por condicionar, mas por oferecer e dar os subsídios filosófico-simbólicos orientais necessários às artes marciais coreanas, que atravessaram quatorze séculos até a formação da estrutura filosófica atual do Taekwondo. Essas influências contribuíram para o estabelecimento de uma pedra espiritual que será responsável pela formação do conteúdo simbólico das subsequentes artes marciais coreanas como, o Taekwondo que de acordo com o agente disseminador do Taekwondo, "mestre" Yeo Jin Kim (2000): "[...] se desenvolveu junto com a filosofia oriental, pois dela deriva; principalmente com a influência das religiões e da cultura, como o budismo e, posteriormente, o confucionismo" (PIMENTA, 2007, p. 90). Esta

dimensão nos leva a pensar na instauração de uma corporalização e "*habitus*" de uma identidade. Neste caso, a identidade nacional coreana:

> "Ocidentais não "jogavam no mundo dos orientais" e "orientais não jogavam no mundo dos ocidentais". A explicação de Bourdieu traz à tona a necessidade em se compreender o *habitus* como estrutura que guia estratégias de ações, fazendo com que o ser social se sinta à vontade em suas esferas sociais e campos. (Ibid., p. 134. 160) (BOURDIEU, 2005, p. 139) com a explicação das relações entre a filosofia oriental e sua relação com as artes marciais coreanas, distingui-se sua função norteadora dos princípios que irão reger os padrões de atitudes, na sociedade do primeiro Estado coreano e, mais do que isso, reconhecer também a função de tais princípios budistas e confucionistas na construção de uma identidade social, ou identidade nacional coreana. (PIMENTA, 2007, p. 93-94).

Tudo isto para dizermos que: Seja no Taekwondo ou no Hapkido, assim como em outras artes marciais de origem coreana ou asiática como citado anteriormente, são várias as filosofias que permeiam e perpassam as artes marciais, e as mentes de seus praticantes, é nesse espaço que se operam as transformações no que tange as questões de religiosidade, espiritualidade, filosofia de vida, filosofia do pensamento e construção de uma identidade.

Originário da Coréia, quando o país ainda não era dividido, o *Hapkido* tornou-se uma das artes marciais mais completas. Atualmente é uma disciplina militar ministrada nas Forças Armadas de quase todo o mundo, sobretudo por envolver em seus treinamentos práticos, uma formação sólida em princípios éticos, morais, filosóficos, técnicos e psicofísicos. (MILLER, 2016).

Entretanto, o *Hapkido* não é uma arte marcial milenar, como alguns afirmam. O *Hapkido* é uma arte em processo contínuo de evolução, e está pronta para transformar positivamente todas as pessoas (SHEYA, 2000). O *Hapkido* é uma arte moderna e que foi desenvolvida no século XX por volta da década de 40. Foi influenciado em suas raízes pelos conceitos do *Daitô-ryú Aikijujútsu*, uma luta japonesa tradicional, transmitida pelo mestre japonês **Sôkáku Takêda** e que, por sua vez, foi influenciada profundamente por Darúma Taíshi, também conhecido por *Ta Mô* ou *Boddhidharma* [3] (KIM – KIM, 2005).

Abaixo as imagens dos pioneiros da arte marcial, que originou o Hapkido moderno

Mestre: Sôkáku Takêda

Ta Mô (Boddhidharma)

Não obstante, todos atribuem ao mestre Choi Yong-Sul, a codificação do *Hapkido*. Ele foi aluno do sensei Takêda, e somente muito mais tarde, reorganizou suas técnicas e golpes, ampliando as possibilidades do *Hapkido* (SHAW, 2011).

Grão-mestre Yong-Sool Choi

É possível afirmarmos que essa forma muito antiga de globalização marcial transformou o *Hapkido* em uma nova tendência marcial, efeito já observado pela intervenção de outros grandes professores e mestres, com suas metodologias próprias. Sua visão ampla e precisa das técnicas, mostrou que o *Hapkido* viria a ser uma das artes marciais mais completas do mundo (PELLEGRINI, 2009). É imprescindível para nós pesquisadores ainda em formação, estarmos sempre atentos no que tange à observação do campo, e dos colaboradores ao estudarmos o tema. Felizmente ou infelizmente, o que notamos é que quase nunca existe uma unanimidade entre os envolvidos com essa arte marcial coreana, no que tange os pontos de vista, seja em relação à história ou a cosmologia do *Hapkido*. Há sempre variadas narrativas, à forma de como a história é contada, mas, sobretudo, quanto às narrativas a serem alimentadas e transmitidas de geração em geração. Essa dinâmica se reflete na forma, de como tal arte será recebida, praticada e ensinada.

Todo o processo que envolve a construção de um *habitus* marcial, passa por transformações contínuas.

As artes marciais, sejam elas quais forem, são cercadas de mitos, mistérios e histórias fragmentadas. No caso do *Hapkido*, tal realidade não difere muito de outras artes marciais, sejam elas as praticadas no Oriente, na Ásia, nas três americanas, na Oceania ou na África.

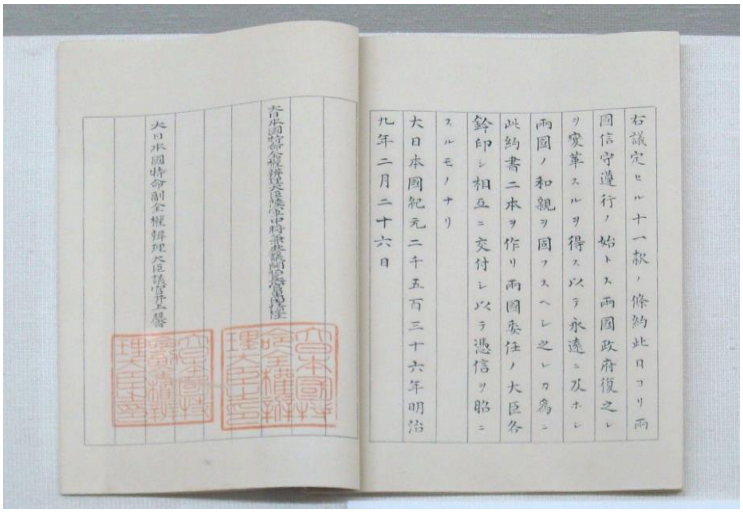
Por isso, muitas vezes, para além da "história conjectural" convém se centrar nas técnicas do corpo, nas ações.

De todo modo, Segundo Kimm (2005), para se ter um melhor entendimento sobre as possíveis origens do *Hapkido*, e como se deu o seu desenvolvimento, devemos fazer um breve resumo e voltar no tempo. Aqui entramos numa dimensão de longa duração. O ano de 2.333 a. C. é a data possível dos registros arqueológicos e históricos do surgimento da Coréia. "E assim, neste período, o povo daquela época, encontrava-se insatisfeito com seu modo de vida, e começava sua migração gradual para uma vasta região do lado Leste da Ásia, que atualmente incluiu o extremo Nordeste da China, e que se denominava Manchúria. Este povo estabeleceu-se em uma região muito próspera, hoje denominada como península coreana, em busca de um melhor clima, terras férteis para agricultura, rios e praias para pesca, e terras de montanhas para a caça para sua sociedade, que formou três reinos controlados pela Rainha Chin Heung: *Koguryô*, *Paekchê* e *Silla* (CALDAS, 2011).

Durante um longo período de migração e estabilização, os sistemas tribais haviam estabelecido que jovens guerreiros deveriam ser treinados na prática das artes de luta, com as mãos vazias para proteger todos os membros. Posteriormente, deveriam estar preparados e tecnicamente adestrados no uso de bastões, cajados, lanças entre outras armas.

Vejamos o que nos diz Kim sobre o Hapkido, quanto a sua contribuição para a construção do conceito de nação moderna, e a importância dele nas guerras travadas pelo povo coreano, devido as sucessivas invasões de seu território. O entendimento histórico deste período é fundamental, para o presente trabalho e para que possamos descrever a contextualização, onde o *Hapkido* teve o seu desenvolvimento, e sua evolução no rol das artes marciais. Lembremos que o interesse do Japão sobre a Coréia foi aumentando aos poucos, e a possibilidade de ocupação e colonização já estava na eminência de acontecer. Houve duas guerras que foram vencidas pelo Japão: a primeira, em 1894 até 1895 entre Japão e China; e a segunda, de 1904 a 1905 entre Japão e União Soviética. (KIMM, 2005).

Após essas duas guerras, o Japão aumentou sua presença na península coreana, com a intenção de ocupação. Essa invasão ocorreu finalmente em 1910, quando houve o declínio do Império Coreano. Isso se deu por disputas internas de comando, o que enfraqueceu os Reinos da Coreia. Acontece então a assinatura do Tratado de ***Ganghwa***, ou também conhecido como "Tratado da Amizade Japão-Coréia", celebrado entre o Império do Japão, e o Reino Joseon em 1876. Neste momento da história, houve um acordo de coalizão entre a Coréia e o Japão.

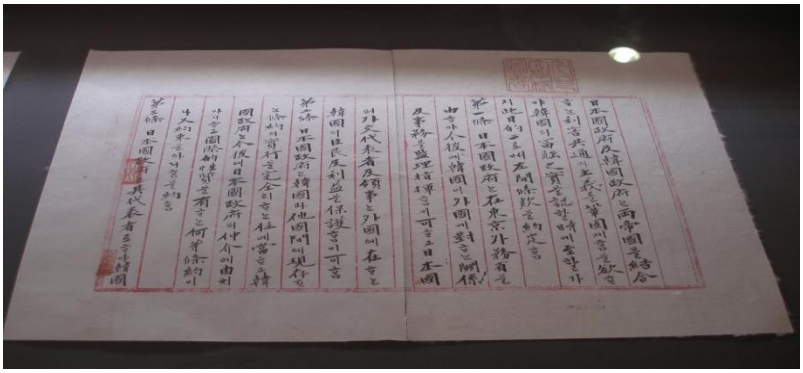


Fonte: https://www.calendarz.com/pt/on-this-day/february/26/empire-of-japan

Imagem do tratado de Amizade Japão-Coreia, 26 de fevereiro de 1876.

Mais tarde foi assinado outro acordo, o Tratado *Eulsa*, através desse tratado, o Império Coreano veio a ganhar proteção do Império Nipônico, o que lhes concedia ares de um Estado independente, mas na verdade, estavam subordinado-se à política externa, e à obrigações junto ao Império do Japão (LIM, 2017).

Imagem do Tratado de **Eulsa** com os japoneses (1905).



Fonte: https://kfaspain.es/2021/11/18/documento-falso-e-ilegal/

A Coréia foi ocupada por centenas de milhares de nipônicos, os quais transferiram suas residências para aquele país, a perda do território coreano e os locais com fecundas propriedades, foram tomadas pela força militar e repassadas aos japoneses, isso acabou iniciando duros embates e disputas entre japoneses e coreanos (KIMM, 2005). Os dois tratados com os japoneses, de nada valeram para os coreanos, não lhes restando então alternativa se não a resistência, e mais adiante, a guerra.

É possível notar nas palavras de (LIM, 2017), e dos outros pesquisadores, que o *Hapkido* não só operou como uma ferramenta bélica, mas também como arma política e de guerra, na busca de uma unidade nacional entre os coreanos, contra os japoneses, já que os tratados não funcionaram como o governo e a população coreana esperavam.

Em 1930, os coreanos foram forçados a migrar para o Japão, para executar trabalhos forçados. Muitos outros atos contra os direitos humanos foram praticados. E somente em 1945, ao final da II Grande Guerra Mundial, a União Soviética e os Estados Unidos, decidiram intervir e dividir a Coréia, sendo que o Norte ficaria sob o domínio soviético, e o Sul sob o domínio americano. A demarcação aconteceu no chamado paralelo 38 N, região demarcada pelos russos que estavam estabelecidos na área (SHAW, 2011).

Diante do exposto até aqui, é possível fazermos uma conexão deste contexto político com a infância de Choi: quando os japoneses invadiram a Coréia, e forçam uma migração em massa dos coreanos para o Japão, para trabalharem como escravizados para os japoneses. Mesmo a história da infância de Choi nos parecendo um tanto confusa, a sua trajetória histórica parece ter sido construída no momento que acontece o êxodo coreano para o Japão, vejamos o que diz um historiador marcial sobre tal fato;

> “Segundo mestre Torres, Choi foi um dos mais influentes pioneiros das artes marciais coreanas modernas, nascido em 1904 na província de Chung Buk, Coréia do Sul atual, Choi perdeu seus pais ainda em tenra idade, com aproximadamente oito anos de idade, acabou sendo levado ao Japão. Todos estes fatos, a morte dos pais muito cedo, a sua ida ao Japão em circunstâncias desconhecidas, acabaram mergulhando-o numa depressão, e o levaram a viver nas ruas, vagando de um lugar para outro, como mendigo, ainda muito jovem, e abandonado. Choi apanhava muito de outras crianças, que também moravam nas ruas, os seus algozes eram crianças japonesas que também se encontravam abandonadas. Tais circunstâncias nos parecem no

> mínimo estranhas, para não dizer outra coisa, Choi foi resgatado por um japonês que vendo o seu sofrimento nas ruas, resolveu adotá-lo (TORRES, 1997, p. 6) ".

Na visão de Torres existem fatos um tanto estranhos na trajetória de Choi, já que na cultura japonesa um coreano era visto como um ser inferior, a pergunta então seria, por que esse japonês resolveu adotá-lo ao invés de adotar um menino japonês? Até porque segundo o próprio Torres, havia muitas crianças japonesas abandonadas nas ruas assim como Choi.

Conforme Kimm (2005), durante a reunião de conferência de *Postdam*, entre 17 de julho e 02 de agosto de e 1945, a União Soviética e Estados Unidos se comprometeram a abandonar a Coréia, desta forma dois governos foram estabelecidos: um na Coréia do Sul, com a sede administrativa sendo em Seoul, onde se estabeleceu Syngman Rhee, aliado americano, e na Coréia do Norte, com uma sede governamental em Pyongyang onde se estabelece Kim-Il Sung, aliado russo. As características ditatoriais foram impostas duramente, e permanecem até hoje, tendo como a fronteira o paralelo 38 N. Ambos os governantes coreanos do Norte e do Sul, queriam a unificação e não a divisão do país (GAMA, 2019).

Mesmo com a reunião de conferência de *Postdam* tendo sido honrada através da assinatura do tratado de pacificação, o governante norte-coreano, Kim Il Sung, tentou influenciar Josef Stalin, revolucionário comunista e líder político soviético, a invadir a Coréia do Sul e tomá-la a força. Stalin estava receoso por diversos motivos, especialmente pelo fato de o conflito ser conduzido para um confronto violento, com os Estados Unidos.

Segundo Shaw (2011), mesmo assim, Josef Stalin concordou em apoiar a Coréia do Norte, influenciado por Kim Il Sung. Então, somente em 1949, a China se transformou em um Estado comunista, assim sendo, Josef Stalin na intenção de garantir o apoio da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS – sobre a região asiática, garantiu e abonou Kim Il Sung, para invadir a Coreia do Sul em 25 de junho de 1950, ultrapassando a fronteira do paralelo 38 N. Inicia-se então, o confronto militar entre as duas nações.

Diante de tal cenário, a Organização das Nações Unidas – ONU –, emitiu a Resolução 83, em 27 de junho de 1950, que autorizou a intervenção estrangeira para que se eliminasse a hostilidade contra a Coréia do Sul, retirando suas tropas, fato que não aconteceu. Diante deste fato os EUA como aliado da Coréia do Sul, enviou milhares de soldados para apoiar a "democracia". A intervenção americana foi fundamental, pois os norte-coreanos estavam quase derrotando e

tomando a Coréia do Sul. Havia um desequilibro de forças, ou seja, URSS e China lutavam juntas contra Seoul (SHAW, 2011).

Conforme Pellegrini (2009), os Estados Unidos da América entram neste instante em confronto direto, ao dar apoio aos sul-coreanos, com a intenção de garantir a democracia da região.

A chamada ofensiva americana denominada Batalha de *Inchon*, na fronteira do paralelo 38 N, deu forças aos sul-coreanos e reiniciou-se o processo reverso. Mas, neste instante, a China deu alerta aos EUA, para que desistissem de invadir, mas assim mesmo o conflito continuou e as tropas norte-coreanas foram encurraladas pelos EUA. A China, então, enviou milhares de soldados que invadiram o rio Yalu, e uma nova fase da Guerra da Coréia se iniciou (KIMM, 2005).

A China envolveu-se na Guerra da Coréia, porque temia que os norte-coreanos fossem vencidos, e invadissem o território chinês, onde estava sendo ainda configurada a revolução de Mao Tsé Tung. Além disso, a China já estava convencida da ideologia do comunismo para todo o mundo, e não aceitariam a derrota (KIMM, 2005).

Segundo Tedeschi (2006), no final houve novo momento de reunião, e ambos os lados assinaram um novo tratado de paz entre 1951 e 1953, onde foi estabelecido o fim da guerra, e até hoje, ambas as coréias, do Norte e do Sul, permanecem divididas pela rivalidade, pelo antagonismo e ciúmes, disputando quem é a melhor diante do mundo. Observa-se que esforços diplomáticos em todo o mundo, têm sido empregados na tentativa de uma busca por conciliação e unificação das duas Coreias. Não obstante, tudo isso, fez com que o povo coreano pudesse empreender um novo movimento estratégico, utilizando as técnicas já conhecidas de seu país, com as técnicas dos invasores estrangeiros, mesclando as artes de guerra (LIM, 2017).

Diante do exposto, não poderíamos deixar de citar, que para além dos milhares de mortes, da separação das famílias da Coréia única, criou-se uma divisão, entre Norte e Sul. Com o nascimento de uma segunda nação, a República Popular Democrática da Coréia, a arte marcial surgida ainda nos tempos da Coréia feudal e Imperial, o *Hapkido* apesar de tudo, continua sendo uma marca forte de identidade nacional, na consolidação da construção de um *habitus* dos grupos sociais deste país dividido em dois.

Em caráter de contribuição para o debate, com o que foi exposto pelos vários pesquisadores já citados, o que importa, em termos etnográficos, segundo Marcel Mauss são as: “formas pelas quais os homens em sociedade, de forma tradicional, sabem se servir do seu corpo”.

Histórias locais: a chegada ao Brasil e a Curitiba

Em 19 de outubro de 2023, durante um diálogo com mestre Roberson Leonardo Guimarães Rusyck, graduação 4º dan, fundador da Equipe Double Tiger de Hapkido, surgiu uma narrativa sobre o início do Hapkido em Curitiba. As palavras do mestre foram:

Aqui no Paraná, basicamente aconteceu o primeiro seminário de Hapkido, do estilo, que é o estilo que basicamente todo mundo faz parte, ou fez parte, e que era o estilo da antiga World Olimpic Hapkido Federation. Esse foi o primeiro seminário promovido, foi um seminário internacional, que aconteceu nos dias 14-15 e 16 de dezembro do ano de (2000), e foi promovido pelo mestre e grão-mestre, Dr. Hong Soon Kang, que já estava no Brasil trabalhando com o Taekwondo. E ele convidou mestres dos Estados Unidos, um também coreano, o grão-mestre, In Gon Park, que foi quem começou a inserir através desse seminário, o Hapkido, para os até então praticantes de Taekwondo. Os outros mestres do Brasil também foram convidados, vieram de Santa Catarina o mestre Kuang, o mestre Chang Bium de Brusque e o mestre Jan Ying Kuak também de Santa Catarina, eles vieram para esse seminário, e começaram a ministrar para alguns mestres e professores até então praticantes de Taekwondo. Esses mestres começaram a fazer seminários periódicos, e passar as técnicas, quem repassava essas técnicas era o mestre Kang de Curitiba, que é uma pessoa que retém um grande conhecimento de artes marciais, particularmente foi ele quem reteve esse conhecimento, e até hoje é a pessoa que transmite conhecimentos, e tem uma ligação direta com o pessoal da Coréia do Sul, quem participou de um seminário recentemente aqui em Curitiba foi o mestre Ji Han-jae , que é o fundador do Hapkido, que é o cara que deu o nome ao Hapkido, e também o grão-mestre Romildo José Lopes, ele é uma pessoa daqui de Curitiba.

Segundo Shaw (2011), o personagem de maior importância e relevância na história do *Hapkido* coreano, foi sem dúvidas o Mestre Choi Yong-Sool**.** No entanto, como veremos, também houve outros. Juntamente com Choi, outros grandes mestres contribuíram muito com suas codificações, estabelecendo assim uma gama variada de técnicas que englobam inúmeros chutes, socos, bloqueios, rolamentos, formas de quedas variadas, combates contra vários oponentes ao mesmo tempo, além de meditação, massagem, filosofia e técnicas terapêuticas, de respiração, de cura do corpo e da mente.

Entre os grandes mestres, encontramos um ítalo-americano, o grão-mestre John Pellegrini, radicado nos Estados Unidos, fundador do *International Combat Hapkido Federation*; o grão-mestre Ji-Han Jae, sul-coreano radicado nos Estados Unidos, fundador do *Sim-Moo Hapkido International Federation* – e que inclusive contracenou com o famoso Bruce Lee, no filme *Game of Death,* ou "Jogo da Morte" ; o grão-mestre Hui Choe, sul-coreano radicado na Califórnia e criador do estilo Kum Moo Kwan de *Hapkido*, e por fim, o grão-mestre Kim Hee Song, inspirador do Song Do Kwan, entre outras celebridades (SHAW, 2011).

Ao final da década de 50, os preceitos e a doutrina do mestre Choi Yong-Sool começaram a ter mais visibilidade na Coréia, pelo fato do comportamento de seus alunos e discípulos serem

diferenciados. Todos tinham muita coragem, determinação, força, disposição, humildade e disciplina. Para Miller, isso poderia ser o início da transformação de uma nação (MILLER, 2016).

Segundo Miller, como já citamos anteriormente, o *Hapkido* desempenhou um importante papel político na busca de uma transformação individual e social, e isso continua sendo, em menor ou maior grau, relevante para a República da Coréia. É possível dizermos, guardadas as devidas proporções, que o *Hapkido* está para a Cultura coreana, assim como o futebol está para a cultura brasileira, ou seja, faz parte da identidade Nacional, é uma ferramenta não só na utilização política, mas também de unificação Nacional, pois tem o poder de aglutinar um povo, em torno de um mito.

Gama (2019) traz informações importantes sobre o assunto "marcialidade". Segundo ele, foi somente no início dos anos 70, que o *Hapkido* chegou ao Brasil, com a migração de diversos mestres coreanos: para o Estado do Paraná veio o mestre Hee Song Kim; para o Estado de São Paulo o mestre Kang Byung Ha; para Cruz das Almas – BA, os irmãos Lim (Jung Do e Jung Duck), entre outros grandes mestres e instrutores internacionais, criando assim uma codificação contemporânea, a partir da sistematização de diversas outras artes marciais, com as bases éticas da filosofia oriental, dos códigos de conduta, e por fim, dos ensinamentos do Zen Budismo.

A introdução bem-sucedida do *Hapkido* no Brasil deu-se por duas razões: pela sua efetividade no combate utilizado como parte da formação militar nas Forças Armadas coreanas, e pelo seu caráter filosófico, como um caminho de vida oferecendo disciplina, autoconfiança, organização e determinação positiva (GAMA, 2019).

Na introdução de sua dissertação de Mestrado, Pires alega que: as artes marciais são atualmente parte integrante nas técnicas de combate corpo a corpo, defesa pessoal e treinamento físico militar, da polícia Militar do estado de São Paulo:

> "As artes marciais aparecem no campo, junto aos sujeitos policiais militares, como tecnologias e artefatos da guerra, cuja imersão em suas práticas, forjam corpos e transformam pessoas, por meio de processos que incidem diretamente em como, eles entendem e experimentam a violência, e o uso da força" (PIRES, 2018).

Segundo Caldas (2011), assim sendo, o *Hapkido* teve sua importância histórica na reconstrução da Coréia juntamente com outras artes marciais de guerra. Um dos muitos segredos

do “milagre” sul-coreano foi priorizar a educação como política de governo e de Estado. O *Hapkido* faz parte do processo educacional desde muito cedo. A mentalidade é continuar o trabalho de modernização. A partir dos anos 1990, após atingir a universalização de um ensino de boa qualidade, o governo do país decidiu realizar uma nova reforma em seu sistema educativo, a fim de aproveitar as oportunidades proporcionadas pela sociedade. O objetivo foi investir desde as escolas primárias, a fim de colocar a sociedade sul-coreana – cuja renda per capita hoje é mais que o dobro da brasileira, mas menos do que um terço da americana – na vanguarda dos próximos avanços tecnológicos (AMARAL, 2012).

Abaixo anexamos um quadro extraído do trabalho realizado por GAMA, onde são apresentados não somente o valor dado às artes marciais na Coréia, mas o quanto as mesmas influenciam segundo o conceito de *habitus de* Pierre Bourdieu, na vida cotidiana, na cultura nacional e internacional, como produto de exportação do país. São várias as artes marciais coreanas, não somente as mais conhecidas como, *Hapkido* e *Taekwondo*, como se imagina devido ao desconhecimento e falta de informações em português brasileiro, sobre as artes marciais coreanas, e devido a um senso comum infelizmente já cristalizado de forma equivocada.

O quadro um (1) apresenta uma lista das artes marciais originárias da Coréia, que confesso que também desconhecia. Neste quadro estão apresentadas as artes marciais com os seus respectivos nomes originais em coreano e no alfabeto (Hangul), a tradução para o nosso idioma, o seu fundador, ou o codificador da arte como é identificado o mestre fundador da arte marcial na Coréia.

ARTES MARCIAIS ORIGINADAS DA COREIA		
ARTE MARCIAL	**TRADUÇÃO**	**FUNDADOR OU CODIFICADOR**
Tae Kwon Do 태권도	Arte de usar os pés e as mãos na luta	General Choi Hong Hi (ITF)
Hap Ki Do 합기도	Caminho Harmonioso da Energia	Grão-Mestre Yong Sul Choi
I Yon Bom 욘봄	Bastões com corrente	Comandante Lee Duk Moo
Kuk Sull Do 국수도	Arte Marcial Coreana (mix)	Grão-Mestre Dr He Young Kimm
Jung Do Sull 정도 술	Técnica marcial de saltos em altura	Grão-Mestre Ahn IL Luk e o irmão Grão-Mestre Ahn Kil Won
Too Kun Sull 투쿤술	Arremesso de facas e punhais	Mestre Byung Ku Choi
Hwa Rang Do 화랑도	Grupo de Elite do Hapkido	Grão-Mestre Joo Bang Lee
KumDo 금도	A arte da espada (jukdô)	Grão-Mestre Chong Hak

Quadro 1 – Artes Marciais Originárias da Coréia

Fonte: Adaptado do Dr. He-Young Kimm, 2005.

Hapkido e sua relevância dentro dos projetos sociais no Estado brasileiro

Em algum momento da história, após 1950, mais de 1.400 sistemas de combate sofisticados a mãos vazias, evoluíram. O *Kwon Bop*, por exemplo, emergiu como um termo guarda-chuva, para técnicas de mãos vazias. *Su Bak Do* e *Tae kyon,* foram dois sistemas de luta com ênfase em chutes baixos e voadores, e o *Su Sul* ou *Kum Do,* foi um sistema diversificado de

habilidades com espada. Todas estas técnicas somadas, foram aos poucos sendo valorizadas e codificadas por Kimm (1985), dando o nome de *Kuk Sull* (TEDESCHI, 2006).

O *Hapkido* juntamente com o *Taekwondo* (outra arte marcial coreana) por sua vez, foram sendo observados e introduzidos nas Forças Armadas dos Estados Unidos da América, depois para outros países da Europa, e finalmente, chegaram ao Brasil, como pudemos ver anteriormente no breve resumo histórico.

Torres (2018) ao abordar o tema artes marciais dentro de instituições militares, e forças armadas do Brasil, nos trouxe duas grandes contribuições, uma a partir de sua etnografia, que segundo ele foi um árduo trabalho de campo, realizado a duras penas, devido, sobretudo, à falta de apoio da própria instituição militar, por total desconfiança do grupo observado, e a outra contribuição, pela experiência anterior vivida por Castro (1990). Este último fez pesquisa dentro da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), uma instituição de formação de oficiais das Forças Armadas do Brasil, por ser ele um civil e não um militar, mas sim um pesquisador e antropólogo ainda em processo de formação, enfrentou vários desafios.

> "Tal experiência segundo Pires (2018) foi benéfica para Castro (1990), no sentido de uma melhora na consolidação de suas relações com o pesquisado, ou seja, perante os seus interlocutores militares enquanto um civil, enquanto se fosse um militar, as relações se dariam de uma forma mais intensa e integral. Como civil ele pode pesquisar a partir do viés de um civil, de militares sendo interpelados e observados por um cidadão civil, o que acabou deixando de fora informações possivelmente muito pertinentes para o campo, a partir de um olhar de alguém que pertence ao grupo, e respondido por esse mesmo grupo como um dos seus, o que só seria possível enquanto militar. Talvez esteja aí o sucesso de tantos outros pesquisadores que acabaram se inserindo e se envolvendo verdadeiramente, de corpo e alma no grupo objeto de pesquisa. Isso nos mostra então, que depende muito do perfil do pesquisador, para o aceso a determinadas informações que poderíamos dizer privilegiadas, demonstrando assim, que na minha pesquisa de campo, por exemplo, enquanto praticante da arte marcial estudada, e participante do grupo observado, de certa maneira terei informações privilegiadas, diferentemente, se o meu perfil fosse de alguém alheio ao grupo, alguém de fora da comunidade objeto. É devido ao envolvimento do meu corpo, a exemplo de Wacquant no boxe durante a sua pesquisa de campo, e de Castro em campo com os cadetes da AMAN, que as pesquisas serão ricas ou não, influenciadas ou não, com novas

> descobertas, ou apenas com reafirmações do que já foi pesquisado anteriormente por outros pesquisadores da temática, em outro momento, do campo em tela, toda metodologia de pesquisa infelizmente possui o seu "calcanhar de Aquiles" (TORRES, 2018, p. 25).

Atualmente o *Hapkido* tem despertado muito interesse de vários diretores de escolas, assim como de professores, pelo seu critério de disciplina, ordem, respeito hierárquico e cordialidade (LIM, 2017) e (GAMA, 2021.p. 153-154).

De forma empírica passo a citar experiências pessoais, corroborando com o que afirmaram os vários autores acima quanto à importância do *Hapkido* na vida social brasileira, na formação de um *habitus*, seja nas crianças, adultos ou idosos dentro dos mais diversos órgãos públicos e até espaços privados, como academias e centros culturais. O *Hapkido* tem sido uma ferramenta no auxílio e na transformação individual. Para as crianças essa arte marcial, quando praticada ainda em tenra idade, tem efeitos duradouros e ensinamentos para a vida, tanto na transformação social e cidadã do praticante, quanto na contribuição para o desenvolvimento humano, tais como, psicomotor, físico. O Projeto "Programa Comunidade Escola" pode ser citado como um exemplo de sucesso nessa transformação social, implantado no ano de 2012, na Escola Municipal Dario Vellozo no bairro da Cidade Industrial (CIC) mas também em outros bairros da cidade.

A Cidade Industrial de Curitiba além de antiga é também o maior bairro em extensão territorial da capital paranaense, idealizado incialmente como um conjunto habitacional popular no início dos anos 70, a CIC completou recentemente 51 anos, concebida inicialmente como um local para abrigar trabalhadores e empresas na capital, a CIC como é mais conhecida hoje devido as suas inúmeras indústrias, esse bairro abriga atualmente mais de 20 mil empresas e uma população estimada em 186.083 mil habitantes segundo dados do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (Ippuc). No entanto, segundo a Secretaria de segurança Pública do Estado do Paraná, está entre os bairros mais violentos da cidade e do Estado. Mas essa triste realidade tem mudado para melhor a cada ano que passa. Diante de tal realidade social e como um morador do bairro, o kiosanin James hoje sabonin [8]de *Hapkido* 3º dan, resolveu aderir ao Programa Comunidade Escola. O desejo em desenvolver um projeto social e trabalhar o *Hapkido* com crianças segundo me confidenciou, era um sonho antigo, pois desejava trabalhar a transformação social e política de seres humanos ainda em processo de formação, utilizando-se da arte marcial coreana *Hapkido*, como ferramenta de apoio. A partir dessa visão, o que era até então um desafio e um sonho, tornou-se também uma realização pessoal. Trabalhar o *Hapkido* como agente

[8] Sabonin – ou mestre, é a graduação que recebe o praticante de Hapkido, a partir do 3º dan até o 6º dan.

transformador em vários sentidos não foi tarefa fácil, mas com a chegada de importantes parcerias como a participação do Instituto Robert Bosch, uma das muitas multinacionais instaladas no bairro da CIC, as coisas ficaram um pouco menos difíceis. A Bosch é uma das empresas mais renomadas do mundo, é líder mundial no fornecimento de tecnologias de serviços, a adesão da mesma ao Programa Comunidade Escola facilitou muito o desenvolvimento do Projeto, sobretudo com o financiamento de equipamentos de proteção para a prática segura da arte marcial coreana, tais como: capacetes, luvas, protetor de tórax e dobok, durante os anos que o programa durou. Aqui deixo testemunho pessoal, tive a honra e oportunidade de participar do citado programa desde o seu início em 2009, até o seu final em 2015. (Depoimento pessoal do Kiosanin James Soares).

Segue abaixo matéria na íntegra, publicada pelo Núcleo Regional de Educação da Cidade Industrial de Curitiba (NRECIC), sobre o sucesso da implantação do *Hapkido* no Programa Comunidade Escola na Escola Municipal Dario Vellozo, situado à rua, Desembargador Cid Campelo número 4.630 CIC.

1ª Imagem

Imagens dos arquivos do Núcleo de Educação da Cidade de Curitiba (NRECIC). Kiosanin: James Soares de Dobok vermelho, faixa preta 1º dan, instruindo alunos (as) do Programa Comunidade Escola na escola municipal Dario Vellozo na CIC, ano 2012.

2ª imagem Kiosanin: James Soares passando em revista os alunos (as) do Programa Comunidade Escola.
Imagem dos arquivos do Núcleo de Educação da Cidade Industrial de Curitiba (NRECIC).

3ª imagem
Alunos (as) do Programa Comunidade Escola em forma, das mais variadas graduações.
Imagem dos arquivos do Núcleo de Educação da Cidade Industrial de Curitiba (NRECIC).

4ºimagem

Kiosanins: Da esquerda para a direita: Enéias, Oséias ao centro (faixas vermelhas ponta-preta) e Douglas (faixa marrom), atualmente faixas pretas 1º e 2º dans.

Detalhe: Eu me encontro atrás do Kiosanin Douglas, com a minha graduação cinza.

Segue a matéria na íntegra sobre o projeto

Parceria apoia aulas de Hapkido na escola Dario Vellozo

Publicado por: Sandra Mara de Lima / 10/05/2012 14:59:00

"Participantes das aulas de hapkido no Programa Comunidade Escola Dario Vellozo realizaram apresentação especial para a comunidade em agradecimento à importante parceria com o instituto Robert Bosch. O Instituto disponibilizou verba para ser aplicada em material para o desenvolvimento das aulas".

Faz três anos que o voluntário James Soares oferece a comunidade aulas de hapkidô, e para isto utilizava seu próprio material. Para ele a compra desses equipamentos irá facilitar seu trabalho. Além de trabalhar as técnicas do hapkido, James faz questão que seus alunos tenham bom comportamento e bom aproveitamento, também durante a semana no período regular.

"O hapkido desenvolve a disciplina que é fundamental para o aluno, e o afasta das ruas. Crianças e adolescentes que treinam mudam o comportamento em sala de aula, e aprendem a conviver em grupo, além de incentivar a prática do esporte". Disse James.

Para os pais de Kaê de 11 anos, a prática do hapkidô é muito importante para o desenvolvimento do filho. “O hapkidô ensina a arte da cooperação, de viver bem e de legítima defesa, desenvolve, também, a responsabilidade, trabalha o corpo e a mente. Para o Kauê é muito importante estar aqui com os colegas” relatou o pai Sanderlei Rodrigues da Silva. “O importante é que a arte marcial mostra para as crianças, o que é brincar, o que é disciplina, o que é respeito. Mostra que Luta é diferente de briga” completa a mãe Luciana do Rocio Stelmak.

Ivone Alves Teixeira, mãe de Vinícius de 08 anos, diz que seu filho não vê a hora de chegar o fim de semana para participar do treino. “Enquanto está na escola não está fazendo coisa errada, e está num lugar seguro” “diz a mãe”.

Hapkidô

“Hapkidô é uma arte marcial coreana que ensina seus praticantes a defesa pessoal. Além de movimentos circulares, os alunos aprendem técnicas de socos, chutes, rolamentos, escapes, esquivas, torções, técnicas de alongamento e respiração, além de englobar técnicas com armas diversas, como bastões, espadas, bengalas, facas, leques. A palavra coreana *Hapkido* significa: "Hap", harmonia; "Ki", poder ou energia; e "Do", caminho, método. Portanto *Hapkido* é “o caminho harmonioso do poder” As aulas de *Hapkido*, acontecem todo sábado a partir das 14:00 horas na E.M. Dario Vellozo, Rua Desembargador Cid Campelo 4.630, CIC, durante o Programa Comunidade Escola. ”

Fonte: NRECIC|Autor: Sandra Mara de Lima

Abaixo relação de escolas participantes do Programa Comunidade Escola na cidade de Curitiba por núcleo de Educação.

Escolas participantes

Núcleo Regional	Escola
BAIRRO NOVO	E. M. PROFª CECÍLIA MARIA WESTPHALEN
	E. M. HERÁCLITO FONTOURA SOBRAL PINTO
	E.M. Bairro Novo do CAIC Guilherme Lacerda Braga Sobrinho
	E. M. PROFESSORA MIRACY RODRIGUES DE ARAÚJO
BOA VISTA	E. M. PILARZINHO
	E. M. CEI ROMÁRIO MARTINS
	E. M. CEI AUGUSTO CÉSAR SANDINO
BOQUEIRÃO	E. M. CEI DAVID CARNEIRO
	E. M. CEI MAESTRO BENTO MOSSURUNGA
	E. M. PROFESSOR GERMANO, PACIORNIK
CAJURU	E. M. CEL. DURIVAL BRITTO E SILVA
	E.M. OMAR SABBAG
	E.M. IRATI
	E. M. MARIA MARLI PIOVEZAM
CIC	E.M. ALBERT SCHWEITZER
	E. M. PROFº DARIO PERSIANO DE CASTRO VELLOZO
	E.M. SÃO JOSÉ
	E. M. POETA JOÃO CABRAL DE MELO NETO
PORTÃO	E. M. JARDIM SANTOS ANDRADE
	E. M. PADRE JOSÉ DE ANCHIETA
	E. M. PROFESSORA NANSYR CECATO CAVICHIOLO

SANTA FELICIDADE	E. M., FOZ DO IGUAÇU
TATUQUARA	E. M. CEI PROFESSOR ANTÔNIO PIETRUZA
	E. M. ERICA PLEWKA MLYNARCZYK
	E. M. PROFª JOANA RAKSA
	E. M. LEONEL DE MOURA BRIZOLA

Para além da relação de escolas municipais da cidade de Curitiba envolvidas neste Programa governamental de nível municipal batizado como Comunidade Escola, existem dados em números do quanto esse programa tem sido um sucesso segundo as entidades envolvidas, desde quando foi implantado até recentemente.

O programa Comunidade Escola nasceu por força de um Decreto municipal sob o número 1218/2005, ou seja, o programa está prestes a complentar 25 anos de atividades. Segue o texto integral do decreto municipal da instituição do programa.

O PREFEITO MUNICIPAL DE CURITIBA, CAPITAL DO ESTADO DO PARANÁ, no uso de suas atribuições legais, conforme disposto no Art. 72, Inciso IV, da Lei Orgânica do Município de Curitiba e tendo em vista o contido no ofício nº 589/05-PGM,

• considerando a importância de se ampliar as atividades da escola para promover a melhoria da qualidade de educação do município.

• considerando a necessidade de redução da violência e da vulnerabilidade socioeconômica nas comunidades escolares.

• Considerando a Escola como espaço privilegiado para um processo de mudança de atitude e comportamento de crianças e jovens expostos a violência; e

• Considerando a Escola como local de acesso a todos os membros da comunidade e via informal de aproximação entre crianças, jovens, família e comunidade.

O Programa Comunidade Escola assim como todo programa social possui uma visão e uma missão, abaixo segue as mesmas:

Missão

Valorizar as escolas como centros irradiadores da vida da comunidade promovendo parcerias e ações integradas para o desenvolvimento sustentável da comunidade local.

Visão

Transformar as escolas municipais em centro irradiador da vida da comunidade com educação, promoção do empreendedorismo, atividades culturais, atividades relacionadas à saúde e de esporte e lazer.

As atividades do programa seguem normas rígidas de horários e dias da semana, porém só contempla as escolas municipais da cidade de Curitiba;

Dias da semana; Sábados e Domingos,

Horários: das 9h às 17hs com horários diferenciados em algumas unidades.

Ações diretas

Ações compartilhadas:

Intersetoriais e Parcerias

De 179 escolas municipais, 94 estão dentro do programa.

Abaixo segue uma relação de alguns parceiros do programa, porque uma inciativa desse porte não avança sem parcerias com a iniciativa privada e ONGs.

Faculdade Evangêlica do Paraná, GVT 25, Acão Voluntária – Curitiba-Pr, Farmácias Nissei, PUCPR, SESC Paraná, Instituto Robert Bosch, Faculdades Santa Cruz, SESI/PR.

Por fim apresentamos alguns prêmios recebidos pelo programa durante toda a sua existencia até o momento.

As premiações são as seguintes:

• 2010 –2.º lugar Premio Nacional de Educação em Direitos Humanos, Projeto: Programa Comunidade Escola: O espaço da gente.

• 2011 - Prêmio de Tecnologia Social, Fundação Banco do Brasil.

• 2012 - 2.ª Edição do Selo ODM.

• 2013 - 3.ª Edição do Selo ODM.

• 2013 - Prêmio Gestor Público Paraná.

A lista das escolas acima que participaram e ainda participam de projetos sociais, inserindo na grade curricular o ensino de artes marciais aos estudantes, promovido pela Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, apresenta alguns núcleos de ensino críticos como CIC, Cajuru , Tatuquara e Bairro Novo, isso nos mostra o quanto este Programa Comunidade Escola foi e continua sendo importante no auxílio aos professores, na facilitação do ensino, aplicação e assimilação no aprendizado de outros conteúdos como, matemática, português, ciências, etc. A partir das citações presentes no trabalho, onde apresentamos as artes marciais como aliada, e no caso especifico o Hapkido, só reforçam e contribuem de forma efetiva e positiva, para importância na melhora do respeito do praticante dentro e fora do ambiente escolar, dentro do tatame, na fixação de dados do infante, na concentração, na disciplina física, na dedicação e resiliência, e respeito aos pais e mais velhos, etc. Segue abaixo uma etnografia do que acabamos de apresentar.

Uma vida transformada através do Hapkido

O aluno A[9] era um menino pardo de mais ou menos 1,50 de altura, cabelos encaracolados, de porte físico forte, e filho de pai agente civil e mãe professora, segundo ele me confidenciou, a sua mãe era quem sempre teve o desejo de colocá-lo em uma academia para praticar alguma arte marcial, mas nunca dava certo, devido a distância e a correria dos pais, não sobrando tempo para acompanhá-lo as aulas. A parceira entre a Escola Dário Veloso e a Equipe Hunter Tiger de Hakido dirigida e treinada por mestre James, foi uma oportunidade ímpar para a sua mãe realizar esse sonho. Segundo A ele foi para o projeto sem muita vontade a princípio, porque as aulas eram aos

[9] Aluno A, é o nome que dei a um dos meninos (as) do Programa Comunidade Escola, que teve a sua vida transformada a partir do seu envolvimento com o Hapkido. Por ser um menor de idade, não citarei o seu nome completo, mas somente a sua experiência.

sábados à tarde, na escola de aproximadamente mil alunos que ele já frequentava a semana inteira. Aulas de artes marciais aos sábados? Bem no dia que eu tinha livre para jogar videogame? “Bem, isso não era o que eu queria”, me disse, ou seja, essa é uma das revelações entre muitas que ouvi pessoalmente durante os anos que participei ativimente do programa. As aulas aconteciam em um canto da escola, em um prédio de arquitetura diferente dos demais complexos, em uma sala enorme, essa escola do município se localiza entre duas ruas importantes da CIC com uma bifurcação em Y, com os fundos para a rua Arhur Martins Franco, e a frente para a rua Desembargador Cid Campelo, essa escola sofre com frequentes alagamentos devido localizar-se abaixo do nível da rua.

A escola municipal Dario Veloso é toda cercada por muros altos, possui grades por tudo, devido aos furtos e depredações frequentes, possui uma entrada para carros e uma entrada para pedestres e existem calçadas ligando todos os complexos. Entrando pelo portão grande seguindo pela direita no final da calçada coberta, a esquerda se localiza o complexo do refeitório dos alunos, nesse local havia muitas mesas e armários embutidos na parede, nos dias de treino todo esse material era movido para um canto, para a montagem do tatame e a execução das aulas de Hapkido. Abaixo algumas imagens da escola e do prédio, onde durante todos os anos que o projeto esteve vigente, as aulas de Hapkido e todas as demais atividades aconteciam.

Entrada de acesso para pedestres...

Prédio onde aconteciam as aulas de Hapkido aos sábados à tarde...

Votando a história, A se inscreveu no projeto e iniciou os treinos, segundo ele acabou gostando tanto que passou a treinar na academia, já que somente um treino por semana para ele era pouco, as amizades foram se consolidando, ele estava cada dia melhor nas atividades da escola, e treinar na Life Energy Academia agora era um tipo de prêmio dado pela mãe e o pai devido ao bom desempenho não só na escola, mas em casa com a família, que segundo ele, tudo mudou quando começou o seu envolvimento com o Hapkido. Existem muitas outras história e experiências de meninos e meninas que tiveram suas vidas transformadas após o envolvimento com as artes marciais.

Outra história muito interessante que vale a pena narrar é a do aluno B, segundo ele, não tinha dinheiro nem para comprar os matérias de treino, como o dobok, caneleira, protetor de tórax, protetor bucal, luvas e coquilha[10]. Mas na assinatura para entrar no projeto o mestre James que na época ainda era kiosanin, fez uma relação de equipamentos necessários para a segurança da integridade física dos alunos durante os treinos, e todos os materiais foram disponibilizados aos alunos do projeto.

Retomando a história do aluno B, a preocupação dele procedia, porque para um iniciante praticar o Hapkido com segurança e sem riscos a integridade física, o ideal é que tenha e faça uso dos equipamentos citados na ralação acima, isso acaba desencorajando muitas vezes as pessoas por tornar a atividade marcial cara, sobretudo quando falamos da realidade de um bairro da cidade de Curitiba, onde muitas pessoas vivem em estado de fragilidade social severa, essa dificuldade se torna mais real, por isso tais modelos de projetos são voltados para os públicos com tais perfis. Sanada as dificuldades com os equipamentos para treinos e competições, agora era só treinar. B durante os anos que esteve no projeto melhorou demais em casa, segundo a sua mãe em conversa comigo em um campeonato de Hapkido, onde B teve uma participação destacada, ele mudou com os irmãos, melhorou em matemática, uma disciplina que ele tinha muitas dificuldades devido a falta de atenção e concentração, pararam as brigas na escola, a mãe estava radiante quando me relatou o avanço que seu filho conquistou a partir do momento que começou a participar das aulas de Hapkido. Ele realmente era ótimo tanto na luta em pé quanto na luta de solo, pois o estilo da Equipe Hunter Tiger presa muito pela luta no solo também. Tive a oportunidade de treinar também como aluno com A e B, os dois eram muito bons. B foi convidado para treinar com os demais alunos na academia que não eram do projeto, devido ao seu alto desempenho nos treinos dentro

[10] Coquilha é um protetor genital que os praticantes de artes marciais geralmente utilizam, para evitar que golpes nessa região do corpo, causem algum dano.

do projeto. Um detalhe que me chamou muito a atenção, foi que os alunos que eram ótimos e tinham dificuldades para pagar as mensalidades, o mestre James pagava as suas mensalidades, ou conseguia um tipo de bolsa com o proprietário da academia e consequentemente a isenção das mensalidades. À exemplo de Dee Dee lá na academia do subúrbio de Chicago, kiosanin James no subúrbio de Curitiba também não media esforços para que os seus alunos estivessem envolvidos com o Hapkido tendo eles condições financeiras ou não.

O que me causou certo estranhamento durante as pesquisas de campo, é que não consegui encontrar quase ninguém dos alunos do meu tempo de treinamento, os alunos que iniciaram os seus treinos a partir de 2011 até 2019. Soube notícias deles através do mestre, que muitos são adultos atualmente, alguns com suas vidas e futuro bem encaminhados, enquanto outros infelizmente se entregaram as drogas, uma faleceu, e da multidão que treinava comigo, só eu e o Léo chegamos à graduação faixa-preta, e hoje também somos kiosanin, nos preparando para continuar o legado de nosso mestre. O Léo é estudante universitário de educação física, e eu professor de francês, tradutor e mestrando em antropologia, os quais o mestre sempre cita os nomes com muito orgulho.

O Estado cada vez mais tem se apercebido através de estudos, e opiniões de profissionais da área da saúde, tais como médicos e psicólogos, os benefícios sociais, cognitivos e motores que uma arte marcial pode trazer ao praticante, em especial as crianças, a partir da união entre saberes empíricos e conhecimento pedagógico. Segundo argumentam Correia e Franchini (2010, p.1). A própria definição de arte já nos situa em relação a este aspecto, conforme o argumento abaixo.

> Desta forma, podemos identificar que a expressão “arte” nos sinaliza para uma demanda expressiva, inventiva, imaginária, lúdica e criativa, como elementos a serem inclusos no processo de construção de certas manifestações antropológicas ligadas ao universo das Artes Marciais.

É de conhecimento da opinião pública que cada vez mais o poder público tem buscado parcerias com academias, professores e mestres de artes marciais e contemplando assim dentro desse processo, não só as modalidades esportivas já consagradas na cultura brasileira, como futebol, voleibol, handebol, basquetebol, xadrez, natação, karate, judô, taekwondo e outros, mas também as mais diversas formas de artes marciais. Atualmente modalidades esportivas, sobretudo as marciais são incluídas cada vez mais na grade de atividades extracurriculares, como atividades auxiliares, especialmente no contraturno dos estudantes, com o intuito de reforçar as posturas de respeito, disciplina, o comprometimento e outras qualidades, que são ensinadas e forçadas dentro das artes marciais orientais, como um aprendizado para a vida. Nesse particular podemos citar em

caráter de exemplo as artes marciais japonesas, essas artes durante muito tempo mantiveram-se como atividades educativas de elevado conceito, dentro de projetos sociais do Estado, como nos casos do Karatê e do Judo. Mais recentemente, foram descobertos os benefícios que as artes marciais coreanas também proporcionam, com destaque especial, para o Taekwondo e o Hapkido.

Gama afirma de maneira convicta tais benefícios, a saber…

> "A prática do *Hapkido*, por exemplo, em algumas escolas brasileiras, tem demonstrado franco progresso, e uma melhora sensível dos alunos em comportamento e disciplina, em consciência de corporeidade e autoestima. Entretanto, podemos ainda observar que o *Hapkido* se mostra muito pouco divulgado na sociedade, e com preconceito de alguns sobre esta arte, misturando-a com crendices populares (GAMA, 2019) ".

Na opinião de Gama (2019), atualmente o *Hapkido* está sendo introduzido em algumas escolas estaduais, e municipais por iniciativa de alguns instrutores e mestres. Além disso, a referida arte marcial coreana, está sendo inserida em diversos projetos educacionais em todo o território nacional, por livre iniciativa de profissionais que trabalham na recuperação de jovens delinquentes e marginalizados, e que estão adaptando-se com muita facilidade à disciplina e ordem, características muito presentes na arte marcial coreana também.

O trabalho com o *Hapkido* nas escolas estaduais, municipais e particulares na cidade de Curitiba, têm como objetivo principal, incluir a referida arte marcial como parte do currículo.

Segundo Kim (2005), ensinar *Hapkido* é ainda algo novo e diferente, porque muitos dos professores de educação física ainda não têm conhecimento, sobre como trabalhar este conteúdo em suas aulas, ou ainda, sentem-se inseguros por nunca terem tido a oportunidade de desenvolver e promover esta arte marcial.

Código de Ética e disciplina

Observa-se ainda que o *Hapkido*, assim como outras artes marciais, possui um código estrito de ética e conduta, com disciplinas mentais sistematizadas em diferentes graus, objetivando um alto desenvolvimento de seus praticantes, instrutores, professores, mestres e grão-mestres,

voltado para a defesa pessoal – *Ho Shin Sull* – e preparando o espírito marcial do praticante (KIMM, 2005).

Conforme Kimm (2005), os antigos praticantes de artes marciais seguiam regras rígidas de lealdade, tanto ao rei quanto aos pais e amigos, com bravura em combate, com simplicidade e prudência em seu *modus vivendus*, estabelecendo cinco preceitos fundamentais de ética, a saber:

1- Seja Leal ao seu Rei.
2- Seja obediente e respeite seus pais.
3- Seja leal e honre seus irmãos.
4- Nunca recue diante do inimigo.
5- Realize uma morte sensata.

(Trad. Nossa). [ver o quadro 2, adaptado de Kimm (2005)].

Kimm nos traz o Código de ética de forma ilustrada, demonstrando na apresentação do mesmo uma forma ordenada, onde as condutas básicas devem ser seguidas por todos aqueles que decidissem ser um praticante de Hapkido. Na atualidade, com a exportação do Hapkido coreano para outros continentes, a aplicação de tal código de conduta depende hoje muito mais das escolas de artes marciais, da origem de cada *kiosanin, sabonin* ou grão-mestre[11] não há uniformidade entre os praticantes quanto a este tema.

Todas estas normas fazem parte de um ensino mais rígido da cultura, da espiritualidade, da reverência para com os ancestrais e fundadores da arte marcial, da busca pelo real controle sobre o corpo e mente etc.

Quadro 2 Código de Honra do Hapkido

[11] Grão-mestre, só atinge essa graduação no Hapkido o praticante que sonsegue chegar ao 7º e vai até o 10º dan, geralmente quando a pessoa atinge essa graduação, já está idosa.

화랑의 영 STRICT CODE OF HONOR HWA RANG DO
하나 1 - BE LOYAL YOUR KING.
둘 2 - BE OBEDIENT AND RESPECT YOUR PARENTS.
셋 3 - BE LOYAL AND HONOR YOU FRIENDS.
넷 4 - NEVER RETREAT BEFORE THE ENEMY.
다섯 5 - TO REALIZE A SENSIBLE DEATH .

Fonte: Adaptação de Dr. He-Young Kimm, 2006.

Com o passar dos tempos, outras prescrições foram sendo criadas. O *Hapkido* por ser uma arte marcial de defesa pessoal, exige disciplina, ordem, autocontrole e hierarquia na aplicação das técnicas de defesa pessoal. Para tanto o código de ética se faz obrigatório para regular e manter sobcontrole, a aplicabilidade de suas técnicas e a consciência de seus guerreiros (GAMA E GAMA, 2019).

Diante dos limites do trabalho exposto, a sondagem da literatura mencionada nos mostrou de forma um tanto limitada ainda, a importância histórica do *Hapkido*, e da inclusão desta arte marcial coreana como um dos alicerces no desenvolvimento psicofisiossocial. A sistematização de suas técnicas e vertentes servem de apoio como instrumento educacional para o profissional de Educação Física, no treinamento de crianças, jovens e adultos, por trazer inúmeros benefícios aos praticantes. Os fragmentos dos textos de GAMA em especial, foram de muita valia para este trabalho, sobretudo no sentido de ampliarmos mais a gama de conhecimentos sobre outras pesquisas existentes no campo, sobre as influências do *Hapkido*, e de como este pode contribuir para o desenvolvimento do potencial humano do individuo, e do coletivo por meio da correta utilização das técnicas oferecidas, através da arma mais poderosa que um ser humano possui, o seu corpo.

Ainda segundo os entendimentos de Gama (2021), é necessário advertir que existe uma demanda vinculando o *Hapkido* às artes marciais ligadas diretamente à filosofia, psicologia, educação física e medicina do esporte, com aplicações práticas para a sociedade, e as comunidades especializadas em todos os continentes. A partir de tais observações é possível acrescentarmos para além dos campos citados por ele, a necessidade urgente de um olhar técnico-científico na

esfera do campo de estudos da Antropologia do corpo e dos esportes, visando um aprofundamento maior devido a sua relevância antropológica, devido a sua importância na construção do passado e do presente do povo coreano, e por que não dizer, para a construção do *habitus* em outras culturas e povos, a partir da transferência destes conhecimentos e saberes de sociedades de outros continentes, através de professores e mestres de Hapkido.

Vejamos o que dizem JOHNSON & KANG (2018) sobre o promissor campo dos estudos das artes marciais;

> "A infinidade de artes marciais a serem pesquisadas, permitem vários estudos interdisciplinares. Uma dessas artes marciais é o Hapkido, uma arte marcial coreana que se concentra em técnicas de autodefesa. As habilidades do Hapkido incluem golpes, bloqueios de articulações, arremessos ou uma combinação deles. Ele também possui uma variedade de técnicas de armas tradicionais, baseadas nas habilidades mencionadas anteriormente, e uma grande variedade de habilidades de quedas e rolamentos" (JOHNSON & KANG, 2018, p. 42).

A partir dessa proposta programática de Johnson & Kang, indagaremos no próximo capítulo sobre as potencialidades interpretativas da antropologia do corpo, e da antropologia do *habitus*, para o estudo do Hapkido.

CAPÍTULO 2 TÉCNICAS DO CORPO

> *Uma das primeiras artes marciais que se tem história é o Wushu. A arte da guerra. E foram os monges tibetanos que a desenvolveram. Eles treinam muito. Não só a mente, mas o corpo. Então na questão do Kung-Fu, a questão do Wushu, a questão do Hapkido, a gente tinha um conhecimento, até os japoneses têm seus monges lutadores. A gente vê na história dos mongóis, quando eles invadiram o Japão. Os mongóis se juntaram para se defender [...] Eles são envolvidos com meditação, e não só com o corpo, mais com o espírito, com a mente e tudo mais [...] Eles usaram a arma deles, e estavam bem-preparados com certeza, a arma era o próprio corpo...*
>
> Leonardo Henrique da Silva (graduação faixa vermelha ponta-preta, da Equipe Hunter Tiger de Hapkido da cidade de Curitiba). Entrevista realizada em 25 de outubro de 2023.

Nas mais diversas culturas, as técnicas do corpo estão atreladas as questões de religiosidade, de pureza, de uma definição do que é sagrado e o que pode ser definido como profano, do que é certo ou errado, o que é puro ou impuro, etc. Tal tema não permaneceu invisível dentro dos estudos antropológicos, o antropólogo francês Robert Hertz trás sob o título "A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa" e nos apresenta algo até então pouco discutido. É importante estar atento à cultura coreana, pois os argumentos de Hertz são muito interessantes dentro de uma pesquisa por observação, onde tais práticas envolvendo o uso das mãos, com preeminência para a mão direita não foram negligenciadas com o passar dos tempos, dentro do *Hapkido* é possível presenciar esse viés defendido pelo antropólogo francês.

Abaixo anexamos algumas imagens acompanhadas de textos explicando o imagético, publicado em uma apostila da Confederação Mundial de Hapkido a (WHF), na qual nos baseamos para as nossas afirmações. Tradução nossa.

Os controles articulares, também chamados de chaves constituem uma parte essencial das técnicas do *Hapkido*. As mesmas permitem dominar o adversário sem ferir gravemente, como as demais técnicas vistas até aqui, como chutes e estrangulamentos. As torções podem ocorrer em nível de todas as articulações eficazmente, e sem perigo para o praticante. O Hapkido possuiu 7 chaves bases, que uma vez perfeitamente controladas, permitem realizar milhares de combinações, assim como as 7 notas musicais, permitem criar as sinfonias.

As 7 chaves base do Hapkido

Para facilitar a aprendizagem, as chaves base, são praticadas sempre com uma pegada de mão do adversário, seguida da torção de punho.

No Hapkido assim como no Taekwondo, *Hosinsul* [12] é o nome dado aos golpes com torções de articulações na defesa pessoal, em um combate próximo ao oponente, portanto, não há um nome específico para cada torção ou chaves.

Chave 1ª base

Com a perna direita a frente, segura-se com a mão direita, o interior da mão direita do adversário torcendo-a para dentro.

Em seguida, avança-se lateralmente sob o adversário, segurando com a sua mão direita, o interior da mão direita do oponente, com a perna direita em diagonal para o lado esquerdo, torcendo a mão do adversário, mas sempre se apoiando na base.

Finalidade do golpe: Este golpe tem por objetivo levar o oponente ao solo, ou mesmo lesionar a região imobilizada, é um golpe aplicado com muita velocidade e força, a dor é intensa no momento da aplicação, é impossível não se render ao golpe.

Quem está habilitado dentro do Hapkido a aplicar este tipo de golpe? Golpe aplicado por graduados a partir da faixa laranja, para chegar a essa graduação no Hapkido, depende muito da dedicação do aluno, geralmente com aproximadamente um ano de prática.

Chave 2ª base

[12] Hosinsul é o fundamento que tarata da arte da defesa pessoal.

Perna direita a frente, segura-se a parte externa da mão direita do adversário com a mão direita, fazendo-o girar no sentido interno.

Em seguida, ao segurar a parte interna da mão direita do adversário, com a mão esquerda, avance a perna direita em diagonal para a direita, torcendo a mão do adversário, com a mão, para a parte externa, apoiando-se e forçando o adversário para baixo.

Finalidade deste golpe: Este golpe após aplicado de forma correta, o oponente não tem outra alternativa que não seja se lançar a frente e para o solo com o rosto exposto, a dor é insuportável, geralmente nesta posição quem está aplicando o golpe, fatalmente não vai desferir um chute com o peito do pé, ou seja, com a parte de cima do pé na cabeça baixada na altura da cintura do aplicador.

Quem está habilitado dentro do Hapkido a aplicar este tipo de golpe? Golpe aplicado por graduados a partir da faixa verde, para chegar a essa graduação no Hapkido depende muito da dedicação do aluno, mas geralmente com aproximadamente dois anos ou mais de prática.

Chave 3ª base

Perna direita a frente, agarre a parte interna da mão direita do adversário, com a mão direita, torça a mão do oponente para dentro.

Em seguida agarre a parte externa da mão direita do adversário, com a mão direita avance sob a sua perna direita, e force a mão do adversário para baixo no sentido do seu corpo.

Finalidade do golpe: Este golpe bem aplicado pode romper os tendões da região superior do pulso, levando o oponente a ajoelhar-se, essa posição de submissão possibilita a aplicação de uma variedade de outros golpes, como joelhada no rosto, ou golpe com a mão livre na parte lateral do pescoço. Todos estes golpes causam dor intensa, levando o agressor a render-se, ou se resistir, fraturar-se.

Quem está habilitado dentro do Hapkido a aplicar este tipo de golpe? Golpe aplicado por graduados a partir da faixa amarela, para chegar a essa graduação no Hapkido depende muito da dedicação do aluno, geralmente com aproximadamente um ano ou mais de prática o aluno consegue aplicar essa torção com eficiência.

Chave 4ª base

Perna esquerda à frente, agarre a parte interna do punho do adversário, com a mão direita.

Em seguida agarre os quatro dedos da mão direita do adversário com a mão esquerda, e avance com perna direita, empurrando os dedos do adversário para baixo.

Finalidade do golpe: Causar lesão no pulso, se o adversário não ceder pode romper os ligamentos, é um golpe aplicado de forma muito rápida e com muita força. As dores e traumas causados por estas torções do Hapkido, são sempre muito intensas e graves.

Quem está habilitado dentro do Hapkido a aplicar este tipo de golpe? Golpe geralmente aplicado por graduados a partir da faixa amarela, praticantes com um ano e meio de prática e muita dedicação, conseguem chegar a essa graduação.

Chave 5° base

Perna esquerda a frente, com a mão direita, agarre a parte externa da mão direita do adversário, torça-a para dentro, quase até ficar na posição.

Em seguida agarre a mão direita do adversário com a mão esquerda, levante a mão do adversário apoiando sobre os seus dedos, mantenha a mão na posição vertical.

Finalidade do golpe: Causar lesão nas vértebras dos dedos, se o adversário não ceder pode romper os ligamentos dos quatros dedos maiores, ficando de fora só o dedo mínimo, como em todos os golpes dentro do Hapkido, um golpe também aplicado sempre de forma rápida e com muita força, assim como todos os demais golpes de torções, chutes, quedas e imobilizações do Hapkido. A dor causada por essas torções e golpes é sempre muito intensa.

Quem está habilitado dentro do Hapkido a aplicar este tipo de golpe? Golpe aplicado por graduados a partir da faixa verde, para chegar a essa graduação no Hapkido depende muito da dedicação do aluno, mas geralmente com aproximadamente dois anos de prática.

Chave 6ª base

Perna esquerda à frente, com a mão esquerda agarre a parte externa da mão direita do adversário, torça a mão para a parte interna.

Avance em seguida com a perna direta na diagonal para a esquerda, apoiando-se no pulso direito para dentro e no cotovelo direito do adversário para dobrá-lo.

Em seguida, levante o braço direito do adversário e passe-o para baixo, recuando a perna esquerda.

Em seguida aplique a chave diante do rosto do adversário, mantenha seu cotovelo direito bloqueando contra o peito com a mão direita.

Finalidade do golpe: Causar dor intensa no ombro do adversário, se não ceder pode romper ligamentos, é um golpe aplicado de forma muito rápida e com muita força, posso afirmar que durante mais de 10 anos treinando todos estes golpes, e servindo como sparing na maioria das vezes, as dores são absurdas. A dor causada é sempre muito intensa, devido os dedos serem segurados e forçados juntamente com o cotovelo.

Quem está habilitado dentro do Hapkido a aplicar este tipo de golpe? Golpe aplicado por graduados a partir da faixa verde, para chegar a essa graduação no Hapkido depende muito da dedicação do aluno, mas geralmente com aproximadamente dois anos de prática ou mais.

Chave-7ª base

Perna direita a frente, agarre a parte superior do pulso direito do adversário com a mão direita.

Em seguida avance a perna esquerda a frente e levante o braço direito do adversário, para poder passar o braço esquerdo por baixo dele.

Gire para as costas do adversário, recuando a perna direita e introduzindo na mão direita do adversário, a sua mão esquerda.

Bloqueando o cotovelo do adversário contra o peito, efetue a chave apoiando-se sob a mão e torcendo ela para o lado de fora, como uma asa de frango.

Finalidade do golpe: Causar dor intensa, deslocamento do ombro, do pulso e dedos do adversário, se não ceder pode romper ligamentos e tendões, todos os golpes são aplicados de forma rápida, e com muita força.

Quem está habilitado dentro do Hapkido a aplicar este tipo de golpe? Golpe aplicado por graduados a partir da faixa azul, para chegar a essa graduação no Hapkido depende muito da dedicação do aluno, mas geralmente com aproximadamente três anos de prática de Hapkido.

Nas imagens acima é possível termos no mínimo um estranhamento ao confrontarmos com a teoria de Hertz, estas imagens no mínimo causam certo questionamento, porque dentro do *Hapkido* inúmeros golpes tanto com as mãos quanto com as pernas, são aplicados com preeminência sempre para o uso do lado direito do corpo. O lado esquerdo é utilizado, mas como

auxílio para o direito. É no mínimo coincidência a teoria de Hertz em confronto com a prática dentro do Hapkido, o lado esquerdo participa na execução dos golpes, mas de uma forma sempre auxiliar. Os questionamentos de Hertz já no começo do seu texto, nos chamam a reflexão sobre o sentido do que é sagrado ou profano, do que é certo ou errado, do que é considerado prestigiado culturalmente e o que não é considerado. Por esses motivos Hertz faz a seguinte afirmação:

> "Que semelhança mais perfeita existe entre as duas mãos! E, no entanto, que impressionante desigualdade".

Segundo Hertz, para a mão direita vão todas as honras, as designações lisonjeiras, as prerrogativas: ela age, ordena e *toma*. Existe segundo o sociólogo francês um preconceito cultural contra a mão esquerda, a mão esquerda ao contrário da mão direita, é desprezada e sempre reduzida a um papel de humildade auxiliar: sozinha nada pode fazer; ela ajuda, ela apoia, ela segura. A meu ver em quase todos os povos do mundo, com especial atenção para algumas culturas asiáticas, orientais e mesmo ocidental, em tempos mais remotos o uso da mão esquerda em predominância a mão direita, era e ainda é muito mal-visto e repudiado, chegando a ser inclusive considerado no passado uma maldição. Exemplo no Ocidente, pessoas que não eram destras e faziam uso da mão e pé esquerdos, e que hoje sabemos que é devido a uma condição dos genes da medula, simplesmente sofreram pena de morte e tortura só por serem canhotas, no período das inquisições espanhola, portuguesa para citar apenas essas duas.

As funções das duas mãos na perspectiva de Hertz

Para Hertz as diferenças existentes entre a mão direita e a mão esquerda, determinam a diferença em posições e funções entre as duas mãos. Certos povos indígenas da América do Norte conseguem conversar sem dizer uma única palavra, comunicam-se apenas com movimentos da cabeça e dos braços, porém a mão direita sempre representa o *eu*, já a esquerda o *não-eu*, ou seja, os outros, neste diálogo para expressar a ideia de *alto*, a mão direita é levantada acima da esquerda, que é mantida na horizontal e imóvel, enquanto a ideia de baixo é expressa abaixando-se a mão inferior abaixo da direita. A mão direita nesta cultura significa bravura, poder e virilidade; ao contrário a mesma mão voltada para a esquerda, significa de acordo com o contexto, a ideia de morte, de destruição e enterro. Isso nos mostra o quanto as posições relativas às mãos são de uma importância fundamental dentro da linguagem de sinais.

Neste contexto de Hertz, apenas a mão direita está apta para estas relações beneficentes, já que participa da natureza das coisas e seres sobre os quais segundo ele, os ritos devem agir. Segundo algumas tradições, os deuses estão a nossa direita, por isso a necessidade de nos voltarmos para ele a fim de rezar e ainda mais, para adentrar um templo é aconselhável fazê-lo utilizando o pé direito primeiro, as oferendas devem ser apresentadas aos deuses sempre com a mão direita, se assim não for, o ofertante corre o risco de atrair para si grande maldição, pois é a

mão direita que recebe os favores do céu, e os transmite na benção. Tanto celtas quanto hindus levam muito a sério tais crenças, ao nível de darem três voltas em torno de uma pessoa, ou objeto, sempre da esquerda para a direita, com o lado direito do sol sempre voltado para dentro. Tudo isso porque creem piamente, que tais movimentos realizados inversamente são considerados sacrilégio e azarentos. O autor afirma ainda baseado nos vários argumentos apresentados, que existe uma seleção social que não só favorece muito os destros, mas conduz inclusive a educação no sentido de paralisar a mão esquerda, enquanto se desenvolve a mão direita. Se são as mãos direitas que se unem no casamento, se a mão direita presta juramento, conclui e sela contratos, toma posse e presta assistência, tudo isto é porque é do lado direito do homem, que estão os poderes e autoridades que dão peso aos gestos, além da força que exerce domínio sobre as coisas. Por último, o autor conclui afirmando que: a supremacia da mão direita é ao mesmo tempo um efeito e uma condição necessária da ordem, que governa e mantém o universo. (HERTZ, 1980, p. 20-21).

Falando sobre a polaridade religiosa, Hertz afirma que a predominância da mão direita é imposta através de coerção e garantida por sanções; por esse motivo pesa sobre a mão esquerda uma verdadeira proibição que a paralisa. Segundo o sociólogo francês, o universo inteiro está dividido em duas esferas contrastantes; ou seja, coisas, seres e poderes que se atraem, ou que se repelem mutuamente, mais isso vai depender do fato de gravitarem em direção, a um ou a outro polo. Pois todas as oposições apresentadas através da natureza exibem um dualismo fundamental. Esse dualismo está representado através do claro e escuro, do dia e da noite, do leste e sul em oposição total a oeste e ao norte, representando assim no imaginário e na localização de espaço, as duas classes contrárias de poderes sobrenaturais; onde de um lado a vida nasce e sobe, enquanto do outro, a vida desce e se extingue.

Esse exemplo pode ser estendido para o contraste entre alto e baixo, céu e terra; no alto a residência sagrada de deuses e estrelas, que não conhecem a morte, aqui embaixo, a região profana dos mortais, os quais a terra absorve, ou ainda, os lugares escuros onde se escondem não só serpentes, mas também hostes de demônios. Na visão de Hertz, o pensamento primitivo atribui um sexo a todos os seres do universo, mesmo para seres inanimados; tudo se encontra dividido em duas grandes classes e dependem de serem classificados como, femininos ou masculinos. Hertz utiliza alguns exemplos extraídos da cultura Maori, para ilustrar de forma clara a questão do dualismo religioso.

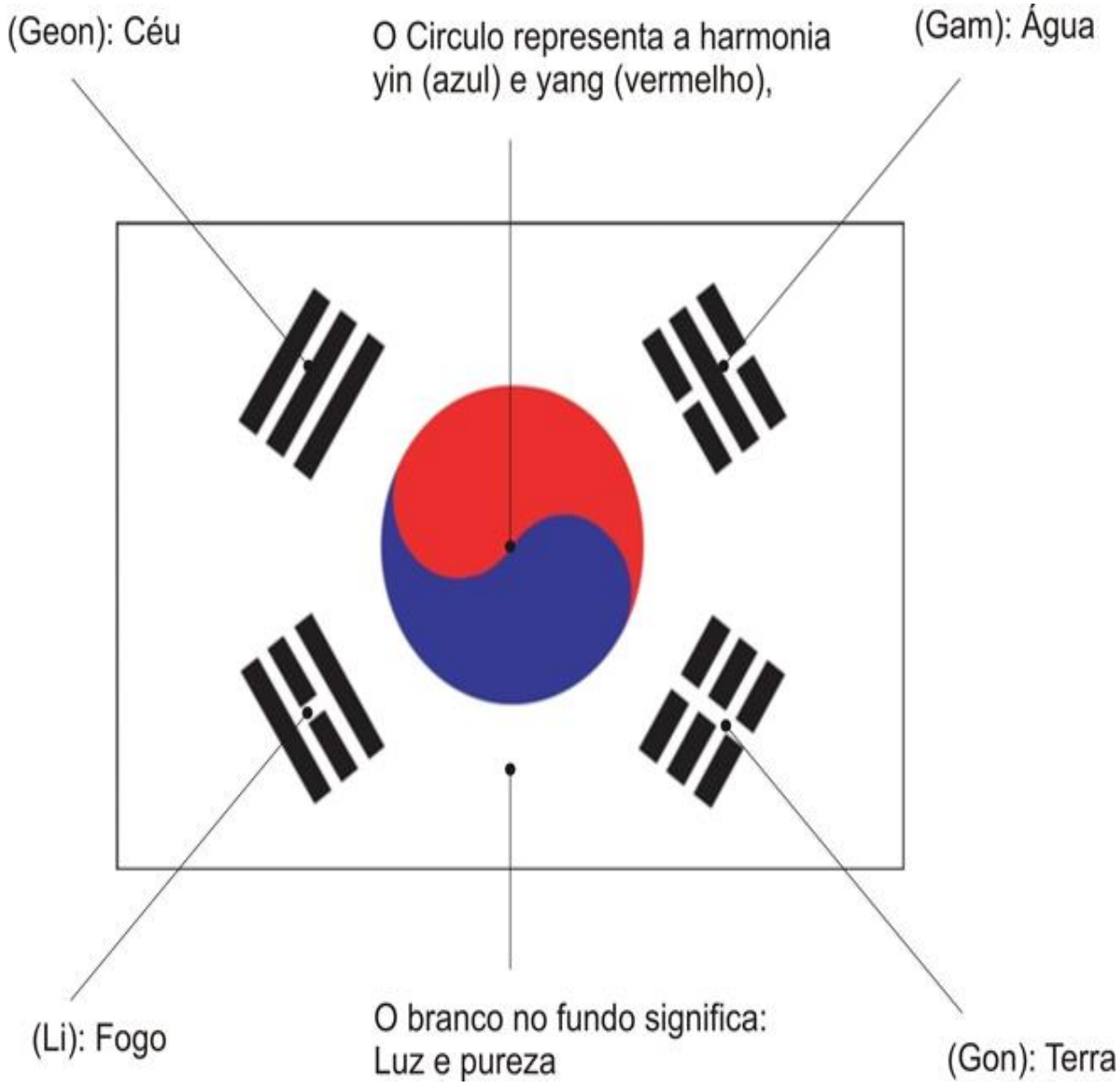
A expressão Maori *Tama tane,* lado masculino, designa muitas coisas, entre elas: virilidade do homem, descendência na linha paterna, o Leste, a força criativa, mágica ofensiva etc. Enquanto a expressão: *Tama washine,* lado feminino, designa tudo o que é “contrário a essas

forças". O que nos dá uma distinção cósmica que se baseia na antítese religiosa primordial num contexto, onde o homem representa o sagrado, e a mulher literalmente o profano. Porém é interessante notarmos que, enquanto na visão religiosa a mulher é representada como impotente e passiva, no reino da magia, as coisas se invertem; a mulher no universo da magia é perfeitamente dotada para trabalhos de bruxaria, segundo um provérbio Maori, "todo mal, miséria e morte" segundo o provérbio Maori "vem do elemento feminino".

Resumindo: os dois sexos são representações diretas e correspondem ao sagrado e ao profano (ou impuro) a vida ou a morte. Existe um abismo que separa os dois universos de tal modo segundo o autor, que nas atividades entre homens e mulheres, jamais pode haver mistura e confusão, pois tudo se encontra muito bem definido e estabelecido. Sendo o homem então o centro da criação, cabe ao mesmo dirigir para o bem, as forças formidáveis que trazem a vida e a morte, então é uma necessidade vital, que nenhuma das duas mãos conheça o que faz a outra; o preceito evangélico aplica-se a uma situação particular, esta lei da incompatibilidade dos opostos, que é a lei válida para todo o mundo religioso. Para Hertz essa dualidade é necessária, e se a assimetria não existisse teria de ser inventada (HERTZ,1980, p.7-11).

As assimetrias seguindo uma lógica dual nos parecem um tanto comuns e correntes dentro da cultura coreana, seja dentro do Hapkido como citamos anteriormente ou não, mas teríamos outros exemplos como a própria bandeira nacional coreana, que segue um binarismo muito interessante, com os seus vários símbolos, onde os opostos não somente se completam, mas ocupam a sua posição de destaque para a formação e harmonia do todo.

Segue abaixo uma imagem da bandeira nacional do estado nação coreano moderno, que pode auxiliar-nos neste debate, ilustrando melhor o que estamos abordando neste tópico.


(Geon): Céu
O Circulo representa a harmonia
yin (azul) e yang (vermelho),
(Gam): Água
(Li): Fogo
O branco no fundo significa:
Luz e pureza
(Gon): Terra

Ainda sobre as técnicas do corpo de Marcel Mauss

Com o seu trabalho em mãos “Les techniques du corps” escrito em 1934, mas publicado pela primeira vez só em 1936. Mauss apresentou sua teoria a partir de um olhar diferenciado, não só sobre os objetos de estudo dos campos da Antropologia e da Sociologia, mas também renovou formas de interpretações, sobretudo referente às técnicas do corpo e o seu caráter cultural, isso abriu por demais o horizonte quanto aos estudos do tema corpo humano.

Na visão de Vagarello (1984,) muita coisa mudou, e isso aconteceu após as teorias de Mauss, o rigor das descrições, e as explicações mecânicas dos gestos, ou seja, o princípio da teoria é considerar cada técnica como possuidora de uma lógica. A lógica interna de uma determinada técnica deve ser comparada com outras técnicas, como no caso do Judô e do Karatê por exemplo, onde as duas formas de luta, são colocadas em oposição, a natação do fim do século XVIII, oposta às práticas tradicionais do antigo regime. (ROSA, 2019, p. 342).

Considerado um dos pais da Antropologia francesa e nascido em (1872-1950), Mauss não costumava falar de si próprio, somente no ano de 1930, salvo quando da sua candidatura para entrada no Collège de France para lecionar (Mauss, 1979). Mauss jamais publicou livros, porém as publicações de artigos e ensaios em várias revistas é vasto (FOURNIER, 1994), em especial publicações na revista *L’année Sociologique”* revista esta criada em 1898 pelo seu tio Émile Durkheim, tido como um dos fundadores da sociologia moderna. Infelizmente muitos trabalhos de Mauss ficaram inacabados, mas “*Essai sur le don” (*MAUSS 2007) foi publicado, e é um clássico da Sociologia e da Antropologia, além do texto religião *e magia* (MAUSS 1968). Porém entre todas as suas obras temos uma obra prima intitulada *chef-d-ouvre.* A obra de Mauss permite segundo (KARSENTI, 1994,1997) e (GODELIER,1996), mostrar a sobrevivência de lógicas nas sociedades modernas. Mauss não só se mostrou preocupado em preservar as relações entre as diferentes ciências sociais, mas também definiu os seus conteúdos e inclusive delimitou as suas fronteiras, onde por exemplo, a etnografia é concebida como um ramo da sociologia. O método de pesquisa utilizado por (Malinowski,1997) o tal método de estudos de terreno, por exemplo, e que foi adotado num primeiro momento nos países saxônicos, e mais tarde pelos demais países, se apoiavam em uma ampla documentação histórica e etnográfica, para comparar diferentes sociedades, é metodologia teórica criada por este grande Antropólogo. A sua metodologia de trabalho segundo Fournier (1994- , p.15, tradução nossa) se deu basicamente em cima, tanto de sua experiência no serviço militar, quanto da sua infância vivida em Touraine.

A primeira vez que Mauss abordou o tema “técnicas do corpo” foi em uma apresentação que realizou, em uma conferência realizada em maio de 1934, perante a *Société de Psychologique*, sendo então este texto da conferência publicado pela primeira vez no *Journal de Psychologique*, nas edições da *Presses Universitaires de France, no* ano de 1950, os estudos de Mauss sobre o corpo, são apresentados a partir da noção de técnicas do corpo, e suas variantes existentes nas várias culturas espalhadas pelo planeta.

Durante o congresso, algumas questões foram colocadas por Mauss, como;

1- Quais as técnicas do corpo descritas?
2- Que conclusões Mauss tira das suas observações?

Para responder a tais questões, Mauss evoca pressupostos que o forçaram a forjar um conceito próprio de técnicas do corpo. O interessante é que as respostas encontradas pelo francês, estão baseadas sobretudo nas suas próprias experiências pessoais ao longo da vida. Nessa época, a etnologia não conseguia responder certas questões, como fatos sociais heterogêneos e inclassificáveis, mas Mauss conseguiu reunir numa mesma categoria, em um conjunto de fatos saídos de observações diversas, tornando assim tal tema como um objeto digno de muitas análises científicas mais profundas. (ROSA, 2019, p. 342-343-344).

Para Founier (1994) Mauss conhecia muito bem as técnicas do corpo, devido a sua experiência baseado no empirismo, tais conhecimentos viriam a contribuir de maneira impar para os estudos antropológicos futuros. Os conhecimentos de Marcel Mauss sobre a natação, o boxe, a esgrima, ***pedestreanismo*** [13]e alpinismo eram significativos, pois era praticante assíduo na prática de tais modalidades esportivas.

Mauss cita alguns exemplos de variações de técnicas no seu tempo, no entanto ele revela certas dificuldades que existem de se libertar da técnica que lhe foi ensinada no passado por exemplo. Uma ilustração utilizada por ele é o exemplo da pá de trincheira, onde comenta das dificuldades dos ingleses de se adaptarem às pás francesas, para Mauss isso é um exemplo prático que nos mostra as diferenças na utilização dos utensílios de uma cultura para outra. Outro exemplo

[13] O pedestrianismo é o exercício que consiste em fazer grandes marchas a pé. A prática desportiva, competitiva ou não, é muito realizada em ambientes naturais.

que Mauss utiliza como ilustração, é a questão da marcha francesa e inglesa, onde ele diz que os soldados ingleses não conseguiam desfilar no ritmo francês, levando-o a conclusões de que, técnicas elementares, diferenciam-se muito de um país para outro, com tais dados observados nos dois grupos de soldados, Mauss notou que a forma de marchar não só não é fixa, muito menos definitiva em uma mesma sociedade, e isso está segundo ele, associado ao modo de vida e por esse motivo pode mudar ou evoluir, sobretudo a partir dos meios de transportes, modos de vestir, e os modelos culturais vividos e cristalizados naquela cultura, etc.

Segundo Fournier (1994), Mauss utilizou-se de muitos exemplos, entre eles, a comparação de posturas entre as pessoas, nessas associações posturais ele utilizou os norte-americanos e europeus, como no caso da forma de caminhar das enfermeiras norte-americanas, em comparação as enfermeiras francesas, que segundo ele, acabaram com o passar dos tempos adotando a mesma forma de caminhar das estrelas do cinema e da moda americana. Para o Antropólogo francês, trata-se de exemplos que traduzem muito bem segundo ele, a difusão de uma técnica do corpo de uma sociedade para outra. E isso segundo o autor, se deve basicamente a influência cultural do cinema americano na vida das pessoas, e de outros povos, resultado também de uma forte e violenta globalização da cultura, além de uma intenção frenética na busca de uma uniformização, sobretudo dos modos de vida das pessoas, através dos modelos ocidentais.

Fournier (1994) chama a atenção para as questões das posições corporais, como por exemplo, a maneira pessoal de colocarmos as mãos sob a mesa e posturas inconvenientes de se estar à mesa, ou seja, as técnicas corporais não são nada neutras, mas regidas por normas sociais, normas do bem fazer, ou seja, que eram realizadas na infância. Tais normas na visão do autor, podem variar segundo o país, e cita a questão da nudez que em determinado país é um tabu, em comparação a outro. No entanto, Mauss prefere trabalhar com as técnicas do corpo voltadas para o esporte. O que me chamou muito a atenção na teoria de Marcel Mauss, é o exercício que ele faz no campo das comparações, das práticas do passado em relação as práticas esportivas do presente, como por exemplo, correr, nadar e caminhar. Segundo o francês, os detalhes das mãos e dos pés na execução dos movimentos, nos mostram muita coisa, entre elas, o que seriam as técnicas do corpo, adquiridas por cada ser humano, quando da sua socialização no seio de uma sociedade e durante um período de tempo. Mesmo que hoje possa parecer um tanto banal essa metodologia de análise de Mauss, na época era uma forma considerada inclusive inovadora, de se estudar tais comportamentos humanos. O estudo do corpo na época de Mauss era atribuição apenas da (biologia e da medicina). Em pleno século XIX a Antropologia estudava as sociedades através do recurso da comparação, com destaque para a análise das diferenças corporais, a preferida era a comparação do tamanho dos crânios e a

temida e condenável antropometria, técnica científica muito utilizada por Hitler, através de seus cientistas, em experimentos que eram realizados no continente africano, em especial na Namíbia, onde baseavam-se essencialmente em fundamentos biológicos quanto aos negros africanos. As análises a partir de dimensões métricas do corpo que Mauss nos traz sobre o estudo do corpo, vieram para romper de vez com a teoria da visão biológica até então em vigor.

Para Marcel Mauss o que passa a valer a partir de então é, a dimensão social e cultural através da definição que ele passa a dar às técnicas do corpo, ou seja, para o antropólogo francês o que importa são: "as formas pelas quais os homens em sociedade de forma tradicional, sabem se servir do seu corpo". Mauss afirma ainda, que não existe uma forma natural ou inata de nos servirmos do corpo, mas sim, usos diferentes, moldados e transmissíveis por cada sociedade. É a partir daí que surge a noção de *habitus*, que passará então a ser amplamente desenvolvida, por Pierre Bourdieu (1980a, 1980b, 1984) sublinhando assim, a dimensão coletiva das técnicas do corpo. Mesmo que um indivíduo tenha variações corporais em comparação a outro, é antes de tudo a razão prática e coletiva que orienta os comportamentos, molda os gestos tanto de um quanto de outro. (ROSA, 2019, p. 344-345).

É interessante frisar que o conceito de *habitus* é bem anterior a Marcel Maus, ele apenas emprestou o conceito e passou a explorá-lo de uma forma mais elaborada. Tal conceito trata-se de uma cultura incorporada precocemente, inculcada na infância e na vida familiar, a qual produz um sistema de disposições culturais, no qual os efeitos se fazem sentir em todas as práticas (POCIELLO, 1999).

Para o Antropólogo francês Hertz, as diferentes técnicas corporais das pessoas, ou de um grupo social são adquiridas no decurso da sua socialização. Enquanto na concepção de Marcel Mauss (1936), a transmissão das técnicas corporais assenta-se em grande parte no processo de imitação, é o que acontece, por exemplo, entre pais e filhos, onde os mesmos imitam de forma espontânea os seus modelos de prestígio, como de amigos, parentes, etc.

Mauss (1936) nos traz como ilustração um exemplo comum, que ocorre de forma muito natural dentro da cultura Maori, onde as mulheres eram obrigadas a balançar as ancas, e a isso dá-se o nome de "*ONIOI*", porém tal prática não tem nada de espontâneo segundo ele, mas sim, consequências de pressões dos pais, para que as filhas realizem tal movimento.

Para Mauss tal ordem mecânica, nada mais é que uma especificidade das técnicas do corpo, é um tipo de "ordem mecânica, física" (MAUSS, 1936, p.10) e que segundo ele, acontecem por oposição aos fatos religiosos e simbólicos, intimamente ligados a vida de cada um de nós. O corpo

é o nosso instrumento e meio de agir, um objeto de ação, uma matéria sobre a qual ele age de uma forma mais bem-acabada. Nesse contexto, o nosso corpo pode ser considerado também como o primeiro utensílio do homem, antes mesmo de começar as forjas dos utensílios artificiais, tais como, as várias formas de armamentos por exemplo. Foi nesse processo que a humanidade sempre se utilizou do corpo, como instrumento adaptado para os mais diferentes usos (MUARD & WONG, 1971; LACAZE, 2004; LEVERATTO, 2006).

Segundo (Lévi Strauss, 2013), a importância da obra de Mauss influenciou não apenas os etnólogos da época, mas também os linguistas, psicólogos, historiadores das religiões e os orientalistas. Muitos intelectuais pesquisadores franceses devem muito de suas teorias e estudos ao Strauss, pois foi devido às suas orientações, que as demais áreas atingiram um nível de conhecimento significativo sobre o tema.

Foi por intermédio da educação, das necessidades e das muitas atividades corporais, que a estrutura social acabou cravando a sua marca nos indivíduos. Mauss faz uma advertência à sociologia, quando diz que a mesma precisa desenvolver trabalhos especiais e positivos, ou seja, precisa desenvolver um inventário de todos os usos corporais que o homem fez, e continua fazendo ao longo da história e através do mundo. Mauss julga ser de grande importância, o conhecimento de tais modalidades de utilização do corpo humano, já que em uma época em que cada vez mais o desenvolvimento dos meios mecânicos e a disposição do homem tende a desviá-lo não só dos exercícios, mas também da aplicação dos meios corporais, salvo as raras exceções que envolvem o domínio do esporte. Porém o esporte é uma parcela pequena desse grande universo de aplicação do meio corporal, e que para ele é variável, segundo os grupos envolvidos (ROSA, 2019, p. 346).

Mauss afirma que a noção de técnicas do corpo, coloca sempre em evidência o fato de que os gestos em aparência mais naturais, como por exemplo, (nadar, maneira de fazer, caminhar, gestos, correr, etc), são realmente moldados pelas sociedades, portanto, um objeto de transmissão ao indivíduo. Estas ideias dos dois autores abrem possibilidades de um campo de investigação nas ciências sociais, e convida a sociologia a considerar o corpo humano como um objeto de estudo, para nomeadamente melhor compreender o papel do corpo e sua fundamental importância no processo de socialização humana.

Os conceitos utilizados por Mauss, dentre eles o conceito de *habitus*, continuam atuais quando o assunto envolve artes marciais como no caso em tela. O ensaio de Mauss trata da importância dos trabalhos de investigação, em especial ao falar de técnicas e questões relacionadas com o corpo e seus usos sociais. O conceito de *habitus*, foi, mais tarde, retomado por Pierre Bourdieu e, em seguida, pelos discípulos de Loïc Wacquant, na etnografia sobre o boxe em Chicago.

Para Bourdieu, *habitus* é uma noção antiga emprestada da filosofia, e concebida no pensamento do filosofo grego Aristóteles e muito presente na escolástica medieval. Essa teoria não só foi recuperada e retrabalhada pelo sociólogo francês depois dos anos 60, mas também foi reintroduzida na antropologia estruturalista da época, como ferramenta de capacidade inventiva dos agentes, mas sem ceder ao intelectualismo cartesiano que geralmente inviesava, sobretudo as abordagens um tanto subjetivas da conduta social, desde o behaviorismo chegando ao interacionismo e a teoria da ação racional. As raízes dos habitus encontram-se na noção aristotélica de *hexis*, elaborada na sua doutrina sobre a virtude, significando um estado adquirido e firmemente estabelecido do caráter moral que orienta os nossos sentimentos e desejos numa situação e, como tal, a nossa conduta. O termo *habitus* foi traduzido para o latim no século XIII, e trata-se de um verbo do particípio passado, o verbo *Herbere*, que significa (ter ou possuir) pelo frade católico italiano, doutor e filósofo Thomás de Aquino na sua *Summa Theologiae*, em que adquiriu o sentido acrescentado de capacidade para crescer através da atividade, ou disposição durável suspensa a meio caminho entre potência e ação propositada. Esse termo foi muito utilizado mais tarde por outros intelectuais da área da sociologia, sobretudo pelos sociólogos da geração clássica, com seus escritos, tais como Durkheim com seu curso sobre *L'Évolution Pedagogique en France* (1904-5), pelo seu sobrinho Marcel Mauss com sua discussão ensaio "Técnicas do corpo" (1934) bem como por Max Weber com sua discussão sobre ascetismo religioso com o texto *Wirtschaft und Gesellschaft* de (1918) e por fim, Thorstein Veblen que aborda o habitus mental predatório dos industriais em *The theory the Leisure Class* de (1899). Pág. 35-36

Segundo Wacquant, a história tornando natureza é o que conhecemos hoje como *habitus*, ou seja, o *habitus* "seria tudo aquilo que confere às práticas a sua relativa autonomia, no que diz respeito às determinações externas do presente imediato. Onde essa autonomia seria de um passado ordenado e atuante na vida do indivíduo ou do grupo, essa autonomia funciona como capital acumulado é isso que produz história na base de uma história, assegurando assim que a permanência no interior da mudança faça desse agente individual, um mundo no interior do mundo". Bourdieu (1980/1990:56). O habitus é o responsável em fornecer o princípio de *sociação e individuação*, o que seria isso? *Sociação* seriam categorias das quais somos dotados, tais como nossos níveis de juízo e de ação, vindas da sociedade, e partilhadas por todos aqueles que foram submetidos a condições e condicionamentos sociais similares, (dessa forma é possível falarmos de vários tipos de habitus, como por exemplo: um habitus masculino, de um nacional e até um habitus burguês, etc). Enquanto que o conceito de *individuação* seria: a trajetória e a localização única de uma pessoa no mundo, internalizando assim uma combinação incomparável de esquemas. Isso acontece segundo Bourdieu, porque essa *individuação* (é estruturada por meios sociais passados), mas, sobretudo *estruturante*

através (de ações e representações presentes) sendo assim, o habitus opera como o "principio escolhido de todas as escolhas" guiando ações que assumem um caráter, o caráter sistemático de estratégias mesmo que não sejam objetivamente orquestradas sem serem o produto da atividade organizadora de um maestro" (Bourdieu, 1980/1990: 256).

Bourdieu conclui afirmando que o habitus não é uma réplica de uma única estrutura social, na medida em que é um conjunto dinâmico de disposições sobrepostas em camadas, que grava, armazena e prolonga a influência de diversos ambientes sucessivamente encontrados na vida de uma pessoa. E mais, o habitus não é necessariamente coerente e unificado mas revela graus variados de integração e tensão dependendo da compatibilidade e do caráter das situações sociais que o produziram ao longo do tempo: universos irregulares tendem a produzir sistemas de disposições divididos entre si, que geram linhas de ação irregulares e por vezes incoerentes, ou seja, o habitus não está segundo o sociólogo francês, não está necessariamente de acordo com o mundo social em que evolui. (WACQUANT, 2007, p.63-70).

Creio que esta explicação de Wacquant sobre o conceito de habitus, nos ajuda numa melhor compreensão dessa teoria, amplamente citada e utilizada entre os cientistas da sociologia, da antropologia e de outras áreas afins, e que também fizemos uso dentro desta pesquisa, para compreendermos as várias formas de construção do habitus, tema central dentro dos estudos sobre corpo e corporalidade.

A arma como corpo e o corpo como arma

Os estudos que conseguiram ser concluídos mostraram que as técnicas mudam no seio de uma mesma sociedade, sobretudo em função das ditas categorias sociais. O conceito é igualmente muito importante no auxílio de estudos das atividades físicas e esportivas. Mauss conclui então dizendo: "muitos sociólogos utilizaram-se deste conceito, ou seja, do conceito de categorias sociais para desenvolverem seus estudos, e para analisarem o processo de incorporação, vivido diretamente pelos participantes. (ROSA, 2019, p. 347-348).

Abaixo seguem algumas armas utilizadas por praticantes de diferentes estilos de Hapkido, cito apenas alguns estilos mais conhecidos como os estilos: Jik Bu Kwan[14]. Hapkido Tradicional, Hwarang Ryu[15], Song Do Kwan, Ki Yu Kwan[16], Sung Moo Kwan[17], Hapkido Bum Moo Kwan [18]

Sang *jeolbong* em coreano significa *nunchaku,* esta é uma arma de origem chinesa

A *Dan jang,* é uma bengala também muito utilizada para autodefesa

[14] O estilo **Ji Bu Kwan** possui características particulares. O treinamento enfatiza quedas acrobáticas e técnicas de defesa pessoal (muitas delas desenvolvidas pelo Mestre Flávio) que envolvem tanto imobilizações no solo, quanto em pé; além de braço, como boxe e cotoveladas em diversas posições.

[15] O estilo **Hwarang** - Essa palavra vem de um grupo de guerreiros especiais da guarda imperial da Coréia que existiram até o século X. Comparados aos samurais do Japão, eram temidos pelas suas habilidades de luta corporal e a destreza com a espada coreana "**Gum**". Com isso décadas depois veio surgir modalidades que descenderam desses guerreiros como o "Hwarang-Do" e o "Gum - Do" e hoje o mais moderno "Haidong Gum - Do".

[16] O estilo **Ki Yu Kwan**, surgiu naturalmente no estudo para o desenvolvimento próprio do Mestre Alfredo Carvalho. O que ocorre (geralmente em todos os estilos de Hapkido) é a necessidade da adaptabilidade da técnica diante das circunstâncias e do local, do espírito de seu criador e de todo o contexto Marcial e mercadológico que envolvem este centro de treinamento.

10 **O** estilo **Sun Moo Kwan**, (SMK) é a escola original (clã) do grão-mestre Ji Han Jae, (fundador da Associação Coreana de Hapkido original). O chefe desta escola é agora o grão-mestre LTC Dr. Julian Lim (9º Dan certificado, KIDO). A SMK é registrada na Associação Coreana de (KiDOHwe) e na Federação Coreana de Hapkido (KHF).

[18] No estilo **Bum Moo Kwan**, o praticante é instruído a finalizar o combate rapidamente, usando qualquer material disponível como arma, ou qualquer parte do corpo, visando sempre a pressão ou pontos vitais do oponente.

O *Dang bong* é um bastão curto, muito utilizado para um combate próximo

A *chougum,* é uma espada de bambu para treinamento, geralmente usada por alunos mais graduados.

A *mokgum,* é uma espada em madeira maciça para treinamento também.

A *jingum,* é a famosa espada coreana, trata-se de uma espada especial e diferente das demais, essa espada geralmente possuiu lâmina de dois gumes.

A *Bangum*, é um tipo de faca pequena em madeira maciça para treinamento de ataque/ defesa entre os mais graduados.

O *Jang bong*, é um bastão longo para treinamento em madeira maciça.

Por fim temos a *Tonfa*, uma arma que não tem uma origem definida, estudiosos afirmam que a mesma pode ter sido inventada na China ou na Indonésia, mas não é de origem coreana, porém é muito utilizada para treinamentos de forças militares e policiais.

NIVARLET, 2008, p. 20-24

Com o passar do tempo, o desenvolvimento da arquearia também foi de extrema relevância, ligada à equitação. As primeiras tribos empregavam cavalos, para caças a longas distâncias e para a defesa da sociedade. Gradualmente, além da arquearia, foi sendo incluído o uso de lanças, *yon-bom*, facas, punhais entre outras armas.

Posteriormente, os líderes que tinham maiores habilidades, mais capacidades técnicas, formaram um grupo de elite denominado *Hwarang-dô*. Seus seguidores ou discípulos denominaram-se *Nang-dô* (SHAW, 2011). O grupo de elite seguia regras rígidas de conduta e lealdade, tanto ao rei, como aos amigos e parentes, com bravura e muito arrojo, que norteavam suas vidas. Baseados nas leituras e nas citações dos vários autores, é possível concluirmos que existem várias versões explicando o desenvolvimento desta arte marcial coreana bem como a sua evolução com o passar do tempo, na construção de um *ethos* individual e social, na busca da construção de uma sociedade mais próxima da ideal.

Abaixo segue algumas imagens dos principais equipamentos utilizados pelos hapkidoístas durante os treinamentos:

O Dobok

O traje tradicional para a prática do Hapkido é chamado de *dobok*. Dependendo do estilo mudam as cores, no estilo da Hunter Tiger o *dobok* dos alunos é preto, somente o kiosanin e o Sabonin utilizam o *dobok* na cor banca, a parte de cima é branca com a lapela na cor preta, e a calça preta, essa distinção segundo o mestre James Soares, é para diferenciar os alunos dos kiosanin e dos mestres.

Luvas

As luvas usadas no Hapkido são muito diferentes das luvas de boxe, pois deixam os dedos expostos para que o oponente possa ser agarrado para se arremessado, receber as torções, ou ainda para executar estrangulamentos ou bloqueios.

O protetor bucal

É muito usado durante os treinos, e lutas, para evitar possíveis fraturas nos dentes devidos aos socos e chutes recebidos na cabeça ou no rosto.

Protetores de canela e pés

Os protetores de canela e pés são muito utilizados, não somente durante as lutas, mas durante os treinos mais intensos. Sua finalidade é proteger tanto quem chuta quanto a pessoa que está recebendo os chutes fortes na tíbia.

A coquilha

O uso da coquilha é obrigatório quando estiver lutando, mas também é aconselhável usá-lo durante o treinamento.

O capacete

O capacete deve sempre ser usado durante os treinos mais fortes, e durante as lutas, devido os muitos chutes altos na cabeça que acontecem durante as lutas.

O protetor de tórax

O uso do protetor de tórax é obrigatório, durante os treinos ou lutas, sobretudos por alunos iniciantes e menos graduados, para evitar traumas na região da bexiga, baixo ventre e costelas.

No próximo capítulo, veremos que estas dimensões “materiais” e instrumentais na prática do Hapkido, só fazem sentido no contexto de um sistema filosófico. Ou melhor, no contexto de um sistema de símbolos e significações.

CAPÍTULO 3 SÍMBOLOS E EMOCIONALIDADES

> *O Hapkido é uma arte marcial, uma arte com características de desporto de combate, ou esporte [...], à partir do momento que eu agrego o esporte, a atividade física, agregada a uma filosofia, se torna uma arte marcial, então o que diferencia o Hapkido enquanto arte marcial, de todas as artes marciais, é a própria filosofia, ele tem uma filosofia própria.*
>
> Entrevista com mestre Roberson Leonardo Guimarães Rusyck, graduação 4º dan, fundador da Equipe Double Tiger de Hapkido, da cidade de Pinhais Paraná, outubro de 2023

Faixas, cores e significados

Após aproximadamente 10 anos de prática do Hapkido, consegui alcançar a minha graduação faixa-vermelha ponta-preta por mérito. Valorizo muito essa graduação porque é algo muito raro de acontecer, pois nas artes marciais sobretudo no Hapkido, toda a graduação desde a faixa branca que o praticante recebe, é após anos de prática e treinamentos, além de comprovada dedicação e evolução das técnidas de combate do aluno, sempre observadas pelo mestre e os demais faixas-pretas de perto. Uma informação interessante é que geralmente eles observam muito as faixas do alunos, e o sinal para graduar além da evolução e dedicação na arte, é a coloração da faixa, quanto mais uma faixa de graduação é nova e limpinha, mais tempo leva para graduar no Hapkido, pois faixa nova é sinal de pouco suor derramado, se derramou pouco suor é porque treinou pouco, mas no meu caso, mesmo eu estando com dificuldades para treinar semanalmente com a Equipe Hunter Tiger na academia devido ao curso na UFPR, continuei treinando sozinho, e isso acabou desbotando a minha faixa marrom de tal forma, que ela ficou com uma aspecto horrível, a sua cor já não era marrom, mas uma tonalidade verde musgo.

Abaixo arquivo fotográfico da citada faixa-marrom que já não era marrom.

Imagem de arquivo pessoal

Ainda sobre o Hapkido, como uma experiência que ajudou a construir minha subjetividade, gostaria de mencionar uma dimensão identitária. Sobre a presença de pessoas negras dentro do Hapkido, a única coisa que posso afirmar a nível local, é que vi muito poucos negros, mulheres negras nenhuma, durante os quase quinze anos de prática da arte marcial coreana. Lembro-me de haver treinado talvez com dois meninos negros apenas, na academia da CIC onde sempre treinamos, infelizmente não dispomos de dados sobre o número de artistas marciais negros em nível de Brasil, talvez a situação seja mais grave, se partirmos para uma avaliação sobre o número de graduados faixas-pretas primeiro dan, e se estendermos a pesquisa para o número de mestres negros graduados no Hapkido, sendo assim, podemos dizer que a presença negra dentro do Hapkido é pequena em Curitiba, a partir do que vi dentro da academia e nos campeonatos que participamos. Tive algumas oportunidades de participar de competições tanto de Hapkido quanto de boxe chinês, mas devido a minha idade avançada e a baixa graduação que possuía na época, não conseguia encontrar adversários para lutar com tanta facilidade. Mas lembro-me muito bem de uma luta que fiz com um *shifu* [19]do boxe chinês, foi uma postura de humildade da parte do mestre, aceitar lutar comigo que até então ainda era um aluno iniciante nas artes marciais. Foi sem dúvidas um momento marcante e ímpar que jamais esquecerei, obrigado mestre Marcos. Segue abaixo dois arquivos fotográficos, foto com o *shifu* Marcos no dia da luta de boxe chinês, e uma foto minha de *Dobok* branco, já graduado faixa preta de hapkido, portanto kiosanin, após um treino com espada, ou (*Jimkum*) em coreano.

Fonte: Arquivo pessoal. Foto com *shifu* Marcos, ano (2015) / Foto após treino de Hapkido com *Jimkum* ano (2024)

[19] Shifu ou Sifu: significa Pai no Kung Fu, isto é: Pai Mestre. É escrito com os caracteres chineses: 師傅 e 師父. O caractere 師 significa “qualificado”, enquanto o significado de 傅 é "tutor" e o significado da 父 é "pai".

Para chegar ao exame de graduação faixa-preta no Hapkido, tive que investir muito em vários sentidos, não somente financeiramente, mas também nas relações de poder, de amizade, de entrega, nas concepções de corporeidade, nos modos de existência, na transformação do espírito, exploração dos preceitos éticos, dedicação, respeito ao mestre e aos companheiros, e por fim, muito suor e muitas contusões, ou seja, algo não visível e muito menos mensurado e exposto na Dissertação. O sistema de graduação no Hapkido em especial no estilo que praticamos, segue uma ordem de níveis muito idêntica aos níveis de graduação da Federação Brasileira de Taekwondo, onde os níveis são mensurados por meio de nove graus de faixas coloridas, até a chegada à faixa-preta. O padrão de graduação e de cores no Brasil, geralmente não é igual para todos os praticantes de Hapkido, pois depende muito do estilo que você pratica e da escolha do seu mestre. No caso da equipe Hunter Tiger, o sistema de graduação sofreu algumas mudanças, porque segundo o mestre James, algumas cores a mais só serviam no seu entendimento, para segurar o aluno e arrecadar mais dinheiro a cada graduação, portanto algumas cores foram retiradas da graduação na Hunter Tiger, como por exemplo a faixa branca com ponta amarela e a faixa azul claro, por motivos meramente econômicos e por se entender desnecessárias, porém o padrão seguido pela equipe Hunter Tiger é muito similar ao sistema de graduação adotado pela Confederação brasileira de Hapkido e de Taekwondo a (CBTK), até porque as duas expressões marciais são de origem coreana. Os exemplos abaixo foram extraídos da Academia Diomar Taekwondo, sobretudo devido às explicações profundas sobre a carga espiritual e simbólica que está por trás de cada cor de faixa.

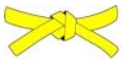
Ilustrarei as graduações dentro do Hapkido da Hunter Tiger, com as cores e os seus significados uma a uma, o significado de cada nível atingido pelo aluno praticante de Hapkido ou Taekwondo, são praticamente os mesmos salvo a ausência de alguma cor de faixa, ou acréscimos de outas cores, tal fato vai depender muito do mestre ou da federação ou associação a qual está filiado, ou não.

Branca: Significa “A pureza e a inocência” e simboliza (a Terra). Representa o início do aprendizado do Hapkido, onde o aluno se encontra desprovido do conhecimento, e terá o seu primeiro contato com a arte marcial e com seus princípios básicos, tais como, disciplina, respeito, cortesia, humildade, perseverança e autocontrole.

Cinza: Significa “A pureza e a inocência” e simboliza (a Terra). Tem o mesmo significado da faixa branca, e representa o início do aprendizado do Hapkido, onde o aluno se

encontra desprovido do conhecimento, e terá o seu primeiro contato com a arte e com seus princípios básicos, tais como, disciplina, respeito, cortesia, humildade, perseverança e autocontrole.

Obs: Os significados e as qualidades presentes nas faixas branca e cinza, quanto aos praticantes de Hapkido iniciantes da Equipe Hunter Tiger de Curitiba, são os mesmos.

 Amarela: Significa “a riqueza” (a Terra): Representa o início da adaptação do aluno de Hapkido, simbolizado pela terra, onde a planta brota e finca sua raiz, é o início de seu desenvolvimento técnico, e muitos são táticos, assim como de uma gama de princípios que irão ser adquiridos.

Laranja: Significa “a riqueza” (a Terra): Representa o início da adaptação do aluno de Hapkido, simbolizado pela terra, onde a planta brota e finca sua raiz, é o começo de seu desenvolvimento técnico, e muitos são táticos, assim como de uma gama de princípios que irão ser adquiridos.

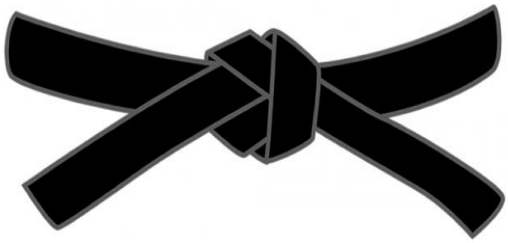
Verde: Significa “o crescimento” a planta: Representa o crescimento físico, mental e espiritual, é o início da destreza que começa a surgir no aluno, onde além do aprimoramento de todos os seus conhecimentos, é fundamental que o aluno esteja ciente do espírito do Hapkido. É uma etapa de um amplo crescimento, no seu conhecimento.

Azul: Significa “a liberdade” o céu: A cor azul simboliza o céu, para onde a planta se dirige; significa a liberdade de utilizar com raciocínio e criatividade, tudo o que foi aprendido. Representa o amadurecimento do aluno.

Roxa: Significa “o crescimento” a planta: Representa o crescimento físico, mental e espiritual, é o início da destreza que começa a surgir no aluno, onde além do aprimoramento de todos os seus conhecimentos, é fundamental que o aluno esteja ciente do espírito do Hapkido. É uma etapa de amplo crescimento no seu conhecimento.

Marrom: “A liberdade” - o céu: Simbolizada pelo céu, para onde a planta se dirige; a liberdade de utilizar, com raciocínio e criatividade, tudo o que foi aprendido. Representa o amadurecimento do aluno.

Vermelha ponta-preta: Significa **“**Alerta” o sol: Assim como o sol é responsável pela vida no universo, nesta fase o aluno torna-se responsável por todos os seus companheiros em sua academia. Seus conhecimentos adquiridos e aperfeiçoados representam uma parte da própria academia. Portanto é uma fase de alerta sobre seus atos e comportamentos, o aluno tem que ter a consciência de suas técnicas, e do poder que elas têm, e por isso, é fundamental que este saiba por que, como, quando e para que usá-las, tendo em vista sua grande responsabilidade.



Faixa-Preta: Significa “Sabedoria e conhecimento” representa o Universo. É o oposto do branco, significa o alcance da maturidade do conhecimento, do crescimento intelectual, e espiritual do praticante, a consciência de que o Hapkido é muito mais do que uma simples luta, onde o Hapkido se confunde com a sua própria vida, através de seus princípios e atitudes. A caminhada do praticante de Hapkido é dividida inicialmente em faixas de cores diversas, até atingir o grau de faixa-preta, e em seguida vem a distinção entre os faixas-pretas através do *dan.* Cada nível de conhecimento da arte marcial Hapkido, corresponde a uma faixa colorida, que o hapkidoísta amarra à cintura, por sobre o *Dobok*, a vestimenta característica dessa arte marcial coreana. A partir daí o praticante chega ao nível de *dan* cujos sinais exteriores, limitam-se à presença não-obrigatória de pequenos traços perpendiculares na cor branca na faixa preta, indicando, 1º *dan*, 2º *dan,* segundo informações do Blog Taekwondofred.

Alguns juramentos do hapkdoísta

Assim como em outras formas de manifestação marcial, no Hapkido também existem alguns tipos de juramentos e códigos de honra a serem seguidos por todos aqueles (as), que um dia decidem tornar-se um praticante dessa arte marcial, ou seja, um hapkidoísta.

Entre os muitos juramentos, temos o juramento do graduado faixa-preta, o juramento do Hapkido, o juramento do competidor e o código de honra do Hapkido, que citamos anteriormente e que passamos a explicar agora.

Juramento do Hapkido.

O juramento do Hapkido, geralmente, é pronunciado em eventos especiais que envolvem a presença de mestres para uma cerimônia pública, ou em eventos de graduação de mestres da arte marcial coreana. É análogo ao juramento de um professor quando se gradua em letras, ou outra graduação qualquer, aberta ao público. Este juramento é realizado na presença de público, de praticantes e de familiares.

“Eu prometo:

Observar as regras do Hapkido

Respeitar o instrutor e meus superiores

Nunca fazer mau uso do Hapkido

Construir um mundo mais pacífico

Ser campeão da liberdade e da justiça”.

Juramento de Competição: É um juramento específico, geralmente é pronunciado em competições de Hapkido perante o público presente, sendo ele de artistas marciais ou não, essas competições podem envolver saltos, lutas open, simulação de luta com espada ou algum tipo de demonstrações da arte, esses eventos geralmente envolvem diferentes academias ou estilos de Hapkido, por isso ele é sempre pronunciado mais no sentido de reforçar positivamente, os valores que os hapkidoístas devem carregar pela vida.

Juro respeitar meus adversários.

Juro competir com lealdade.

Juro respeitar os regulamentos.

Juro respeitar os árbitros, e meus superiores.

O juramento do faixa preta: Como a própria frase afirma, é um juramento que será pronunciado por um praticante de Hapkido, graduado faixa vermelha ponta-preta, antes de se graduar faixa preta primeiro dan, perante os presentes convidados, familiares ou não. Porém depende muito do estilo e da escola de Hapkido desse artista marcial, pois não são todas as academias ou estilos de Hapkido que realizam esse juramento, ou seja, não há uma uniformidade no Brasil nesse tipo de formalidade. A Equipe Hunter Tiger de Hapkido de Curitiba, por exemplo, não realiza tal juramento em seus eventos de graduação para faixa preta primeiro dan.

Juro manter sempre o espírito do Hapkido, não parando de treinar até o fim da minha existência.

Juro cumprir o regulamento do Hapkido, procurando jamais errar, porque sou faixa-preta de Hapkido.

Juro respeitar e obedecer por toda a minha existência, a pessoa e os ensinamentos do meu mestre.

Juro respeitar e obedecer sempre, os mais graduados que eu, e tratar com amor e carinho, os menos graduados (KANG, 2007. p.17).

Mestre

Han Jae Ji.[20]

O três princípios filosóficos essenciais

Como toda arte marcial oriental tradicional, o Hapkido possui uma carga espiritual muito forte, e sem paralelos no ocidente, eis um campo fértil para futuros estudos da metafísica e da cosmovisão oriental, dentro das artes marciais. Neste momento, a cosmovisão não é o nosso principal objeto de estudo. Mesmo possuindo esta forte corrente cosmológica, que envolve por completo como visto até aqui, esta arte marcial, não é possível transitar dentro da pesquisa e perpassando o nosso objeto de análise sem citarmos alguma coisa sobre, até porque seria praticamente uma omissão de nossa parte, devido à presença visceral a nosso ver de tal princípio,

[20] Mestre Han Jae Ji, é considerado o fundador do Hapkido, pois foi ele quem cunhou esse nome em 1959, porque até então a arte teve vários nomes e foi chamada de *Yawara*, *Yu Kwon Sul* e *Kido*.

que como sabemos é muito valorizado dentro da cultura coreana, e por consequência dentro do Hapkido.

Para avançarmos um pouco mais no entendimento sobre alguns princípios filosóficos da cultura coreana, me parece necessário compreendermos que tais filosofias estão diretamente ligadas aos processos de transformações do corpo, do espírito e da mente, do indivíduo como um ser e agente social de todos somos. Vários outros estudiosos como Mauss, Hertz, Fournier, Rosa, dentre outros, abordam sobre essa influência transformadora que, de alguma forma, alcança também todo praticante em algum momento de sua trajetória como artista marcial, no caso em tela o praticante de Hapkido.

Abaixo apresento algumas dessas essências filosóficas marcantes, que não podem ser negadas ou negligenciadas, sabemos serem muitas, mas basicamente se resumem nesses três, os princípios que o Hapkido apresenta de forma mais visceral, como no exemplo dos símbolos nacionais, muito presentes, por exemplo, na bandeira coreana já apresentada anteriormente.

São eles;

유: Yu (água) adaptação: A água tem como característica principal a adaptabilidade e a fluidez, por isso que o poder de adaptação da água é grande e valorizado. Um exemplo prático dessa adaptabilidade da água acontece quando colocamos água num copo e ela se adapta ao espaço dentro dele, com uma garrafa não é muito diferente, quando condicionamos a água dentro de uma garrafa, ela imediatamente se adapta. Sendo assim, segundo mestre Torres, o hapkidoísta tem que ser como a água, ele precisa ter a capacidade de ser um indivíduo com grande poder de adaptabilidade, sobretudo na vida ou quando se trata do uso de suas técnicas marciais, nos treinos ou nos combates.

원 Won: Circularidade, (círculo): Para a prática marcial correta no Hapkido, é necessário utilizar os movimentos circulares. O bom uso dos movimentos circulares faz do hapkidoísta um aplicador das leis da física, leis estas que envolvem as forças centrífugas e centrípetas, sempre redirecionando a energia e a força do oponente contra ele próprio. Esses movimentos circulares potencializam tanto a dor quanto os possíveis traumas na região do corpo onde o golpe é aplicado. A força do oponente vai determinar a gravidade do trauma que ele sofrerá, o trauma pode variar desde uma fratura no membro golpeado a uma ruptura de tendões ou ainda graves lesões nas articulações.

Exemplo de força centrífuga: (A força centrípeta mantém um objeto se movendo em um círculo, e sempre aponta para o centro desse círculo). Enquanto a força centrifuga, é uma força externa aparente, em um objeto que está se movendo em um círculo.

화 Wha (Harmonia) não resistência: O praticante de Hapkido deve primeiro estar em harmonia primeiramente consigo mesmo, e depois com o universo que o cerca. Ao adentrar nos

princípios naturais do universo de forma plena, o praticante de Hapkido poderá interagir dentro desse universo, pois só assim vai ser possível aplicar com mais facilidade e eficiência, as suas técnicas marciais.

Na visão do mestre Torres, somente a parte técnica do Hapkido exclui a objetividade e o respaldo do espiritual. Hapkido é uma arte marcial, não somente uma luta cuja sua essência é somente a parte bélica.

Cortesia. Honra. Lealdade. Integridade. Respeito. Autocontrole. Perseverança.

Na visão de mestre Torres, para os praticantes de Hapkido, mas creio que essa informação serve para os praticantes de outras artes marciais também, deve estar muito bem definido que o Hapkido não pode ser visto como uma mera e simples arte marcial, que está alicerçada apenas no uso da força, de chutes e socos. O Hapkido é uma arte marcial que serve para guiar o praticante no bom caminho para que a sua vida seja transformada, mas, sobretudo, devido o Hapkido ser uma arte marcial com essência e características próprias, baseada numa visão holística como ferramenta transformadora de seres humanos, e da sociedade em geral.

Apresentamos abaixo uma definição deste tão importante conceito, presente não somente em todas as artes marciais coreanas, mas nas demais artes marciais orientais, como por exemplo, nas formas de lutas chinesa e japonesa. A palavra “DO” numa tradução livre para o brasileiro significa “Caminho”.

Explicando melhor o sufixo “DO” muito comum em várias artes marciais orientais, Yang (2000) afirma que existe um significado de alta relevância, pois aponta para uma forte relação entre os nomes das artes marciais e as filosofias orientais, como por exemplo, o Taoismo, que se identifica no sufixo “DO”. O sufixo “DO” significa caminho, um código de conduta que o praticante de artes marciais deve seguir durante a vida. A esse respeito, Hyams (1979) afirma que:

> [...] as artes marciais, em sua modalidade mais delicada, são muito mais do que uma disputa física entre dois oponentes, um meio de impor a própria vontade ou de infligir dano a outro. Mais que isso, para os verdadeiros mestres, o Karatê, o kung-fu, o aikidô, o wing-chun e todas as demais artes marciais são basicamente caminhos amplos através dos quais eles podem alcançar a serenidade espiritual, a tranquilidade mental e a mais profunda autoconfiança. Pág 12

Yang (2000) defende que todas as artes marciais do Oriente foram criadas e desenvolvidas sob uma forte influência das tradições e valores socioculturais do Confucionismo[21], Taoismo[22], Budismo[23], Zen Budismo [24]e Monismo[25]. Acredita nas artes marciais como uma forma superior de educação associada ao movimento humano. No entanto, no que tange à sua dimensão espiritual, entende que as mesmas não possuem caráter religioso e, nesse sentido, aquilo que os autores classificam como "espiritual" estaria relacionado com a conduta de cada praticante de artes marciais na sociedade, p. 13.

As artes marciais são como um microcosmo no macrocosmo em que vivemos, no qual os valores filosóficos, religiosos e culturais do Oriente encontram um ponto de congruência e integração. Pelo estudo das artes marciais, uma pessoa pode confrontar a essência da grande

[21] Filosofia baseada nos ensinamentos de Kung Fu Tzu (cerca de 550 a.C.) conhecido no Ocidente como Confúncio. Enfatiza a harmonia social promovida pelo respeito aos superiores e benevolência para os subordinados. Tornou-se a filosofia oficial da China Imperial de aproximadamente 200 d.C. até a queda da Dinastia Ching e fundação da República chinesa, em 1911.Os ensinamentos confucionistas formaram a base da lógica da adminstração do Império chinês. (Cf.: STEVENSON, J. O mais complete guia sobre filosofia oriental. São Paulo: Arx, 2002. p.217).

[22] Ensinamento filosófico-religiosodesenvolvido sobretudo por Lao-tse (séc. IV a.C.) e Tchuang-tseu (séc. IV a.C.) filósofos chineses, cuja a noção fundamental é o *Ta- Caminho* – que nomeia o grande princípio de ordem universal, sintetizador e hamonizador *do Yin e do Yang*, e ao qual se tem acesso por meio da meditação e da prática de exercícios físicos respiratórios. (Cf.: FERREIRA, A. B. H. Novo dicionário da lingua portuguesa. Rio de Janeir: Nova Fronteira, 1986.p.1647).

[23] Sistema ético, religioso e filosófico fundado por Siddharta Gautama, o Buda (Ásia Central, 563-483 a.C.), difundido por todo o Leste asiático, e que consiste fundamentalmente no ensinamento de como pela conquista do mais alto conhecimento se escapa da roda dos nascimentos e chega ao nirvana. Por volta do séc. III separam-se dois ramos busdismo: O budismo hinaiana e o budismo maaiana. Budismo hinaiana: Ramo ortodoxo do budismo, também chamado de grande veículo, difundido principalmente por todo Norte da Ásia, e que se opõe ao budismo primitivo por considerar que, muito embora aspiração final deva ser o nirvana, deva este, por compaixão, ser adiado, a fim de que o sábio possa dedicar-se a ensinar aos outros o caminho da salvação. (Ibid., p. 291).

[24] Forma de budismo que se definiu, sobretudo no Japão, a partir do séc. VI, e vem se difundindo no Ocidente, caracterizada por valorizar a contemplação intuitiva (em oposição à meditação racional abstrata) suscitada pelo amor à natureza e à vida, a qual se exercita pela prática de toda espécie de trabalhos manuais e leva ao desenvolvimento da personalidade mediante o conhecimento próprio. (Ibid., 1804).

[25] Doutrina filosófica segundo a qual o conjunto das coisas pode ser reduzido à unidade, quer do ponto de vista de sua substância (e o monismo poderá ser um materialismo ou espiritualismo), quer do ponto de vista das leis (lógicas ou físicas) pelas quais o universo se ordena (e o monismo será lógico ou físico). (Ibid., p. 1153).

sabedoria do oriental, com seu próprio ego de modo a se tornar um ser humano harmonioso, com seu corpo e mente conectados. As artes marciais podem ainda ser um meio para que as pessoas possam melhorar sua autoestima, emocional social e mental, além de suas capacidades físicas. Não obstante, a prática das artes marciais não garante um crescimento espiritual, uma vez que, as artes marciais não são uma religião. Ser um verdadeiro mestre nas artes marciais não significa, entretanto, dominar ou derrotar outras pessoas em uma competição, dado que seu propósito principal é somente proporcionar ao praticante, o domínio do seu ego pelo constante aperfeiçoamento pessoal, proveniente de sua devoção para com a disciplina escolhida. Nesse sentido, as artes marciais configuram-se como uma forma superior de educação, conectada ao movimento humano.

Sendo assim, nota-se um ponto de confluência entre as diversas artes marciais orientais existentes, no que se refere a sua dimensão filosófica, destacando-se, sobretudo o "Do[26]". Página 14.

Vejamos o que dizem Hwang e Kim (2008), Park Dy (2014) e Kim (2016) sobre a questão espiritual preservada e ensinada de forma holística dentro das artes marciais, e que de forma geral acabam por influenciar e impactar não somente os seus praticantes, mas também o mundo que o cerca.

"Nesse sentido eles identificaram três princípios norteadores presentes dentro do Hapkido.

1) A "Transição" (Ou seja, aplicar uma sucessão de técnicas para subjulgar um oponente).

2) O princípio do refluxo (ou seja, usar movimento para trás, para desequilibrar e manipular um oponente).

3) "O princípio da intensificação" (ou seja, uso da energia cinética dos oponentes contra eles mesmos) [Hwang, Kim 2008].

"Semelhantemente aos estudos filosóficos acima presentes, eles concluíram que valores espirituais do Hapkido são (a) busca centrada no progresso dos valores internos, o respeito aos outros seres humanos e a coexistência" com base nas características do Hapkido. [HWANG, KIM, 2008].

Um exemplo interessante do que acabamos de dizer, e que esse tema tem sido nos últimos anos objeto de estudos, de muitos pesquisadores dentro das universidades coreanas, estamos falando do estudo no uso do *Qi*[27]**.**

---

[26] Sobre a filosofia das artes marciais, Hyams, defende que: "A filosofia das artes marciais não é projetada para ser pensada ou intelectualizada, é feita para ser experimentada. Assim, as palavras inevitavelmente, transmitem apenas parte do significado" (Cf: HYAMS, J. Op.cit, p.15).

[27] *Qigong* ou simplesmente *Qi,* é uma prática de exercício da mente-corpo-espírito que tem por objetivo melhorar a saúde física e mental, por meio da integração de elementos como posturas, movimentos, técnicas de respiração, automassagem e regulação da mente.

> "Uma área de interesse particular destes pesquisadores segundo Kim [2016] é o *Danjeonhoeu,* pois ele permite que os praticantes de Hapkido reúnam e direcionem o *KI* ou *Qi*, (Força Vital, ou Energia) por todo o corpo, fortalecendo assim seus próprios espíritos, e competindo consigo mesmos, e não com os outros. Portanto, isso têm trazido bons resultados para a saúde mental" [Kim, 2016].

Para falarmos um pouco do *Qi* recorremos a um artigo que fala de maneira introdutória dessa energia vital, tão buscada pelos artistas marciais em suas práticas marciais, mais uma vez provando que artes marciais não são tão somente golpes, força, agilidade e força controlada.

Segundo o artigo sob o título "*Qigong:* ou *(Qi) o* que é e quais os seus benefícios" trata-se de uma prática que envolve mente - corpo – espírito, tendo surgido dentro da medicina tradicional chinesa, o *chi kung* como também é conhecido, foi desenvolvido no país asiático a centenas de anos. Enquanto o termo *"qi"* significa energia vital, "*gong*" quer dizer, habilidade cultivada por meio da prática constante. O *qigong* é descrito como uma prática de mente-corpo-espírito que tem o objetivo de melhorar a saúde física e mental, por meio da integração de elementos como posturas, movimentos, técnicas de respiração, automassagem e regulação da mente.

Em outras palavras, a técnica envolve o uso de exercícios para otimizar a energia do corpo, mente e espírito.

Estima-se que existam centenas de estilos, escolas, tradições, formas e linhagens do *qigong*. Cada uma delas possui diferentes teorias e aplicações práticas. Mas, na maioria dos casos, o *qigong* conta com:

Movimentos: Geralmente são suaves, com foco no relaxamento.

Respiração: Lenta, longa e profunda. Os padrões de respiração do *qigong* podem ir da respiração abdominal à respiração combinada com sons de fala.

Regulação da mente: Envolve focar a atenção e a visualização.

As técnicas dinâmicas ou ativas de *qigong* focam-se principalmente nos movimentos corporais, em especial nos movimentos que envolvem o corpo inteiro ou os braços e as pernas. Dentro do Hapkido alguns mestres no Brasil trabalham forte esse lado mais espiritual dentro da arte, mas não todos, não há uma unanimidade quanto a essa prática.

Já as técnicas meditativas ou passivas de *qigong* podem ser praticadas por meio de qualquer postura que possa ser mantida por um tempo e /envolvem exercícios de respiração e exercícios mentais, com quase nenhum movimento corporal (SANTANA, 2023, p. 1,2).

A prática possui diversos caminhos de treinamento, que são diferentes entre si em termos de áreas de foco, atenção e metodologia. Dentro do *qigong*, há dois grandes caminhos: o primeiro é a cultivação pessoal e o segundo o *qigong* clínico.

Cultivação pessoal

Todos os caminhos do *qigong* começam como uma jornada de autoconhecimento por meio do uso de movimentos, respiração e intenção.

Alguns praticantes determinam de forma independente, como e o que praticar na sua cultivação pessoal do *qigong*, mas a National Qigong Association (Associação Nacional do Qigong) dos Estados Unidos ressalta a importância de praticar o *qigong* com um professor experiente.

Dentro do caminho da cultivação pessoal, existem diversos caminhos, como:

Qigong de saúde: Uma prática de autocultivo para prevenir doenças e melhorar, sustentar e maximizar o bem-estar de modo geral. Qigong espiritual: Uma prática unificada com foco no aumento da conexão com o que é transpessoal, como céu, terra e humanidade. *Qigong* marcial: Uma prática que aumenta as habilidades marciais defensivas e ofensivas. Assim, o *qigong* pode ser incluído na prática das artes marciais.

Qigong clínico

Partindo do seu nível de treinamento, estudo e autocultivo, os profissionais do qigong clínico ensinam exercícios e/ou meditações do qigong, baseados em uma série de diagnósticos e sistemas de avaliação como forma de restaurar a saúde e o bem-estar.

Mas, é importante citar que o qigong clínico funciona como algo complementar, e não pode ser a única opção de tratamento para qualquer condição, principalmente para problemas mais graves de saúde (SANTANA, 2023, p.3)

Reflexões sobre a “articulação do medo”

A respeito de alguns aspectos cosmológicos, evocarei aqui parte do trabalho do sociólogo Akira Kurashima. Especialista na abordagem sociológica da aquisição de técnicas. Com base na observação participante de aulas de tai chi no Japão, na China e no Reino Unido, publicou vários trabalhos sobre as diversas maneiras de articular modalidades específicas de cultura de cognição incorporada com a busca de valores universais, como o bem-estar físico ou mental.

Seguindo na mesma linha teórica da tese defendida pelo professor de sociologia da Kwansei Gakuin University, o japonês Akira Kurashima, segue abaixo um entre os muitos fragmentos do seu ótimo texto que também serão citados durante a argumentação teórica, e que a meu ver, é uma visão do que presenciamos não somente durante a pesquisa de campo, mas também durante as revisões bibliográficas realizadas, ou seja;

“O método etnográfico é eminentemente emocionante, porque baseia-se em um encontro físico entre um pesquisador, e os membros de uma sociedade que, à primeira vista, são estranhos para ele. O etnógrafo que se encarrega de observá-los, torna-se por sua vez, objeto de uma observação recíproca, que lança luz sobre suas propriedades corporais de um ângulo diferente daquele usado pela sociedade de onde ele vem, propriedades como cor da pele, gênero, postura e habilidades físicas (sua hexis corporal), ou até mesmo seus gestos inconscientes. Vários antropólogos destacaram a enxurrada de emoções negativas (medo, constrangimento, vergonha etc.) que os assaltaram quando

descobriram que suas próprias características corporais, erroneamente presumidas como invisíveis, estavam sendo observadas pelas próprias pessoas que estavam observando. O antropólogo Brian Morris, por exemplo, diz que ficou constrangido com sua incapacidade de seguir uma mulher idosa, de uma tribo de caçadores-coletores enquanto ela "pulava sobre galhos e atravessava riachos" na floresta tropical indiana. Da mesma forma, Nancy Lindisfarne relata ter sido ridicularizada por "parecer um soldado" enquanto caminhava em trajes femininos tradicionais entre os nômades do Afeganistão. Como observador, você precisa estar "imerso no visível por meio de seu corpo, que é ele próprio visível" (Merleau-Ponty, 1964, p. 18-19). Assim como o pintor "transforma o mundo em tinta [apenas] emprestando seu corpo ao mundo" (ibid., p. 16), o trabalho do etnógrafo, que consiste em transmutar o campo em texto, só é possível emprestando seu próprio corpo ao campo, um empréstimo necessariamente acompanhado de uma transação emocional". (KURASHIMA, 2023, p. 1).

Ao falar da árdua tarefa que envolve a imersão dentro de um trabalho etnográfico, e o quanto isso requer de um pesquisador no que tange esforço e entrega pessoal, para a realização de um bom trabalho de observação, o japonês cita nomes de pesquisadores consagrados dentro dos estudos etnográficos ao afirmar que…

"… os esportes de combate apresentam um dos campos mais exigentes para o etnógrafo, pois colocam o corpo do participante em um confronto físico direto, que o envolve em "uma prática, na qual o corpo é ao mesmo tempo, o assento, o instrumento e o alvo" (Wacquant, 2002, p. 19). O etnógrafo que empresta seu corpo torna-se não apenas um objeto de observação, mas também de violência (consentida e aceita) por parte daqueles que ele pretende observar. Muitos etnógrafos testemunham as emoções intensas que experimentaram durante suas observações de esportes de combate, como o boxe (Wacquant, 1995; 2002; 2004; 2013), capoeira (arte marcial afro-brasileira, Downey, 2005), kalarippayattu (arte marcial indiana, Zarrilli, 1998), silat (arte marcial malaia, Farrer, 2006; 2007), tai chi (ou taijiquan, Frank, 2006; 2014) e artes marciais mistas (MMA, Spencer, 2012; 2014; Stenius e Dziwenka, 2015). Embora suas estruturas teóricas sejam diferentes - sociologia carnal (Wacquant, 2002), etnografia performativa (Zarrilli, 1998; Farrer, 2007, aprendizado (Downey, 2005), etnografia fenomenológica (Frank, 2006), etnografia sensorial (Spencer, 2012; 2014), participação aberta aliada à autoetnografia (Stenius e Dziwenka, 2015) - esses autores compartilham o mesmo envolvimento corporal e prático com seu campo, seja como alunos, ou como professores". (KURASHIMA, 2023, p. 2).

As emoções vivenciadas durante a observação participante, destacam a dimensão corporal inerente à prática do esporte, oferecendo uma compreensão holística que foge aos métodos discursivos. Experiências como essas, posso afirmar que foram vivenciadas em certo grau por este pesquisador, durante os mais de uma década de treinamentos, mas sobretudo durante a preparação para o exame de graduação faixa-preta de *Hapkido*, já como um antropólogo em formação, através da observação participante de alunos de *Hapkido* da Equipe Hunter Tiger.

Outra questão muito interessante abordada por Kashimura (2023), e que não havíamos ainda encontrado em nenhum outro texto, pelo menos na forma como o sociólogo japonês aborda, é a questão do "medo" ele fala deste tema a partir do conhecimento holístico que envolve esse sentimento humano, muitas vezes de preservação da vida dentro das artes marciais, a partir dos

exemplos presenciados como etnógrafo, em especial referente ao Tai Chi praticado em uma academia de Kioto Japão, durante sete anos que lá esteve para a sua pesquisa, ou seja, a pesquisa e o tema de Kashimura, além de apaixonante ao meu ver, trata-se de uma pesquisa de muito folêgo. Como uma atividade extremamente viril, as artes marciais parecem ter dificuldades segundo o sociólogo japonês, em estudar um sentimento tão subjetivo como a questão do medo, onde muitas vezes não é nem mesmo imaginado sob esse prisma, sobretudo se levarmos para o campo do debate.

Durante todos esses anos dentro das artes marciais, jamais vi ou ouvi alguém, seja praticante ou não, abordando este tema, mas após as leituras dos textos de Kurashima e Mauss, consegui entender a importância e a relevância de se abordar e entender o assunto "medo" dentro das artes marciais. Falando como praticante de Hapkido e boxe chinês, presenciei e ainda presencio muitas situações de medo, temor, insegurança, dos alunos iniciantes e entre os alunos mais graduados, situações de medo que acontecem comigo também em alguns momentos, por exemplo, o medo durante a execução de algum tipo de ataque ou contra-ataque, de defesa, saltos em altura, e até mesmo durante alguns tipos de rolamentos muito presentes no Hapkido, a insegurança acaba inibindo a execução de determinados golpes, sejam eles de ataque ou de defesa. Um dos maiores medos dos praticantes de Hapkido são os saltos, como o Nopi *(salto em altura) e o* Moli *(salto em distância), detalhe: Se o saltador durante o salto derapar ou ao aterrizar fizer muito barulho, é desclassificado, pois na regra de saltos no Hapkido não pode derrapar no tatame ou fazer muito barulho na aterizagem do salto. Existem aulas de saltos desde a fase de iniciante até ao nível dos mais graduados, pois estes saltos são muito comuns tanto no Hapkido quanto no Taekwondo, como na imagem e no vídeo abaixo:*

Hapkido TV. 3º Campeonato brasileiro Open de Hapkido – 2023 Trailer. You tube, 20/11/23. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dH-xwyvDUoA&t=97s, acesso em: 10 de julho de 2024.

Tal medo segundo os teóricos pode inibir o aprendizado do aluno, mas também livrá-lo de certas situações de perigo, fato este que não pode ser negado.

Abaixo segue argumentos teóricos embasados aliados ao empirismo de Kurashima (2023) na abordagem desse assunto, e sua alta relevância na busca do conhecimento do corpo, dos limites próprios como um ser social, mas que na prática nos parece não ter despertado até o momento alguma curiosidade pelo assunto, e muito menos um interesse significativo dentro dos estudos acadêmicos, salvo algumas raras exceções como nas ciências sociais;

> "Entre essas emoções, o medo nos parece merecedor do maior interesse; e, em particular, uma de suas dimensões que tem sido negligenciada até agora, tanto empiricamente quanto teoricamente: são as suas utilidades técnicas e heurísticas. Contra a tendência geral de entender o medo, apenas como um obstáculo ao uso eficiente do corpo, queremos demonstrar sua qualidade como um recurso indispensável para a percepção do corpo, e da intercorporeidade durante o aprendizado, e com vistas à eficiência técnica. Para isso, nos baseamos em uma experiência de sete anos (1999-2006) de observação participante na S3, uma escola de tai chi em Kyoto (Japão), com uma frequência de duas a três aulas por semana. (KURASHIMA, 2023, p. 2-3).

Kurashima parece não compartilhar do mesmo entendimento de Marcel Mauss sobre estas questões. Mauss entende o medo não como obstáculo, mas apenas como um sentimento negativo, inibidor no processo de aprendizado, em seus estudos sobre as técnicas do corpo:

> "Reconhecer o valor do medo nos esportes de combate, vai contra a perspectiva adotada pela sociologia e antropologia tradicionais, que o viam como um grande obstáculo ao uso eficaz do corpo, não apenas em situações particularmente estressantes, como as encontradas nos esportes de combate, mas também, de modo mais geral, em todas as atividades corporais. Marcel Mauss (1934), que definiu "técnicas do corpo" como formas "tradicionais e eficazes" de usar o corpo no centro do comportamento cotidiano, é um representante dessa tendência". (KURASHIMA, 2023, p. 3).

Sendo assim, é possível afirmarmos que a visão de Mauss (1934) quanto a um dos vários tipos de medo que nos acompanha durante a vida, pode e deve ser inibido para se criar o sentimento de autoconfiança, como no exemplo do aprendizado da natação. De acordo com Mauss, o aprendizado de técnicas corporais, geralmente requer o controle do sentimento de medo por parte do aluno, ou seja, "inibido". Essa necessidade do controle da inibição é apresentada na análise que o francês faz em especial na mudança constatada na forma com o passar do tempo de como a natação é ensinada:

Vejamos:

> "No passado, éramos ensinados a mergulhar depois de nadar. E quando nos ensinavam a mergulhar, eles nos ensinavam a fechar os olhos e depois abri-los na água. Hoje, a técnica é o oposto. Iniciamos todo o processo de aprendizado acostumando as crianças a ficarem na água com os olhos abertos. Dessa forma, mesmo antes de nadar, as crianças são treinadas, acima de tudo, para domar reflexos oculares perigosos, mas instintivos, elas se familiarizam com a água, inibem o medo, criam certa autoconfiança e selecionam paradas e movimento. " Ibid, p. 6.

Portanto para Marcel Mauss, reconhecer o valor do medo nos esportes de combate, vai contra a perspectiva adotada pela sociologia e antropologia tradicionais, que o viam como um grande obstáculo ao uso eficaz do corpo, não apenas em situações particularmente estressantes, como as encontradas nos esportes de combate, mas também, de modo mais geral, em todas as atividades corporais. O medo para o antropólogo francês é um tipo de barreira técnica.

"Podemos ver que a inibição do medo, é a base do aprendizado da natação, pois permite que o aluno selecione "paradas e movimentos" em vez de balançar os membros de forma desordenada"

Mauss argumenta que o controle, ou seja, a inibição desse medo é uma condição necessária não apenas para aprender técnicas corporais em geral, mas também para manter sua eficácia, mesmo depois de aprendidas.

A faculdade que torna isso possível em sua opinião é a "compostura" ou "resistência à emoção invasora [que é], acima de tudo, um mecanismo de atraso, de inibição de movimentos desordenados; esse atraso permite uma resposta que é então coordenada com movimentos que partem na direção do objetivo escolhido" (ibid., p.24) " (KURASHIMA, 2023, p. 3).

No tópico sob o título " O medo nos esportes de combate" no artigo de Kurashima (2023) o sociólogo japonês nos traz argumentos interessantes, e que até o momento da pesquisa me eram desconhecidos, e que chamam a atenção para a condição de etnógrafo em uma pesquisa sobre as artes marciais, ao falar da sua fragilidade na observação, muitas vezes cercada de limitações, devido ao medo e apreensão durante a exibição de movimentos e golpes comuns vistos e executados pelos praticantes com muita naturalidade, sobretudo pelos praticantes de níveis mais avançados, onde o medo geralmente não é visto como um impedimento, mas algo já devidamente superado e sob controle.

Kurashima cita alguns exemplos baseado em Doweney (2005);

"Os etnógrafos envolvidos em esportes de combate reconheceram unanimemente, a complexidade e a fragilidade das técnicas visadas por sua observação, eram técnicas que os tornaram vulneráveis ao medo, e os submeteram à necessidade de controlá-lo. Greg Downey (2005) enfatiza a importância do controle das emoções na capoeira, uma arte marcial caracterizada pela proibição de atacar com as mãos e pela busca de harmonizar os movimentos com a música que acompanha a sua prática, - tanto que a competição se assemelha a uma dança em que ataques acrobáticos, com as pernas ou a cabeça, são enfrentados com esquivas e contra-ataques igualmente perigosos". Como citado acima, o fator medo realmente é algo muito presente, mas também natural, porém não há

dúvidas que deve ser trabalhado com os artistas marciais ainda em nível inicial, e que após alguns anos de treinamento e práticas cotidianas, esse temor deve ser dissipado, ou inibido e sob controle. Na arte marcial seja ela qual for, o não controle em todos os sentidos e não somente no fator medo, pode atrapalhar o aprendizado do praticante, sobretudo porque envolve violência, controle da situação o tempo todo, para se colocar numa posição de vantagem ao oponente dentro das artes marciais, fazem parte da construção de um habitus marcial. Mesmo Mauss não tendo dispensado muita atenção ao tema do medo em sua obra, achei importante trazer o exemplo do aprendizado do nado utilizado por ele, para-nos ajuda a entender um pouco essa tão importante emoção humana, inclusive responsável na preservação da vida em momentos críticos.

Os argumentos de Kurashima (2023) quanto ao controle do medo são interessantes e valem a pena serem abordarmos, pois se tratando de um artista marcial, para que o mesmo consiga atingir uma proficiência próxima da perfeição nos movimentos mais complexos durante o seu aprendizado, é fato que nas artes marciais será exigido muito do corpo de um praticante, seja da qual a arte marcial for, por isso a necessidade de um alto nível de controle dos sentimentos, da insegurança e do medo. Assim como no Hapkido e nas demais artes marciais orientais, na Capoeira uma forma de defesa de origem africana, as coisas não diferem muito no sentido do controle do medo, abaixo um fragmento extraído de um trecho de Brito 2010;

> “Proficiência nessa arte, baseia-se no domínio da ginga, uma marcha cadenciada que consiste em balanços alternados da esquerda para a direita, e depois da direita para a esquerda, o que dá lugar a uma infinidade de combinações técnicas, que são executadas para frustrar os ataques do oponente. O potencial inesgotável de ação da ginga decorre da coordenação sutil do corpo, escondida por trás de uma rotina aparentemente rude: todos os movimentos se originam “da cintura, fluem pelo tronco, penetram nos membros e terminam tocando a cabeça; a ginga exige um comprometimento completo do corpo com os movimentos que ocorrem na cintura, que os capoeiristas aprendem a sentir como a fonte de equilíbrio e mobilidade” (ibid, É por causa de sua complexidade, que a ginga pode ser facilmente prejudicada por emoções negativas: “Um novato que fica tenso durante um confronto, fica nervoso ou agressivo, ou fica rígido quando excitado - todas tendências muito comuns - não consegue se curvar com rapidez suficiente, para escapar de ataques repentinos, ou lançar um contra-ataque inesperado" (ibid., p. 132).

O que entendi com esta afirmação do texto de Kurashima (2003), ao utilizar um exemplo da capoeira, é que a proficiência de um praticante de capoeira está ligada diretamente com a sua (coordenação sutil do corpo, ginga, equilíbrio, mobilidade, mas sobretudo, ao alto controle). No Hapkido tal realidade não é diferente. Dentro da arte marcial coreana é possível ver vários tipos de medos presentes também, devido a falta de proficiência citada por Kurashima, tais como (medo de saltar, medo de lutar, medo de atacar, medo de contra-atacar, medo de colocar o seu corpo e do outro em risco, etc). Para meticar tais dificudades que podem inibir o desenvolvimento marcial do praticante, treina-se por anos no sentido de construir um novo habitus corporal e social, para que o indivíduo consiga atingir um certo nível de insensibilidade, mas não a perda do medo totalmnte,

até porque o medo faz parte da vida de todo ser humano normal, servindo inclusive como ferramenta de prezervação da própria vida em muitas situações cotidianas, como afirmaram acima, Kurashima, Mauss, Wacquant e os demais, não há conflitos de pensamento, mas apenas formas distintas de interpretação e de trabalhar o medo com os nadadores e artistas marciais.

Na mesma linha dos demais citados, Loïc Wacquant (1995; 2002; 2004), destaca a precisão dos movimentos que compõem as técnicas de boxe e sua vulnerabilidade às emoções. Referindo-se à noção de sang-froid descrita por Marcel Mauss.

Wacquant ressalta no texto abaixo, essa proficiência trazendo que também é necessária dentro do boxe, a partir da realidade vivida por ele durante os anos que praticou boxe durante o desenvolvimento da sua pesquisa em Chicago:

> "[a] socialização adequada do boxeador pressupõe uma habituação aos golpes, cujo lado oposto, é a capacidade de domar o primeiro reflexo de autoproteção, que interrompe a coordenação dos movimentos e dá vantagem ao oponente" (Wacquant, 2002, p. 94).

Para Kurashima (2003), é possível afirmar que a proficiência do praticante de uma determinada arte marcial, está ligada diretamente com a sua coordenação, controle sutil do corpo e do medo, ao executar certos movimentos requeridos, tais como os citados, a ginga, o equilíbrio, mobilidade, mas, sobretudo o alto controle. Foi possível notar que tais características são muito comuns em praticantes iniciantes, tanto no nado quanto naqueles que praticam o *Hapkido*, geralmente os alunos que vem para as artes marciais com uma visão *fitness*, ou ainda como ferramenta auxiliadora no condicionamento físico e emagrecimento apenas. Agora sabemos que o Hapkido pode ser utilizado para esse fim, mas na sua essência o *Hapkido* não é e nunca foi uma mera atividade marcial para auxiliar no emagrecimento, mas uma arte marcial de defesa pessoal, ou seja, desenvolvida ao longo de anos para o combate corpo a corpo, para o desenvolvimento das técnicas do corpo para a Guerra.

Ter medo não é o nosso foco nesta abordagem do tema, mas sim como gestionar esse medo comum a todos nós diante de situação de insegurança, ou de risco a mim ou a outrem. No entanto dentro das artes marciais voltadas para a defesa pessoal, infelizmente não há lugar para medo ou inibições, em especial em uma situação de perigo real, onde as técnicas de defesa pessoal aprendidas durante os anos de treinos terão de ser coladas em prática, e por envolver muitas vezes uma questão de vida ou morte, não existe espaço para temores, inibições, mas, sobretudo para a aplicação de regras. Nesse momento entra em cena a figura do professor de artes marciais, com todo o seu conhecimento no sentido de preparar esse aluno para que ele saiba o momento correto, de permitir

ou não que essa condição do psíquico humano, o domine ou não para a sua sobrevivência. Neste caso a pergunta a ser feita é: como fazer então o gestionamento desse medo? Isto é o que tentaremos responder agora.

Na busca por uma explicação mais densa que nos auxilie no debate sobre o medo dentro das artes marciais, acionei o texto de Filho (2016) “Investigação Sobre o Medo e Ansiedade nas Artes Marciais” este texto pode esclarecer muitas coisas sobre essa condição humana e psicológica comum a todos nós, e que em muitos momentos serve para nos proteger inclusive. O texto de Filho tenta responder algumas indagações sobre como administrarmos o medo ao acionarmos alguns dispositivos na tentativa de inibi-lo, em especial dentro das artes marciais.

Segundo Filho:

O medo pode ser caracterizado como um estado emocional adverso, que desencadeia mal-estar psicológico e reflexos fisiológicos como tontura, náuseas, suor excessivo, palpitações e falta de ar, entre outros. A ansiedade está intimamente relacionada ao medo, porém se caracteriza por ser um transtorno onde o agente causador do medo não está presente e é assim antecipado. Compreender como essas emoções afetam o desempenho de artistas marciais e seus desdobramentos contribuirá para melhora desses praticantes. Nos primórdios da humanidade, tais emoções eram tratadas com naturalidade pois estavam intrinsecamente relacionadas com o cotidiano do homem primitivo. Nos dias de hoje observamos uma transformação nas artes marciais. Uma arte antes usada exclusivamente para a sobrevivência, hoje toma um caráter competitivo e de exibição. Essa mudança radical ao longo da história tira do homem a naturalidade em lidar com essas emoções. Investigar como se desdobram tais emoções pode ser a chave para melhorar o desempenho de artistas marciais, seja em sua aplicação competitiva, ou para autodefesa na sociedade violenta do mundo atual.

Após a análise do material encontrado e selecionado para compor este trabalho, pudemos constatar que há diversos métodos de preparo para lidar com tais emoções evidenciados na literatura, contudo as estratégias mais efetivas se baseiam, principalmente, em levar em consideração o contexto e preparar o praticante para se adaptar a diversas situações de combate, buscando a imprevisibilidade e simulação durante os treinamentos, e o manejo adequado dos fatores psicológicos, fazendo com que o praticante possua uma formação íntegra, não deixando de lado qualquer aspecto que poderia influenciar em seu desempenho durante a prática esportiva (FILHO,2016, p. 7).

Diante do exposto, o medo propriamente dito é algo bom ou ruim, como ele se apresenta em nosso corpo, quais as suas caraterísticas?

Para vários intelectuais que estudam o tema, o medo se apresenta como uma emoção natural humana, uma resposta a situações de perigo, de forma tal que é através dele que se pode mensurar o grau de seu impacto, tanto no psiquismo como no cotidiano da pessoa. Segundo Lavoura (2008)

o medo é uma emoção legitima e primitiva dos seres humanos. No cotidiano, este fato é traduzido como uma série de restrições e limitações, que são por vezes auto impostas às atividades. Como é colocado por Nardone (2004), o medo é uma emoção de alerta fundamental para a sobrevivência. Além disso, o medo desencadeia reações fisiológicas e psicológicas que são percebidas e interpretadas de maneiras diferentes de acordo com o indivíduo e seu nível de preparo para lidar com situações de estresse. Para Lavoura (2008) o medo pode ser considerado como resultado da insegurança do atleta, e de percepções imaginadas da falta de capacidade para superar uma determinada tarefa. Outro fato relatado por Machado (2006) é que o medo pode ser considerado como um estado emocional interpretado como desagradável, emergindo do fato do indivíduo se ver diante de um momento julgado por si próprio como ameaçador, podendo lutar ou fugir, ou ainda adotar comportamentos que possuam o intuito de afugentar o medo. Somado a esses fatores, La Taille, Oliveira e Dantas (1992) afirmam que quanto maior o medo e a percepção de incapacidade, as emoções negativas relacionadas ao medo e a ansiedade tendem a reduzir a capacidade de pensamento cognitivo. Ou seja, o medo tende a prejudicar a capacidade de julgamento, diminuir a acuidade intelectual, e causar um estado de torpor e confusão mental (FILHO, 2016, p. 9-10).

Segundo Margis et al. (2003, p. 66); “A resposta ao estresse depende em grande medida, da forma como o indivíduo filtra e processa a informação e sua avaliação, sobre as situações ou estímulos a serem considerados como relevantes agradáveis ou aterrorizantes”.

Há uma tendência nas artes marciais atuais em tornar o treinamento segmentado e repetitivo, focado em formas e posições prontas, tirando a variação e imprevisibilidade de uma competição ou de situação de defesa real. Convém ressaltar que quando estudamos emoções como medo e ansiedade, temos que citar outras emoções que permeiam esse tipo de prática como agressividade e raiva. Posto que são duas emoções diferentes sendo uma extremamente necessária para se atingir os objetivos (agressividade) e a outra se torna detrimental, atrapalhando o bom julgamento, seja de um competidor ou de um praticante comum.

Assim sendo, as artes marciais tradicionais (Judô, Karatê, Tae-kwon-do) estão mais associadas a autocontrole, melhora na autoestima e disciplina, enquanto as artes marciais modernas (Boxe, Jiu-Jitsu e o próprio MMA) estão mais associadas a emoções como raiva e agressividade. Todas as características citadas acima, com exceção da raiva, se fazem importantes para um bom artista marcial, seja seu objetivo autodefesa ou competição. Desta forma, o mesmo controle emocional necessário para se lidar com medo e ansiedade também é empregado no desenvolvimento de tais qualidades.

A pergunta a ser feita baseado nas teorias acima é, qual seria o caminho a ser percorrido por professores de artes marciais e seus alunos, no intuito de metigar tais danos ao desempenho e autocontrole de um artista marcial causados pelo medo?

Carvalho & Fidale 2010, nos dão um mote no sentido de metigar o máximo possivel os danos no desempenho do artista marcial.

Assim, compreender melhor essas emoções, também é importante para entender o que diferencia uma situação de competição e uma situação real. A ansiedade competitiva pode ser combatida de diversas maneiras, estudadas na literatura como treinos mentais, pensamentos positivos, ignorar a dor e o medo etc., contudo, uma ansiedade frente a um perigo real, requer outro tipo de preparo que as artes marciais tradicionais, em sua grande maioria, não podem fornecer.

Existem inúmeras referências teóricas que abordam a ansieda pré-competitiva. Inclusive alguns autores já foram citados no decorrer dessa introdução. Mas poucos estudos analisaram esse tema focado nos esportes de luta, como as artes marciais (CARVALHO; FIDALE, 2010).

Sendo assim, a investigação do medo e ansiedade sob uma perspectiva marcial realista, pode contribuir tanto para o entendimento do medo e ansiedade no contexto marcial de competição, e por consequência melhorar a performance de atletas como em outros contextos mais realistas, por isso é relevante o estudo desses fatores nas artes marciais (CARVALHO,2016, p.16-17).

Desta forma, é possivel afirmar que de fato existe uma forte relação entre estresse e performance, segundo Samulski (2012) vejamos o que ele apresenta sobre isso.

A teoria do U invertido indica que atletas atingem um nível ótimo de performance, com um certo nível de excitação psicológica. Desta forma, pouca excitação não possui efeitos impactantes na performance, enquanto muita excitação também seria prejudicial, ou seja, se o atleta ultrapassa a área ótima de ativação, o rendimento cai (SAMULSKI, 2002).

Uma outra possibilidade teórica desenvolvida para responder a estas questões do estresse e a performance nas artes marciais, é a teoria de Hanin (1997). Segundo ele a sua teoria é alternativa a teoria do U inverso. Hanin afirma o seguinte: Alternativamente a teoria do U inverso, desenvolvi o modelo das zonas individualizadas de funcionamento ótimo, consistindo na proposta de que cada atleta possui uma zona ótima de ativação individual. Por isso, certos atletas podem atingir essa zona ótima com nível de estresse mais elevado, enquanto outros podem atingir a mesma zona e, potencialmente mesmo nível de rendimento, com níveis menores de estresse. Trata-se então de uma questão particular, onde as manifestações de estresse podem variar de uma pessoa para outra, dependendo do ambiente que está enserido, e condições do estado de espírito desse artista marcial.

Além do treinamento adequado e variado, existem métodos de controle de estresse não relacionados ao treino, como por exemplo, técnicas de relaxamento, distração e respiração. Talvez seja por esse motivo que técnicas de respiração geralmente são aplicadas por alguns mestres durante os treinos de Hapkido. “Portanto em certa medida, o estresse faz parte da vida para a manutenção e o aperfeiçoamento da capacidade funcional, autoproteção e conhecimento dos próprios limites” (SAMULSKI, 2009).

Segundo Samulski (2009) existem alguns fatores que podem influenciar muito, no aspecto do equilíbrio psicológico dos indivíduos, no que diz respeito às respostas ao estresse de um artista marcial.

São eles;

Avaliação inicial ou afetiva: Indivíduo determina se a situação é ou não potencialmente perigosa e, então, desencadeia respostas de defesa caso seja identificada uma ameaça, ou de conferência e orientação para recolher mais informações a respeito da situação. Nesse sentido, o treinamento objetivando minimizar os efeitos do medo e da ansiedade, deve trabalhar para diminuir e refinar respostas de conferência e orientação, afim de tornar respostas de defesa mais eficazes.

Avaliação da demanda da situação (avaliação primária): Indivíduo relaciona a situação estressora com seu histórico pessoal, e experiência própria para determinar se há, de fato, uma ameaça. Nessa fase, o treinamento marcial entra como um agente modificador.

Avaliação secundária: Avaliação das capacidades de lidar com a situação estressora. Nesse estágio o indivíduo passa por um processo de avaliação da demanda, e determina se é capaz ou não, se é viável enfrenta-la. Um treinamento marcial efetivo visa diminuir ao máximo o tempo dessa avaliação, implementando uma resposta de ação instantânea rapidamente.

Organização da ação e seleção da resposta: Baseando-se no processo descrito acima, o indivíduo vai responder à situação estressora dependendo do resultado de tal processo (CARVALHO, 2016, p. 17-18-19).

Nível Comportamental

Passada a avaliação cognitiva, é chegada a hora de uma reflexão acerca da decisão tomada em um comportamento. Basicamente, a ação tomada pode ser resumida em: ataque, fuga ou colapso. Enquanto os primeiros dois são bem compreensíveis, o colapso ou estado de apatia se caracteriza por “diminuição da percepção e concentração, apatia mental, estado de mau humor, falta de motivação, reações lentas. ” (EBERSPÄCHER, 1982).

Este estado se apresenta quando há uma falta de preparo físico e psicológico para lidar com situações de medo e ansiedade, competitivamente ou não. Por meio de variações de estímulos e de um treino integrando diversos estilos de artes marciais e dificuldades diferentes, é possível evitar tal resposta.

Na visão de Margis et al. (2003), as respostas adequadas a cada situação dependem de um aprendizado prévio, e se esse aprendizado recebeu reforço suficiente por meio da prática por

simulação de situações semelhantes. Tal reforço deve ser enfatizado, porém de maneira variada, não sendo repetitivo durante o treinamento.

A variação descrita aqui, prepara o indivíduo para diferentes situações e se torna benéfica em competição ou em uma situação real. O praticante encontrará situações diferentes, oponentes com estilos variados e de diversas estaturas, pesos, capacidades corporais. Sendo assim, Margis et al. (2003) colocam que as respostas às situações estressoras podem ser específicas ou, caso não haja uma resposta especifica praticada, o indivíduo pode arriscar uma nova resposta ou suportar o estresse passivamente. Assim essa resposta passiva, deve ser combatida com o treinamento adequado.

Em uma situação de defesa real, essas possibilidades de variação se tornam ainda mais amplas trazendo armas, lugares e condições de autodefesa ainda mais imprevisíveis a esse contexto. Assim sendo, a variação se torna indispensável em qualquer tipo de treinamento.

"Nos treinamentos, os profissionais e técnicos deveriam incluir situações e eventos, que pelo menos em parte criasse tensões sociais e psicológicas, que podem estar presentes posteriormente em competições. " (LAVOURA, 2008).

Desta forma, treinar artistas marciais e prepara-los para lidar com diferentes situações e possibilidades é extremamente relevante. Essas variações de treino devem ser incluídas em treinos para competições, ou mesmo em treinos para autodefesa. Ao simular o comportamento desleal e a pressão da torcida, por exemplo, o praticante é preparado para se adaptar as mais diferentes situações e adversidades, enfrentando melhor esses momentos que podem vir a ser frequentes em suas rotinas.

Essa adaptação sucessiva à adversidades e comportamentos indesejáveis, é a chave para a construção da autoconfiança ao longo do tempo, e da prática constante e bem orientada dos atletas em questão (CARVALHO, 2016, p. 21-22).

De acordo com Tuan (2005), à medida que indivíduos adquirem confiança eles perdem seus sintomas de medo, seus "alarmes" de medo e ansiedade. Assim, quando chegar o momento da competição, todas as emoções vistas como negativas ou prejudiciais, que são inerentes ao período de pré-competição, serão mais facilmente dominadas e manejadas.

Então, quando associamos esse fato descrito acima com a experiência que o atleta vai adquirir ao longo de sua carreira, temos uma eficaz ferramenta de manejo do estresse.

Somado a isso, Nitsch e Hackfort (1981) citam diversas outras formas de lidar com esses fatores, como: descanso/repouso adequado e suficiente, técnicas de treinamento mental, bom clima

durante os treinamentos, adoção de técnicas de substituição de pensamentos negativos por positivos, ou seja, manejar o medo e a ansiedade para níveis ideais, buscando enfatizar outras emoções que sejam vistas como positivas, por meio de frases que neguem a condição de estresse.

A despeito das técnicas comentadas acima, vale ressaltar que o medo não pode ser eliminado completamente da vida de um ser humano. Se tratando de uma emoção natural e necessária a sobrevivência, o medo se torna impossível de ser eliminado completamente. Mesmo assim, ele é extremamente útil e benéfico quando manejado corretamente, resultando até em melhora do desempenho ao invés de queda, como muito se pensa. “Não obstante, sempre haverá um (ou mais) objeto de medo a ser enfrentado, visto que o ser humano não dá conta de prever, julgar ou controlar todos os acontecimentos futuros, provenientes do desconhecido a ser vivido” (LAVOURA, 2008).

Definição de autoconfiança

A autoconfiança pode ser definida, segundo Weinberg e Gould (2008), como uma crença, sendo que o sujeito se sente capaz de realizar determinada tarefa com sucesso. A autoconfiança possui um papel fundamental no manejo do medo e da ansiedade, tanto no contexto marcial quanto em qualquer outro esporte.

A confiança pode trazer consigo diversos benefícios para o praticante, como emoções positivas, maior facilidade de concentração e aumento do empenho na prática (WEINBERG; GOULD, 1995).

Por outro lado, o excesso de confiança se torna prejudicial, pois sem a habilidade técnica necessária, o mesmo desempenho não é atingido, sendo que o atleta pode se superestimar e subestimar seu adversário, fazendo com que o mesmo se encontre na zona de conforto e, muitas vezes, se exponha demais durante um combate, acabando surpreendido, podendo emergir o sentimento de frustração, culpa e vergonha após o resultado (uma derrota, possivelmente).

No contexto marcial, é comum observar atletas que perdem a confiança após serem atingidos pelo oponente, pois não acreditavam na habilidade deste. Isso, somado a dor física, pode gerar nível elevado de estresse durante a competição, contribuindo para o aumento da ativação, do estresse e, consequentemente, do medo e da ansiedade.

Segundo Weinberg e Gould (2008), insegurança e expectativas negativas podem afetar performances futuras, e o modo como os outros percebem a efetividade do atleta. Portanto, manter a confiança sob adversidade se faz essencial para determinar se um atleta será bem-sucedido ou não.

Desta forma, a expectativa que o atleta possui de si mesmo e a esperança que o treinador projeta em seu atleta, também têm grande importância e influência na confiança do esportista (CARVALHO, p. 24 - 25).

Considerando que medo e ansiedade são emoções naturais humanas, e os impactos que podem produzir no cotidiano, nas práticas esportivas e/ou marciais, vale ressaltar que uma preparação adequada se faz essencial.

Segundo Lavoura (2008), os resultados e rendimentos obtidos em atletas, dependem dos hábitos de vida e da adaptação social aos meios que se inserem. Assim, se faz necessário implementar um treinamento que prepare atletas e artistas marciais para lidar com as emoções aqui estudadas. Dentre os diversos métodos citados para melhorar as respostas ao medo e ansiedade, deve-se ressaltar ainda a importância da consciência do treinador e do atleta, acerca dos desafios que serão enfrentados pelo último, tornando o treino uma simulação bem estruturada de uma situação real.

Na visão de Lavoura (2008), as emoções podem ser facilitadoras da performance esportiva, mas podem ser fatores limitantes também, sendo que o nível ótimo varia entre indivíduos. Este fato reforça mais uma vez, a necessidade de uma especificidade do treino e conhecimento do treinador, das idiossincrasias de cada atleta e situação de treino (CARVALHO, 2016, p. 26).

Além disso, pode-se concluir que poucos estudos buscaram evidenciar a aplicação prática da arte marcial (autodefesa) e, consequentemente, os desdobramentos de medo e ansiedade nesse contexto, bem como a influência de outros fatores psicológicos. Trata-se de uma aplicação diferenciada que envolve exemplos mais realistas e, por consequência, mais perigosos. Existe uma carência de estudos que lidem com a temática e, também, uma difusão dessa informação realista ao publico, se faz necessária (CARVALHO, 2016, p. 27).

Segundo as conclusões de Carvalho (2016) posso afirmar que também tenho a mesma impressão, ou seja, a de que infelizmente ainda não há na área das artes marciais de defesa pessoal, um estudo mais apurado sobre os impactos dos vários tipos de medo entre os praticantes, ao vivenciarem nas situações de treinamento ou mesmo de alto defesa real, pois tal pesquisa requer uma análise e imersão mais atenta e diferenciada, sobretudo, por envolver vários perigos, tanto ao pesquisador quanto para o individuo ou grupo estudado.

Existe outro intelectual que trabalha fortemente com inúmeros tipos de violência e o tema medo, e com ele concluímos esse estudo, falo do estadounidense especialista em segurança conhecido como o Dom do Medo, Gavin de Becker. Achei interessante trazê-lo para o debate, talvez devido ao seu histórico de violência vivido ainda na infância segundo ele.

"Apoiado pela análise de muitos casos semelhantes, Gavin de Becker conclui que a intuição é de fato, "nosso processo cognitivo mais complexo e, ao mesmo tempo, mais simples", um "presente de um brilhante guardião interno" a serviço da sobrevivência, compartilhado por todos os animais. Mesmo nos seres humanos, quando se trata de prever a violência, a intuição parece ser mais digna de atenção do que a razão, porque ocorre "sempre em resposta a algo" que está acontecendo no ambiente imediato. Em outras palavras, ela é "liberada das amarras do julgamento, casada apenas com a percepção" (ibid., 1997). (Para ser violento quando é preciso, o praticante de artes marciais no Ocidente, precisa ser treinado para isso, assim como diz Gavin, o guerreiro precisa tirar as amarras do julgamento, ficando então somente a percepção). No entanto, a intuição não é uma capacidade inata e imutável apenas, mas uma capacidade que pode ser gradualmente aprimorada, por meio de um processo de "adição de novas distinções" (ibid., cap. iv).

Como o medo, emerge de um comportamento articulado, ou seja, de um comportamento que se adapta melhor ao ambiente, porque revela suas diferenças específicas, ele não pode ser considerado um obstáculo à eficiência técnica. Se o objetivo das técnicas corporais em geral são a "adaptação constante a um objetivo físico, mecânico ou químico" (Mauss, 1934, p. 11), o medo pode ser um dos possíveis resultados do aprendizado técnico, um indicador de seu sucesso. Além disso, os benefícios práticos de uma intuição que salva vidas, como a apresentada por Gavin de Becker, mostram que uma vez que a percepção que a produz tenha sido corretamente articulada, o medo pode agora representar um recurso do qual os atos técnicos podem se valer para ganhar em eficácia. O medo, a partir de um comportamento articulado segundo Mauss 1934, também pode ser uma ferramenta que marca fortemente a aquisição de um recurso, que os atos técnicos podem se valer, para ganhar ainda mais eficácia no desenvolvimento de um praticante marcial. Finalizamos este tópico, com uma passagem de Wacquant quando ele cita Mauss para explicar o quanto estamos vulneráveis, ao deixarmos as emoções nos dominarem em certos momentos, quando na verdade quem deve conduzir a nossa postura como artista marcial, é a noção de sangue frio.

> "Loïc Wacquant (1995; 2002; 2004), destaca a precisão dos movimentos que compõem as técnicas de boxe, e sua vulnerabilidade às emoções. Referindo-se à noção de sang-froid descrita por Marcel Mauss, ele ressalta que "[a] socialização adequada do boxeador pressupõe uma habituação aos

> golpes, cujo lado oposto, é a capacidade de domar o primeiro reflexo de autoproteção, que interrompe a coordenação dos movimentos e dá vantagem ao oponente" (Wacquant, 2002, p.94) ".

Simbolos de poder: águias e tigres

No Hapkido, a execução correta dos golpes evoca a força da animalidade contida em suas formas, como já dizia o Grão-Mestre: são vários os animais símbolos adotados pelo Hapkido, entre eles temos a águia e o tigre siberiano, o maior felino do mundo. Como afirmava um ditado oriental:

"Espera-se que a (o) artista marcial, se torne os cinco animais em situação de combate"

A figura mística dos tigres amarelo e branco como protetores da Coréia do Sul

Assim como outros países, a Coreia do Sul também tem diversos símbolos nacionais. Um deles é o tigre, considerado o animal nacional do país. Para entender a importância do tigre como símbolo representante da nação coreana, é preciso olharmos para a história do país, da sua formação inicial, ou seja, de uma ideia de Coreia até os dias atuais. Descubra conosco a origem deste símbolo e como ele se faz presente em diversos segmentos até mesmo na cultura pop coreana e nos esportes.

O tigre é o símbolo nacional das coreias, se tornando, por exemplo, a mascote oficial das Olimpíadas. É o caso das Olimpíadas de Verão que ocorreram em Seul (Coreia Do Sul) em 1988 e das Olimpíadas de Inverno que aconteceram em Pyongyang (Coreia do Norte) em 2018. Tanto o tigre da cor amarela quanto o tigre da cor branca são importantes e trazem simbologias intrínsecas à história de formação e crescimento da nação coreana. Há quem diga que até o formato da península coreana é parecido com um tigre.

Não há uma data exata que marca a extinção dos tigres coreanos, mas acredita-se que eles tenham sido extintos durante a colonização japonesa, já que os colonizadores acreditavam que caçar os tigres era uma outra maneira de mostrar seu domínio sobre a população sul-coreana. Documentos antigos na biblioteca da Universidade Nacional de Seul, e de outras bibliotecas, contêm fotos e relatos que comprovam a captura de tigres durante o período colonial japonês entre 1910 e 1945. Mesmo extintos, os tigres simbolizam superioridade, e são vistos como criaturas auspiciosas, que expulsam os maus espíritos (액막이)**:** um encanto contra más influências).

Uma de suas primeiras aparições na literatura coreana é no conto da criação do país, o mito de *Dangun*, o rei urso (단군 왕검). Na lenda, um urso e um tigre rezam para o deus *Hwanung* pedindo para se tornarem humanos. O deus, então, ordena que os animais fiquem em uma caverna por 100 dias e que comam apenas artemisia e alho e evitem a luz do sol. Devido à fome, o tigre desiste, mas o urso persevera e se torna a mulher-urso *Ungnyeo*. *Dangun* é o filho do deus *Hwanung* com essa recém transformada em humana, *Ungnyeo*. *Dangun* é considerado o fundador de *Gojoseon*, o primeiro estado da Coreia e é, portanto, visto como aquele que fundou a nação coreana. Apesar de não ser um elemento-chave da história, o tigre já marcava presença no imaginário da população.

Outra forma comum de representação dos tigres foi através de *Minhwas* (민화), pinturas feitas por artistas desconhecidos para a população comum. As pinturas continham imagens de diversos elementos, como flores, montanhas, pedras e o sol. Elas tinham um teor mágico e eram uma forma de transmitir mensagens, afastar os maus espíritos e desejar que coisas boas acontecessem. O tigre era um dos elementos mais comuns nessas pinturas. Há muitas obras em que o tigre divide palco com o pássaro "pega" e a árvore de pinheiro. Na antiguidade, acreditava-se que se esse pássaro chorasse pela manhã, isso significaria que boas notícias estavam para chegar. Já a árvore estava sempre verde nas pinturas, mesmo quando era inverno, simbolizando o primeiro mês do novo ano (janeiro). Juntando o tigre a esses elementos da natureza, o tigre afugentaria os espíritos do mal enquanto o "pega" traria boas notícias para um bom Ano Novo.

Diferente das pinturas de Ano Novo, o tigre também aparecia como sátira de classe. Contos do dia a dia representavam nobres como tigres, pássaros "pega" como o povo e o coelho como mercante. Nesses contos, os nobres geralmente eram corruptos e faziam algo contra o povo.

Já na doutrina budista, o tigre é o mensageiro do deus da montanha ou até mesmo consagrado como o próprio deus da montanha. Sua aparição governa as fortunas dos seres humanos. Não é apenas no Budismo que o tigre representa a montanha. Em práticas xamânicas coreanas, ele é visto como a adoração do deus da montanha ou dos quatro deuses. Outra crença que levou consigo a imagem do tigre é o Confucionismo. Na religião/filosofia confucionista o tigre era descrito como um animal movido pela piedade filial humana, que ajudou os seres humanos ou retribuiu a bondade

humana. Ele, portanto, carregava consigo os valores confucionistas de “piedade filial” e “reciprocidade”.

O tigre foi tão comumente usado pela doutrina confucionista que seus efeitos podem ser vistos ainda hoje. A Professora Amy Chua, formada pela Universidade de Harvard e atual acadêmica de Direito na Universidade de Yale, lançou em 2011 um livro chamado “Grito de Guerra da Mãe Tigre”. Nesse livro, ela discorre sobre o termo “mãe tigre”, que foi originado para simbolizar as mães que seguiam os princípios confucionistas. Essas mães, segundo ela, existem até hoje e não apenas incentivam as crianças a se destacarem academicamente, mas também controlam rigidamente as suas atividades diárias, escolhendo até mesmo atividades extracurriculares, que devem ser atividades nas quais os filhos “possam eventualmente ganhar uma medalha de ouro”. Esse tipo de mãe acredita ter o direito de exigir dos filhos notas perfeitas e pensa saber o que é melhor para eles, mantendo um estilo estrito e disciplinador de criação dos filhos.

O tigre na cultura pop

No K-drama *Hotel de Luna*, o espírito do último tigre de *Baekdu* encontrava-se aprisionado entre a vida e a morte, não encontrando o caminho para a eternidade. Luna diz a ele: “O lugar que você quer ir não existe no mundo real. A pessoa que o trouxe aqui preparou um lugar para você ficar. Vá e descanse”. Uma pintura da região em que morava se tornou seu lar e ele pode descansar em paz. Em cenas posteriores, Luna conta que, por ser uma criatura mística, a alma do tigre reencarnará bem.

https://youtu.be/EKzh3oSyc8

Um outro exemplo bastante famoso é o escudo da Seleção Coreana de Futebol. Não por acaso, o time também tem o apelido de “Tigres da Ásia” além dos “Guerreiros de *Taegeuk*”.

Escudo da Seleção sul-coreana de futebol.
Créditos: Nike

Em 2020, o grupo SuperM lançou a faixa “Tiger Inside”, incluída posteriormente no álbum *Super One*. Apesar do tigre aqui ser mencionado apenas como uma alegoria para o verdadeiro eu que muitos escondem dentro de si mesmos, a SM Entertainment incluiu elementos culturais ao convidar o artista Kim Jung Gi para protagonizar um vídeo artístico criando uma obra com os membros do grupo: O tigre coreano se mantém como uma figura mística e simbólica, capaz de mostrar a força da nação coreana e protegê-la.

Assim como os tigres nas cores amarelo, e branco ou (albino) dentro da cultura coreana tem toda a sua simbologia, importância e lugar de destaque, a águia também o tem, e ocupa lugar de destaque sendo inclusive o animal símbolo da Federação Internacional de Hapkido. Existem algumas equipes de Hapkido que adotam a águia como símbolo. Temos no Paraná, mais precisaente na cidade de Piraquara, região metropolitana de Curitiba a Equipe águia de Hapkido.

A águia é o símbolo da Federação Internacional de Hapkido Tradiconal. Essa imagem sempre esteve associada ao Hapkido desde a sua origem. Representa a força, o sucesso, o poder, justamente por ser uma insígnia imperial. Em diversas civilizações, a águia foi ou é utilizada como símbolo nacional.

O símbolo da águia com flexas nas garras, está relacionado com as técnicas do Hapkido. A águia se utiliza de movimntos circulares, o movimento circular também é um dos princípios do hapkidoísta. A águia rodeia o seu objeto de ataque antes de atacar, antes de capturar a sua caça, utilizando suas garras. No Hapkido existem técnicas que representam as garras da águia tais como: os estrangulamentos torções e projeções. Utiliza-se a força do oponente contra ele mesmo. Não há um enfrentamento direto, mas um controle do movimento. Mais um aspecto que pode ser apontado, é o fato de a águia através de suas garras dominar complentamente a presa. De forma similar no Hapkido se treina exaustivamente os pontos de pressão, isto é, a localização exata de um ponto com o qual é possível ter domínio do total do oponente agressor.

Abaixo segue o escudo da Federação Internacional de Hapkido, o escudo da federação cearence de Hapkido, o escudo de uma associação e o escudo do estilo *Sungmookwan* de Hapkido, onde a águia é o principal símbolo. Mas temos também escudos onde o símbolo é o tigre.

O símbolo adotado pela equipe Hunter Tiger de Hapkido de Curitiba, era no seu iníco um tigre, mas hoje não mais, porém na equipe de Boxe que formei no interior do Paraná, onde resido atualmente, e sou *shifu*, eu adotei o Tigre como animal símbolo. Porém outros animais como águia ou até outros símbolos sem ser de animais podem ser adotados, isso depende muito do mestre ou fundador de um estilo de Hapkido.

Logo da Equipe Hunter Tiger de Boxe chinês/Siqueira Campos PR

Logo antigo da Equipe Hunter Tiger de Hapkido

logo atual da Equipe Hunter Tiger de Hapkido/Curitiba/PR

CONCLUSÃO

A suprema arte da Guerra, é derrotar o inimigo sem lutar.

Sun Tzu

Escrever esta Dissertação foi um exercício de reflexão e de mergulho profundo sobre a minha jornada dentro do Hapkido. São aproximadamente quinze anos de prática, dentro da família marcial. É apenas o começo de uma longa e árdua caminhada de dedicação, de resiliência, de abdicações, de disciplina, de decepções, mas sobretudo de aprendizado perene.

Devido à incipiente literatura, meu desejo inicial era investigar, a partir de fontes escritas, de que maneira o Hapkido estava impregnado de ensinamentos místicos, seculares, religiosos, tradicionais, do corpo, da mente, militares e mesmo políticos. Optei, inicialmente, por realizar uma pesquisa a partir de bibliográficas específicas, de obras produzidas em português brasileiro. Mas, diante de algumas dificuldades encontradas, só nos restou então recorrermos a trabalhos produzidos em outros idiomas.

No início dos trabalhos etnográficos e de campo, a sensação foi a de como se não tivéssemos as chaves para abrirmos as portas. Para o aceso ao tema, utilizei autores pioneiros nos estudos de etnografias tais como Marcel Mauss, Robert Hertz, Gama, Gagnon, MacNamara, Pires, Soares, Akira Kurashima, Wacquant, dentre outros, que nos proporcionaram subsídios empíricos concretos. No entanto, o que sempre me mobilizou foi refletir a partir da minha própria experiência como artista marcial.

Devido a esse primeiro obstáculo, e a deficiência quanto às produções literárias nessa temática, surgiu a necessidade de mergulharmos mais fundo em uma perspectiva experiencial. Como praticante de Hapkido eu precisava encontrar as chaves. Antes de empreender a tarefa, não tinha a dimensão exata e a magnitude da relevância do desafio. Nas aulas de Hapkido no ocidente fala-se muito pouco sobre a história, a filosofia ou a concepção corporal e política que estão envolvidas por trás dessa arte marcial. O Hapkido é um sistema de luta muito direto, eficaz tanto para a defesa pessoal, quanto para o combate, ou seja, para a guerra. A máxima dentro Hapkido é “Use a força do oponente, contra ele mesmo”. É um estilo marcial completo. Diferentemente de outros estilos ou técnicas marciais, no Hapkido não há um treino de sensibilização de seus praticantes, mas sim o contrário. Suas técnicas geralmente são aplicadas a pequenas e médias

distâncias. Seus golpes são muito rápidos e contundentes, onde se utiliza todas as partes possíveis do próprio corpo como arma, tais como: os braços, os dedos das mãos, as pernas, a cabeça, os cotovelos, os joelhos, os punhos, e assim cumprir o intuito de tirar de combate o oponente, ou mesmo numa situação extrema, matá-lo.

Durante todos esses anos na minha caminhada dentro do Hapkido, a partir dos encontros dos corpos no tatame, ou fora dele, na teoria, mas, sobretudo nas conversas com os kiosanins e sabonins, e dialógos com meus mentores intelectuais, consegui abrir os olhos e enxergar a extensa resignificação das artes marciais, e a condição de adequação pela qual a mesma teve que passar, ao cruzar os oceanos, levadas pelos mestres pioneiros, até chegar até nós (cf. cap. 1). Apesar da ênfase na eficiência da luta, há no treinamento de Hapkido, práticas outras que não somente a luta corpo a corpo: existem ainda, a meditação, o controle respiratório, e as práticas rituais que permeiam toda as atividades de treinamento etc. Foi como artista marcial, que me tornei sensível e curioso a tudo o que está por trás, e no entorno do Hapkido.

Foi possível constatarmos, durante a pesquisa, que a grande maioria dos estudos acadêmicos sobre várias artes marciais também foram realizadas por pesquisadores (as), na sua grande maioria, também praticantes. Sinto que escrevemos sobre descobertas acadêmicas importantes dentro das artes marciais, em especial do Hapkido, a partir do olhar de um artista marcial.

Como artista marcial, posso afirmar que foi durante a escrita desta dissertação que obtive um melhor entendimento do que é praticar e conhecer a história e as tradições. Mas, sobretudo, de entender a importância de vivenciá-las e não as mutilar. Foi como praticante que resolvi me debruçar no meu próprio processo de treinamento. Foi como um sonhador, que um dia almejou em ser um kiosanin da arte marcial coreana, que vislumbrei o Hapkido como filosofia de vida, e para enfrentar os desafios da vida real, da vida em sociedade. Foi como artista marcial que resolvi mergulhar nas teses, dissertações, artigos e livros dos meus pares. Foi por ter enxergado em seus trabalhos um espaço promissor de ampliação das ideias do que é, e o que envolve uma arte marcial, e seus treinamentos em atuação para a transformação do corpo, como modo de existência de um indivíduo, de um grupo social ou de toda uma sociedade.

Para a escrita desta dissertação, os textos dos pesquisadores que me antecederam em seus trabalhos, me forneceram a dimensão exata da necessidade de questionamentos, tanto quanto às estruturas de poder, das especificidades de cada arte, quanto da compreensão do que envolve a construção de um *habitus*, do corpo, dos princípios éticos, das dimensões materiais, de tempo, e dos

espaços ocupados por estes corpos, na construção social do indivíduo nas mais diferentes situações de treinamento. Para tanto, me detive também na descrição de algumas técnicas corporais (cf. cap. 2). No entanto, este não foi o nosso propósito central, mas sim a busca por realizar uma pesquisa que contemplasse o Hapkido no seu conjunto. Ou seja, como prática, como cosmologia e como experiência.

Ao longo das páginas precedentes, visamos mostrar que o Hapkido, a exemplo de outras artes marciais orientais, não é apenas um sistema de combate puro e simplesmente, mas um sistema de práticas e significados (cf. cap. 3). Ele é, e têm seus próprios métodos que foram desenvolvidos ao longo dos anos. O Hapkido têm uma filosofia abrangente, que envolve todo o ambiente de treinamento, a escola de arte marcial, a equipe de instrução, a filiação a uma linhagem, familiar ou não, o engendramento do corpo, as normas de etiqueta dentro e fora dos tatames e da academia, rituais, até porque são várias, dependendo da origem, do estilo e da escola marcial de origem do artista marcial, códigos de conduta para tudo, votos para com a família, para com os superiores e para com os pares, técnicas de ataque e defesa, treinos e a convivência com os kiosanins, sabonins, Kwan Ja Nims, e as práticas de meditação, conhecimento dos pontos vitais do corpo e das técnicas de respiração, como apresentado acima.

Todo esse conhecimento só pode ser desenvolvido e adquirido, a partir de uma vivência verdadeira e real do corpo, e a partir dessa rede de conhecimento que, diga-se passagem, é uma rede que vive em constante mudança e renovação. Para concluirmos, é possível afirmarmos então, que toda transformação operada nos praticantes, parte das escolhas, das performances, e opera como construção de um novo *habitus*. O Hapkido com a sua filosofia singular, sem dúvidas opera transformações nos seus praticantes, sendo eu uma das provas dessa transformação. No meu caso a arte marcial coreana mudou completamente a minha vida. Ou seja, com todos esses anos de prática, a arte marcial operou uma transformação na minha subjetividade, me transformando no que sou neste momento, um ser humano de visão plural, um ser social mais sensível, sabedor de seus deveres, mas também dos seus direitos e portador de uma consciência política. Ou seja, uma transformação que me permite não só ocupar o meu lugar na sociedade, mas vislumbrar o potencial de influenciá-la e transformá-la positivamente. Hapki

ENTREVISTAS

- Entrevista com mestre James Soares, 3º dan de Hapkido, e fundador da Equipe Hunter Tiger de Hapkido da cidade de Curitiba Paraná, concedida a Sérgio Miguel José, em 28 de outubro de 2023 às 09: 30, nas dependências da Life Energy Academia. Bairro, CIC, Curitiba-Paraná.

- Entrevista com mestre Roberson Leonardo Guimarães Rusyck, graduação 4º dan, fundador da Equipe Double Tiger de Hapkido, da cidade de Pinhais Paraná, concedida a Sérgio Miguel José, em 19 de outubro de 2023, às 21:45, nas dependências do ginásio de esportes da Universidade do Brasil (UniBrasil). Bairro: Tarumã, Curitiba-Paraná.

- Entrevista com o aluno Leonardo Henrique da Silva, graduação faixa vermelha ponta-preta, da Equipe Hunter Tiger de Hapkido da cidade de Curitiba Paraná, concedida a Sérgio Miguel José em 25 de outubro de 2023 às 19: 30 em sua residência. CIC, Curitiba-Paraná.

- Entrevista com o aluno Rondinelli João Albuquerque Rodrigues, graduação faixa- cinza da Equipe Hunter Tiger de Hapkido, da cidade de Curitiba Paraná, concedida a Sérgio Miguel José em 18 de outubro de 2023 às 15: 30, nas dependências da academia Life Energy filial. Bairro, CIC, Curitiba-Paraná.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

BRITO, Celso de. 2010, A Roda do Mundo: Os fundamentos da Capoeira Angola “Glocalizada” Universidade Federal do Paraná, Departamento de Antropologia, Curitiba, nov. 2010.

FILHO Pennacchioni A. Pedro. 2016. Investigação Sobre Medo e Ansiedade nas Artes Marciais. Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita” UNESP. Instituto de Biociências / Educação Física – Rio Claro – São Paulo.

GAMA, Uberto Afonso Albuquerque da. 2021. **Síntese histórica do *Hapkidô* coreano e suas contribuições.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano. 06, Ed. 09, Vol. 06, pp. 153-167. Setembro, 2021.ISSN:2448-0959.Link de acesso: https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao-fisica/hapkido-coreano, DOI: 10.32749/ nucleodoconhecimento.com.br/educacao-fisica/hapkido-coreano.

GAGNON, Sébastian. 2021. “Devenir boxeur” Étude sur l’acquisition de l’habitus pugilistique. Département de Sociologie Faculté des arts sciences; Université de Montréal, mai 2019, (PDF).

HERTZ, Robert. 1980. A preeminência da mão direita. Revista Reigião e Sociedade, número 6, 1980. Tempo e presença editora Ltda. Tradução Alba Zahuar.

KANG & JOHNSON, A. Johnson. 2018. “Ido Movement for Culture. Journal of Martial Arts Anthropology”. Department of Taekwondo, College of Physical Education, Keimyung University, Daegu (Korea). College of Physical Education, Kyung Hee University, Yongin (Korea). John A. Johnson, Department of Taekwondo, Keimyung University, 1095, Dalgubeol- daero, Dalseo-gu, Daegu, Korea.

KURASHIMA, Akira. 2023. Les émotions dans la recherches en sciences humaines et sociales, Press universitaires de Rennes, Stéphane Héas, Omar Zanna. L’articulation de la peur dans l’ethnographie du Tai Chi, 2023, p. 223-248.

LAURENT, Testot. Les arts martiaux, reflets des sociétés. Mensuel nº 194-juin, 2008, Les animaux et nous (PDF).

MAUSS, Marcel. 2019. As técnicas do corpo, Estud. De Sociol, Araraquara, v.24, n.341-350, jul-dez. 2019.

MACNAMARA, D. Joseph. The Effect of Modern Marketing on Martial Arts and Traditional Martial Arts Culture. The Sport Journal, 2008. Thesportjournal.org.Tradução nossa.

MARTA, Ferreira Eduardo Felipe. 2009. A Memória das Lutas ou o Lugar do "DO": As Artes Marciais e a Contrução de um Caminho Oriental para a Cultura Corporal na Cidade de São Paulo, 2009. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC –SP.

NIVARLET, Jean- Jacques. 2008. Le Hapkido, 6º Dan. WHF **(The** World Hapkido Federation) 2008. Tradução nossa.

OLIVEIRA, Guilherme Nanini da Silva. (2013). Dissertação "Ganha Bonito, perde bonito, ": Honra e Corporalidade no Kendo Paulistano. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

PIMENTA, Thiago Farias da Fonseca. 2007. A Constituição de um Sub-Campo do Esporte: O caso do Taekwondo. Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências e Artes, Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Curitiba, 2007.

PIRES, Lucas Alexandre. 2018. Dissertação: Com as próprias mãos: Etnografia das Artes Marciais e da Defesa Pessoal no Treinamento da Polícia Militar. Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. São Carlos, 2018.

ROJO, **FERNANDO** Luís. (2019). SIMONI GUEDES: uma trajetória na Antropologia dos Esportes. Revista antropolítica, n.46. Niterói, 1. Sem. 2019.

SOARES, de Paula Michel. (2018) "Boxe é compromisso" Políticas do corpo, território e histórias de vida de boxeadores na cidade de São Paulo. Universidade de São Paulo Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Departamento de Antropologia, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social.Versão corrigida São Paulo, 2018.

WACQUANT, Loïc. Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Tradução, Angela Ramalho. Editora: Relume Dumará, Rio de Janeiro, 2002.

WACQUANT, Loïc. Esclarecer o Habitus: Sociologia & Linguagem, ano 10 nº16, p.63-71, jul-dez. 2007

FONTES DIGITAIS

https://comunidadeescola.curitiba.pr.gov.br/noticias/parceria-apoia-aulas-de-hapkido-na-escola-dario-vellozo/205

https://www.conjur.com.br/2023-mar-08/ronaldo-lago-lei-geral-esporte-ensino-artes-marciais

http://www.imcjournal.com/index.php/en/home

https://books.openedition.org/pur/150367?lang=en

https://www.calendarz.com/pt/on-this-day/february/26/empire-of-japan

https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?q=artes+marciais+disserta%C3%A7%C3%A3o+

https://nanu.blog.br/pai-mei/

https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/cic-tem-mais-moradores-que-cidades-como-guarapuava-e-paranagua/42472

https://www.mundoboaforma.com.br/qigong-o-que-e-e-quais-os-seus-beneficios/

https://hapkidobrasil.com.br/2019/01/28/o-simbolo-da-aguia-no-hapkido/

https://revistakoreain.com.br/2023/08/por-que-o-tigre-e-o-animal-simbolico-da-coreia-do-sul/

https://hapkidobrasil.com.br/2019/01/28/o-simbolo-da-aguia-no-hapkido/

https://revistakoreain.com.br/2016/07/historia-do-taekwondo-esporte-olimpico-coreano/

https://taekwondofred.blogspot.com/2012/06/significado-das-cores-das-faixas.html

https://taekwondofloreskim.jimdofree.com/taekwondo/hosinsul-defensa-personal/

https://ibam.art.br/ji-han-jae/

https://hapkidojbk.com.br/estilo-jik-bu-kwan/o-que-e-o-hapkido-jik-bu-kwan/

https://medium.com/o-hapkido-ki-yu-kwan/sobre-o-estilo-ki-yu-kwan-10b3cf6f9400

https://www.lifecraftasia.com/hapkido

https://www.shinmoohapkido.com/history

https://www.durhamhapkido.com/bum-moo-1

https://kwansonsutkdcomunicacao.blogspot.com/2012/04/importancia-do-hosinsul-para-o.html

APÊNDICE: BIOGRAFIA DOS PRINCIPAIS MESTRES DO HAPKIDO COREANO

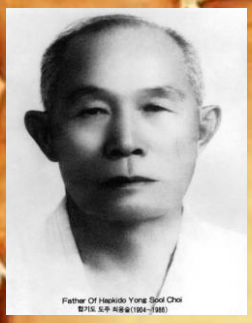
Ji Han –Jae com Bruce Lee

JI HAN- JAE

Andong Coréia 1936 (76 anos)

No ano de 1962 **Ji Han- Jae** inaugurou uma nova escola de Hapkido no centro comercial Hwa Shin. Pouco depois da inauguração, **Ji** foi recrutado como instrutor para a segurança do novo presidente coreano, General Park Chung Hee. No ano de 1969, **Ji** já ensinava Hapkido no FBI e nos serviços secretos americanos, encarregados da seguranças dos presidentes americanos. Em 1974 após uma temporada na Alemanha, decide se instalar definitivamente nos Estados Unidos, onde cria o estilo Sin Moo Hapkido, que será associado mais tarde à sua imagem.

(Loesch, 2017, tradução nossa).



YONG SOOL CHOI

Yong Sool Choi nasceu no ano de 1904 e faleceu no ano de 1986.Quando **Choi Yong Sool** nasceu, a **Coréia era um Império em decadência.** Após o colapso do Império coreano, os japoneses invadiram o país vizinho e impuseram anos de terror ao povo coreano. O **Império japonês** iniciou-se em **1910** e **durou até o final da segunda guerra mundial.** Porém o **início da dominação do Império japonês na Coréia teve seu início bem antes, ainda em 1876.** O Hapkido de **Choi** foi fortemente **influenciado pelo Daito-Ryu Aiki – Jutsu japonês**, durante os trinta anos que ficou no Japão, **Choi** treinou essa **arte marcial japonesa** durante o tempo que permaneceu no país. No Japão, **Choi** recebeu outro nome devido ao forte preconceito japonês com o povo coreano, o nome de **Choi** no Japão era **Tatujutu Yoshida**. Graças a uma luta para defesa pessoal vista por um faixa -preta de **Judo**, e diretor da empresa **Suh-Brasserie** senhor **Suh Bok Sup**, e a convite do mesmo, **Choi** teve a oportunidade de apresentar o que havia aprendido no Japão com mestre **Takeda**. Em 1951 **Choi e Suh** tiveram a ideia brilhante de abrirem uma escola aberta sob o nome de **Yu Kwon Sool Hap Ki Dojang,** e **Suh** foi o primeiro aluno de **Choi** em solo coreano, após o seu retorno à Coréia. **Suh** apresentava a sociedade coreana como muito violenta, e como empresário aproveitou a situação para apresentar o seu estilo, após ser contrato como **guarda-costa** do pai de **Suh**, que era um **deputado eleito**, e isso tudo permitiu a **Choi**, apresentar e promover a sua técnica e estilo (LOESCH, 2017, p.1, tradução nossa).